

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Héctor Luis Baz Reyes**

**MULHERES ACADÊMICAS E A ARQUITETURA DO  
DISCURSO “CONCILIADOR”: ENTRE A FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL E A FAMÍLIA**

**Taubaté-SP**

**2018**

**Héctor Luis Baz Reyes**

**MULHERES ACADÊMICAS E A ARQUITETURA DO  
DISCURSO “CONCILIADOR”: ENTRE A FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL E A FAMÍLIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

**Taubaté – SP**

**2018**

**Héctor Luis Baz Reyes**

**MULHERES ACADÊMICAS E A ARQUITETURA DO  
DISCURSO “CONCILIADOR”: ENTRE A FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL E A FAMÍLIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dr<sup>a</sup>.: Claudete Moreno Ghiraldelo (Universidade de Taubaté)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>.: Emari Andrade de Jesus (Universidade de Taubaté)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professor Dr.: Carlos Roberto da Silveira (Universidade São Francisco)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha mãe, uma das tantas mulheres latino-americanas que não recebeu educação formal, porque as circunstâncias decretavam, que outro seria seu destino.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que dedicaram seu tempo para que eu pudesse estudar, em especial a Élcio Roefero que soube ser um pilar importante no início do processo.

Às anônimas mulheres acadêmicas que abriram seu coração e fizeram possível meu trabalho.

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão e estímulos constantes.

Aos colegas do mestrado em Linguística Aplicada, especialmente as mulheres, que são exemplo de luta e desobediência e, a partir de agora, as minhas referências de mulheres acadêmicas.

Às professoras e professores das diferentes disciplinas ministradas em 2017 que doaram o mais importante que a docência tem, respeito e amor pelos desejos dos outros.

Às professoras Eliana Vianna Brito Kozma e Emari Andrade de Jesus pela dedicação e excelentes orientações recebidas no exame de qualificação que permitiram novos olhares no desenvolvimento do meu trabalho.

A Monique Baraúna, colega, apoiadora e crítica incisiva da minha pesquisa que soube equilibrar de maneira deliciosa, amizade e profissionalismo.

À admirável Professora Claudete Moreno Ghiraldelo pela altruísta dedicação, sem horas impróprias nem detalhes irrelevantes, pessoa “finíssima” que soube estimular cada passo da minha jornada com profissionalismo e respeito constantes.

El modo en que cada sujeto concibe y practica las relaciones de género está mediado por todo un sistema de representaciones que articula la subjetividad a través de prácticas sociales y formas culturales. Los signos "hombre" y "mujer" son construcciones discursivas que el lenguaje de la cultura proyecta e inscribe en el escenario de los cuerpos.

(Nelly Richard, 2016)

## RESUMO

O tema desta pesquisa é sobre mulheres acadêmicas que em seus dizeres materializam discursos “conciliatórios”, com o intuito de justificar os conflitos entre a família e seus desejos pessoais de superação profissional. Identificamos, nesses dizeres, uma referência implícita ao controle por parte do poder patriarcal que evidencia uma luta constante entre o desejo de superação e as exigências concretas e simbólicas do seu entorno familiar, aspectos que justificam a necessidade de uma abordagem analítica de tais dizeres. Na nossa exposição, o termo “conciliador” refere-se ao tipo de discurso criado pela mulher como sujeito histórico inserido em diversos contextos sociais e pautado pela subjetividade, para justificar seus fracassos, frustrações, desistências ou sucessos e está carregado de referências ao mencionado poder patriarcal que se torna normativo. O nosso objetivo é identificar e analisar nos dizeres das mulheres participantes, 33 depoimentos, os discursos que procuram conciliar e justificar a relação entre a vida acadêmica e os requerimentos familiares, conforme a perspectiva do poder patriarcal, assim como identificar os discursos que permitem reconhecer a forma velada em que o poder patriarcal se manifesta. A abordagem teórica que sustenta a pesquisa é discursiva, mantendo como foco central o poder e o disciplinamento, (FOUCAULT, 2011b [1975]), as formas de subjetivação, (FOUCAULT, 2010 [1984]) e o desejo, (BUTLER, 2010b). A pesquisa se desenvolve dentro do paradigma qualitativo, tendo como recurso para a coleta de dados a elaboração de um fórum *online* com perguntas abertas em que as participantes brasileiras, voluntariamente, respondem e comentam questões sobre a sua experiência acadêmica. Os resultados revelam diversas realidades na relação que a mulher estabelece com a família, como, por exemplo, a naturalização de que o lugar da mulher é na casa cuidando dos filhos e do cônjuge. Esperamos que esta investigação ofereça bases teóricas relevantes no que se refere aos estudos sobre o discurso da mulher e as suas implicações no contexto brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher acadêmica e trabalho; mulher acadêmica e família; patriarcalismo e mulher; abordagem discursiva.

## ABSTRACT

This paper explores academic women and how their speech materializes “conciliatory” discourses aiming at justifying the conflicts between their families and their personal wishes of professional development. It is possible to identify, in their speech, an implicit reference to patriarchal power that highlights a constant struggle between the wish for advancement and the concrete and symbolical demands of their family environment, aspects that justify the need for an analytical approach to their speech. The term “conciliatory” refers to a type of discourse created by women as historical subjects inserted into different social contexts and guided by subjectivity to justify failures, frustrations, withdrawals or successes and is loaded with references to patriarchal power that has become normative. Our goal is to identify and analyze, in the speech of participation women, 33 depoiments, the discourses that aim at justifying and conciliating the relationship between academic life and the demands of family life, according to the perspective of patriarchal power, as well as identifying discourses that allow us to recognize the veiled manner in which patriarchal power manifests itself. The theoretical approach that supports this paper is discursive with a central focus on power and disciplining (FOUCAULT, 2011b [1975]), the forms of subjectivation (FOUCAULT, 2010 [1984]), and desire (BUTLER, 2010b). This research was conducted under the qualitative paradigm, resourcing to data collection through an online forum with open questions in which the brazilian participants voluntarily answer and comment on topics related to their academic research. The results reveal diverse realities in the relationship women stablish with their families, such as the naturalization that a women’s place is in the home taking care of their children and husbands. We expect this research to offer relevant theoretical basis to studies about the speech of women and its implications in the Brazilian context.

**Keywords:** Academic women and work, academic women and family, women and patriarchy, discursive approach.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estrutura sintática recorrente em 12 depoimentos sobre a pergunta 1	67
Tabela 2: Estruturação de uma resposta	72
Tabela 3: Efeitos de sentido que podem ser atribuídos às palavras e expressões	75
Tabela 4: Formas de significação identificadas com o discurso patriarcal	90
Tabela 5: Principais contratempos que as participantes enfrentaram	97
Tabela 6: Principais requisitos para conciliar família, estudos e trabalho	100
Tabela 7: Apoio recebido na sua formação	104
Tabela 8: Situação da mulher acadêmica para que a conciliação aconteça	106

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acesso ao site <i>Forumeiros.com</i>	63
Figura 2 - Primeira e segunda pergunta apresentadas no fórum	64
Figura 3 - Sequência discursiva 1	69
Figura 4 - Sequência discursiva 2	71
Figura 5 - Sequência discursiva 3	79
Figura 6 - Sequência discursiva 4	94
Figura 7 - Sequência discursiva 5	94
Figura 8 - Sequência discursiva 6	108
Figura 9 - Sequência discursiva 7	113

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de conjunções adversativas, locuções conjuntivas ou expressões de igual valor semântico	68
Gráfico 2 - Percentual de expressões afirmativas	68
Gráfico 3 - Percentual do tipo de contratempo	99
Gráfico 4 - Percentual do tipo de requisito para conciliar família, estudos e trabalho	102
Gráfico 5 - Percentual de apoio que recebem ou gostariam de receber	103
Gráfico 6 - Relação numérica do apoio recebido pela pós-graduanda	105

## LISTA DE ABREVIATURAS

**CeRP** - Centro Regional de Profesores

**CICTED** - Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento

**CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**CUDS** - Colectivo Universitario de Disidencia Sexual

**D.** - Depoimento

**FLACSO** - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales

**GEA** - Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPA** - Instituto de Profesores Artigas

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**p.** - Pergunta

**P.** - Primeira

**S.** - Segunda

**UARCIS** - Universidad de Artes y Ciencias Sociales

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UNITAU** - Universidade de Taubaté

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>CAPÍTULO I:</b>	
<b>Da “liberdade” à sujeição dos corpos: desejo e formas do disciplinamento</b>	23
1.1. O Poder	23
1.2. O desejo	25
1.3. O disciplinamento	27
1.4. Os micropoderes e a desobediência dos corpos	30
1.5. A culpa	33
1.6. O silêncio	35
1.7. A negação	36
<b>CAPÍTULO II:</b>	
<b>Mulheres brasileiras: do “papel do Outro” à academia</b>	37
2.1. História da relação entre o trabalho, a escola e a família	38
2.2. No momento de desejar	45
2.3. O limiar desse país bendito	48
2.4. Uma aproximação à realidade da mulher acadêmica no Brasil atual	52
2.5. A mulher-feminina-mãe	54
<b>CAPÍTULO III:</b>	
<b>O discurso “conciliador”: as possibilidades enunciativas</b>	58
3.1. Constituição do <i>corpus</i>	59
3.2. Quando o “conciliar” visa o “conceder”	64
3.3. Quando a “obrigatoriedade” radica no verbo	74
3.4. “Tudo que temos que fazer”	86
3.5. A negação	94
<b>CAPÍTULO IV:</b>	
<b>As formas do dizer na atribuição dos valores de verdade</b>	96
4.1. Contratempos contra o tempo: a longa caminhada interrompida	97
4.2. Matar o desejo: a aceitação final dos empecilhos	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	116
<b>REFERÊNCIAS</b>	123
<b>APÊNDICE A:</b> Termo de consentimento livre e esclarecido	126
<b>APÊNDICE B:</b> Respostas da primeira e segunda pergunta do fórum	128

## INTRODUÇÃO

Durante nosso percurso profissional muitas foram as instâncias nas quais discutimos o acesso de mulheres à formação superior em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, além da possibilidade de uma educação gratuita e de qualidade que possibilitasse a obtenção de melhores condições de trabalho, pesquisa e formação continuada. O nosso estudo sobre como se constrói o discurso “conciliatório” da mulher acadêmica a partir do conflito entre seus desejos de superação profissional e as suas “responsabilidades” familiares, assumidas como exclusivas da sua condição de mulher, se iniciou como questionamento a partir da própria experiência na carreira docente e nos processos posteriores de formação em pós-graduações e no atual mestrado em Linguística Aplicada, na Universidade de Taubaté. O termo “conciliador” refere-se ao tipo de discurso criado pela mulher como sujeito histórico inserido em diversos contextos sociais e pautado pela subjetividade, para justificar seus fracassos, frustrações, desistências ou sucessos e está carregado de referências ao mencionado poder normativo. É utilizado entre aspas porque entendemos que existe uma ressignificação do sentido que implica um acordo entre as partes para o sentido de ceder, conceder e renunciar.

Utilizaremos o termo “desejo” no sentido mais comum do seu uso, como sinônimo de “vontade”, em toda a dissertação. A palavra “responsabilidade”, assim como outros sinônimos, é destacada entre aspas com o sentido relativo de uma obrigação que não é exclusiva da mulher, porém, assumida por ela como natural e própria da sua condição a partir dos inúmeros dispositivos institucionais – disciplinadores – e estratégias discursivas, conforme Foucault (2011b [1975]).

O nosso arcabouço teórico e de experiências sobre assuntos vinculados à situação da mulher nas sociedades contemporâneas, interesse conjunto do ativismo feminista que sustenta parte da nossa base teórica, surgiu com as recorrentes leituras dos autores representativos do pós-estruturalismo, a partir dos grupos de estudo que se conformaram em 1996, no *Instituto de Profesores Artigas* em Montevideu, Uruguai, e, posteriormente, no *Centro Regional de Profesores de Salto*, Uruguai, na licenciatura em *Lengua y Literatura*. Os acalorados debates acompanhavam as discussões sobre educação e teorias linguísticas e foram complementados com estudos especializados sobre Educação da Sexualidade, políticas públicas e na pós-graduação sobre *Pensamiento Latinoamericano* na *Universidad de Artes e Ciências Sociais*, em Santiago do Chile, em 2011.

Os estudos sobre gênero e o papel da mulher em contextos falocentristas, principalmente aqueles vinculados ao mundo acadêmico, tornaram-se alvo de observações e análises inconclusos até o momento. Conforme Butler (2010b), o termo “falocentrista” denota a dominação masculina, entendendo o “falo” na representação de ser sempre identificado como o único ponto de referência e como símbolo que valida uma realidade cultural. A mulher é identificada na relação com o homem e a partir dos discursos que o tornam o centro das representações. O discurso é falocêntrico quando se organiza e exterioriza por meio das identificações com o masculino.

Desses contextos, cabe destacar experiências em Uruguai, Chile, Argentina e Brasil, onde foi possível perceber as dificuldades que as mulheres formadas na docência, e que estavam atuando no sistema público, tinham para continuar cursando cursos de pós-graduação ou, inclusive, para prestar concursos públicos com o intuito de aceder a cargos superiores. Consequentemente, e a partir dessas experiências, foi possível compreender que por circunstâncias históricas, nos contextos sociais latino-americanos, a mulher está condicionada a uma construção discursiva de origem patriarcal nos ambientes acadêmicos e laborais, que a própria mulher reproduz de forma conciliatória no momento de escolher entre a sua formação acadêmica ou profissional e a sua “responsabilidade” familiar.

Aquilo que com o tempo tornou-se cada vez mais consolidado na nossa reflexão, a partir das primeiras experiências como professor de Educação da Sexualidade no Uruguai, nos primeiros circuitos sobre dissidência sexual na Universidade do Chile, em 2010, e nas posteriores discussões sobre aborto, educação da sexualidade e feminismo, consolidou um primeiro encontro com a realidade das mulheres e o mundo acadêmico. Agora no Brasil, a partir da necessidade de compreender e analisar um discurso recorrente nos diversos âmbitos e modalidades da formação superior, a pesquisa consolida o interesse e procura um primeiro passo para a obtenção de resultados.

Foi a partir das primeiras instâncias de diálogo com professores, colegas e nas aulas da orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudete Moreno Ghiraldelo, quem nos aproximou às teorias essenciais para a nossa pesquisa na disciplina *Análise do Discurso: conceitos básicos, constituição de corpus e procedimentos de análise*, que foi possível estruturar um projeto de pesquisa que estava latente nas vivências e nos tímidos ensaios produzidos, tomando forma a partir de um planejamento rigoroso e analítico durante o ano de 2017. Nessa aproximação, consolidamos os primeiros conceitos e noções substanciais da abordagem analítica, destacando: “poder”, “gênero”, “patriarcalismo”, “modos de subjetivação”, “forma-sujeito”, “posição-sujeito”, “fala

e posicionamento”, “memória discursiva”, “acontecimento discursivo”, “atualização e deslocamento do sentido”, conceitos e noções que são apresentados e discutidos durante o desenvolvimento dos capítulos.

Os registros do *corpus* foram obtidos a partir da criação de uma conta no *site Forumeiros.com*, plataforma virtual que possibilitou a interação das participantes a partir de duas perguntas que foram formuladas para incentivar a exposição de relatos. O fórum se organizou em duas instâncias e foi possível o registro de 33 depoimentos de mulheres que fizeram, ou estavam fazendo nesse momento, uma pós-graduação.

O nosso objetivo é identificar e analisar nos depoimentos produzidos pelas mulheres participantes desta pesquisa os discursos que procuram “conciliar” e justificar a relação entre a vida acadêmica e os requerimentos familiares, conforme a perspectiva do poder patriarcal, assim como identificar os discursos que permitem reconhecer a forma velada em que o poder patriarcal se manifesta; a forma em que os sentimentos de culpa e frustração se relacionam com a sobrecarga de tarefas que a mulher considera de sua “responsabilidade”, conjuntamente com aqueles discursos que posicionam a mulher como responsável direta do bem-estar familiar e como causante de conflitos quando procura satisfazer seus desejos como profissional.

Quando nos referimos à forma velada em que os discursos se apresentam, estamos identificando formas não explícitas, porém, disseminadas sutilmente ao longo dos depoimentos em que o poder patriarcal atua, sendo reproduzidas pelas mulheres em sequências que se repetem na maioria das respostas. O caráter velado implica a não percepção, por parte das mulheres depoentes, daquilo que é manifestado e produzido, contendo outros discursos históricos que fundamentam dizeres do patriarcalismo. Poder identificar a forma em que esses discursos se apresentam, nos permite, também, fazer uma leitura detida de como as mulheres expõem os sentimentos de culpa e frustração, ao mesmo tempo em que esses próprios sentimentos são justificados quando estão relacionados com a sobrecarga de tarefas e com a família.

Esta pesquisa procura levar à superfície da análise discursiva uma série de padrões que consideramos, numa primeira instância, previsíveis e constatáveis por meio da abordagem da Análise do Discurso de linha francesa, porém, não foi suficiente uma única aproximação, principalmente porque necessitávamos conhecer os aspectos históricos presentes nos primeiros resultados, aparentemente conclusivos, mas delimitados pelo próprio universo complexo das mulheres participantes da pesquisa.

Já de posse de alguns depoimentos, elaboramos uma comunicação intitulada *Estado da arte - Mulheres acadêmicas: a arquitetura do discurso conciliador*, a fim de expor alguns



resultados, bem como pôr o tema da pesquisa em discussão. Em 2017, realizamos a apresentação do estudo da arte vinculado com a nossa pesquisa, desenvolvida no *VI Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento* na Universidade de Taubaté e identificamos alguns estudos específicos sobre o tema que nos permitiram avançar na problemática da mulher na sociedade contemporânea desde outras perspectivas, como a mulher no trabalho, os salários recebidos pelas mulheres (em geral, menores que os dos homens), a situação da mulher negra ou a gravidez indesejada.

O primeiro artigo, de Bruschini e Ricoldi (2009), intitulado *Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda*, tem como objetivo analisar a administração das dificuldades e dos conflitos que surgem na vida cotidiana de mulheres que trabalham fora de casa e têm responsabilidades familiares, aspectos que foram relevantes para conhecer a realidade de uma classe social específica e para a discussão sobre os conceitos de trabalho doméstico, divisão sexual do trabalho doméstico, uso do tempo em afazeres domésticos e a conciliação do trabalho com a família e as políticas sociais que contribuem para que exista essa conciliação, como são aquelas voltadas à construção de creches e espaços de lazer para as crianças.

Sobre o conceito de “afazeres domésticos” a pesquisa nos permitiu avançar sobre a identificação de tarefas que são historicamente associadas com o papel da mulher no lar, atribuídas a elas como característica essencial, relacionadas com o bem-estar dos indivíduos que formam parte da família. O tema dialoga com a nossa pesquisa de forma direta e nos apresenta também uma realidade muito significativa sobre o papel da mulher como responsável do bem-estar emocional dos filhos e da sua educação. Dessa forma, conseguimos identificar o grau de relevância social na exclusiva atribuição feminina de atividades do lar e como responsável direta da saúde física e mental dos filhos, questões que não se limitavam à gravidez ou apenas aos cuidados das crianças.

O artigo foi significativo para nossa pesquisa porque forneceu informação fundamental para compreender os porquês das incertezas quando a mulher decide iniciar estudos de pós-graduação. Também nos incitou para o conhecimento dos aspectos históricos que determinaram esses papéis sociais tão arraigados na sociedade brasileira, principalmente aqueles vinculados com tradições, religião e as classes sociais.

O segundo artigo, de Magalhães e Silva (2010), intitulado *A mulher no trabalho, na família e na universidade*, tem como objetivo desvelar a situação da universitária no mercado de trabalho e explicar as implicações que essa inserção tem na sua vida, no aspecto familiar, acadêmico e pessoal. Esse artigo trouxe elementos importantes para a nossa pesquisa porque

ampliou a perspectiva voltada para os estudos de gênero e, especificamente, porque tem como foco a mulher universitária, aspecto relacionado com o nosso campo de estudo.

Um dos temas destacados remete à análise histórica realizada pelas autoras sobre a condição da mulher no Brasil com relação ao trabalho e o aproveitamento com os estudos, mencionando a constante luta contra a precarização dos sistemas públicos e custos com educação e saúde. Cabe mencionar a ênfase que se realiza sobre o número de mulheres que desde a década de 1970 estão aproveitando os espaços educativos, característica que vem aumentando na América Latina e que gera novos conflitos e necessidades que as sociedades ainda não conseguem suprir em relação com o papel social atribuído à mulher nas relações familiares.

Desse artigo também destacamos a abordagem realizada sobre a situação da mulher desde uma perspectiva patriarcal que evidencia a dominação e a naturalização do gênero feminino preso à família, como uma forma de controle e exclusão, dificultando dessa forma seu acesso aos mesmos espaços sociais que o homem usufrui com maior acessibilidade.

O próximo trabalho relevante para a nossa pesquisa, de Santos (2010), intitulado *Trabalho, família e vida pessoal: a presença e a contribuição das mulheres na academia, vis-a-vis a de seus colegas homens, uma abordagem crítico-dialética*, tem como objetivo analisar a participação das mulheres nas instâncias acadêmicas, principalmente em relação com os espaços compartilhados com homens, escolhas, acesso a bolsas de estudo e oportunidades de acesso ao poder. No artigo se evidenciam aspectos sobre a sub-representação de mulheres nas áreas científicas e tecnológicas e as políticas sociais que procuram a redução das brechas de gênero em busca de igualdade e oportunidade para as mulheres.

Desse estudo destacamos a análise que se realiza sobre os caminhos da mulher na luta para alcançar espaços enquanto compreende que existe uma exigência social que a determina como feminina-mulher-mãe e, ao mesmo tempo, entra em conflito com a sua vontade de ser profissional em papéis e espaços que historicamente são “propriedade” dos homens. A sua leitura nos permitiu conhecer de que forma estão determinadas as relações que se estabelecem a partir das instituições que exercem o poder patriarcal e a reais possibilidades de mudança nas relações de gênero que dependem de aspectos de subjetividade e identidade, assim como de uma transformação nos processos de socialização entre homens e mulheres que compartilham os mesmos espaços públicos e privados.

Outro aspecto importante da pesquisa aponta que as mulheres com níveis educacionais mais altos geralmente têm mais capacidade de melhorar a própria qualidade de vida e a de suas famílias, tendo melhores condições para se beneficiar das oportunidades existentes e dos

serviços disponíveis, gerando oportunidades, alternativas e estruturas de apoio. A consequência da sua educação se manifesta de formas diversas, aumentando o potencial de geração de renda, a sua autonomia nas decisões pessoais, o controle sobre a própria fertilidade e uma maior participação na vida pública. Dados que também podemos analisar como aspectos conflitivos na relação com os homens, principalmente quando pensamos em mulheres que começam a tomar decisões sobre suas vidas, confrontando o poder patriarcal, o que nos leva a outros temas que consideramos de muita relevância como são a dominação patriarcal e a discriminação de gênero, que restringem o acesso da mulher a espaços de poder e que têm origem nos papéis atribuídos a homens e mulheres na família, afetando as relações de trabalho e os próprios espaços acadêmicos.

Outros estudos trouxeram novas abordagens sobre temas relacionados com a nossa pesquisa, contudo, não identificamos textos que tivessem como foco principal a mulher acadêmica na pós-graduação. A maioria das pesquisas referenciadas tratam o tema da mulher e a relação trabalho-família e também: mulheres negras e brancas na história do Brasil; análise histórica contemporânea das mulheres no Brasil; políticas públicas e de gênero. De forma resumida, identificamos: a existência de uma reduzida análise sobre o discurso elaborado pela própria mulher acadêmica; escassas referências à elaboração do discurso conciliador; limitadas referências à Análise do Discurso de linha francesa; presença do interesse pela relação mulher-trabalho.

Quando iniciamos a coleta de registros do *corpus*, a partir dos primeiros objetivos elaborados e as leituras realizadas, encontramos textos espontâneos e breves, em alguns casos, e muito elaborados e extensos, em outros, aspectos que proporcionaram um material de análise suficiente e complexo desde as primeiras instâncias, o que nos fez reduzir o tempo da coleta e nos permitiu melhor análise dos registros. A leitura dos primeiros registros confirmou alguns pressupostos que permitiram realizar um recorte específico da base teórica que pretendíamos utilizar, inconclusa antes de conhecer o material de análise. Consideramos, a partir das primeiras aproximações, que seria imprescindível um olhar histórico sobre aspectos constitutivos da relação entre a mulher, a família e o trabalho no contexto brasileiro, revisão que ofereceria bases sólidas sobre conceitos que Foucault (2011a [1976]) expõe sobre modos de subjetivação e as formas de subjetividade, o poder e o disciplinamento, e a análise que Butler (2010b) apresenta sobre o desejo e a repressão. Segundo as reflexões de Butler, o “desejo” leva adiante o movimento, a força, para uma identidade do sujeito e a substância, movimento no qual o mundo aparece como uma criação humana ratificada por meio do reconhecimento intersubjetivo. A autora destaca o carácter produtivo do “desejo” que antecipa a ideia da

performatividade em trabalhos posteriores. Por esse motivo, o “desejo” será utilizado como sinônimo de “vontade”, levando o sujeito para o intento de transcendência.

Após a leitura das respostas no fórum, percebemos a importância de incluir os estudos de gênero, sob a ótica de Judith Butler, na nossa dissertação, marco teórico fundamental se procurávamos compreender de que forma os enunciados das participantes foram arquitetados, destacando a necessidade de uma análise complementar onde também se discutisse as performances femininas nos distintos papéis – como profissional, cônjuge e mãe – e contextos mencionados pelas participantes, algumas declarando violência simbólica por parte de seus cônjuges, vinculada a ciúmes e separações.

Como destacam Stecanela e Ferreira (2011), a violência se percebe como uma característica idealizada da masculinidade, ou seja, uma das formas recorrentes que os homens têm para produzir masculinidades e que atua por meio de *performances* perante uma audiência na qual os homens procuram demonstrar que são homens para outros homens. Conforme os autores, a violência contra os seus parceiros íntimos é uma das situações na qual os homens utilizam a violência, especialmente nos casos em que sentem ameaçada a posição que ocupam na família, a sua autoridade ou quando se sentem desafiados e expostos.

A abordagem que procurávamos para esta dissertação tinha agora uma primeira estrutura, capaz de orientar a nossa análise dos registros do *corpus* de maneira mais consistente, considerando a história das mulheres no Brasil, análise crítica que traria uma perspectiva social e contextualizada das diversas realidades no país, conforme classes sociais e níveis de escolaridade. Esses aspectos foram fundamentais para compreender o papel social adjudicado historicamente à mulher com relação à família e permitiram que elaborássemos um perfil familiar condicionado aos valores patriarcais que adjudicaram papéis para as mulheres e para os homens dentro dessa conformação, orientados pelos aportes significativos de diversos autores, compilados por Mary del Priore (2017). Essa abordagem também nos permitiu uma maior compreensão sobre as lutas sociais, as reivindicações e uma visão atual da vida conjugal, em que muitos desses perfis ainda se mantêm e se reproduzem.

Um segundo aspecto, os estudos de gênero, trouxe questões sobre os limites materiais e discursivos do sexo, como expressa Butler (2008), no sentido das normas culturais que governam a materialização dos corpos e que determinam certos papéis e *performances*, sendo o “sexo” uma categoria pertencente ao “ideal regulatório”, como prática regulatória que produz os corpos que governa e que se manifesta como poder produtivo, em consonância com os postulados de Foucault (2011b [1975]) sobre a noção de poder. Essa exposição sobre a norma

e a materialização através do tempo permitiu uma análise sincrônica de uma realidade em transformação, porém, consolidada e mantida por meio das normas e da sujeição.

Quando percebemos a necessidade de trazer os estudos de Judith Butler, identificamos um enquadre adequado para o estudo dos dizeres das mulheres acadêmicas que participaram no fórum, primeiro porque observamos que existia um discurso performativo, não singular nem deliberado, que procurava por meio de reiteraões e referências conhecidas, clichês, reproduzir uma série de discursos que produziam os efeitos que nomeavam. Nas palavras de Butler (2008), as normas reguladoras do “sexo” atuam de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e “não haverá forma de interpretar o ‘gênero’ como uma construção cultural que se impõe sobre a superfície da matéria, entendida como ‘o corpo’ ou como seu sexo determinado. [...] a materialidade do corpo não pode se conceber independentemente da norma reguladora”. (BUTLER, 2008, p. 18 [tradução nossa]).

Ainda foi possível analisar e evidenciar discursos prévios por meio dos enunciados revestidos de um certo grau de presença repressiva. Foucault (2017 [1969], p. 31) insiste nessa continuidade do discurso como ponto de partida para a análise, afirmando que: “É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares”.

De forma sintética, e a partir do histórico citado sobre o processo de elaboração da presente dissertação, apresentaremos a estrutura geral do nosso trabalho, que consiste em quatro capítulos, além desta *Introdução* e das *Considerações Finais*. No primeiro capítulo, intitulado *Da “liberdade” à sujeição dos corpos: desejo e formas do disciplinamento*, será apresentada a fundamentação teórica que sustenta o nosso trabalho, dialogando intimamente com os autores que prescrevemos nesta introdução. Nele discutimos o conceito de “poder” desde a perspectiva foucaultiana e de outros autores que se baseiam nos seus estudos, assim como aqueles conceitos-chave que orbitam a sua complexa incidência social.

O segundo capítulo, intitulado *Mulheres brasileiras: do “papel do outro” à academia*, abraça de forma sucinta alguns períodos da história das mulheres no Brasil e, como já adiantamos, trata-se de uma importante aproximação à realidade social, política e cultural das mulheres que, de alguma forma, tornam-se o passado próximo e influente de uma realidade atual que ainda mantém muitos vestígios vinculados com a moral, os bons costumes, os estereótipos femininos, a mulher negra e a escravidão, a mulher indígena, a mulher burguesa, a mulher rural e a mulher trabalhadora, e uma série de outras mulheres protagonistas, vítimas da

conflitante relação com o patriarcalismo, a moral religiosa, a obediência familiar e seu papel como cuidadora do lar.

O terceiro capítulo, intitulado *O discurso “conciliador”: as possibilidades enunciativas*, apresenta como se deu a coleta do *corpus* e a análise discursiva dos dizeres das mulheres acadêmicas, participantes do fórum que foi criado para essa etapa da pesquisa e que teve duas perguntas e um total de 33 depoimentos, como já foi dito acima. Nesse capítulo, revisamos os objetivos gerais e específicos e fazemos referência a estudos sobre a situação atual da mulher no Brasil, vinculados ao trabalho e a sua formação acadêmica. Posteriormente, especificamos de que forma foi criado o fórum, assim como as questões norteadoras, os convites para a participação e o universo da pesquisa, a justificativa para as perguntas realizadas e os cuidados na exposição da informação. Na seguinte instância, apresentam-se os resultados obtidos, quantidade de respostas por pergunta e os tipos de leituras iniciais do material coletado, sendo necessária a elaboração de quadros que exibem os resultados de forma discriminada, seguindo critérios de análise, gráficos e citações diretas dos próprios depoimentos. A partir da estruturação da informação obtida, inicia-se o processo de análise, seguindo critérios já mencionados e justificados na fundamentação teórica, a saber: morfológicos, gramaticais, semânticos, ilocutórios, perlocutórios, discursivo-ideológicos, entre outros, culminando na conclusão parcial da primeira pergunta.

No quarto capítulo, intitulado *As formas do dizer na atribuição dos valores de verdade*, apresentamos as participações que surgiram como resposta à segunda pergunta disponibilizada no fórum. No começo, serão analisadas as variáveis que são percebidas como contratempos que surgiram no processo de formação acadêmica das mulheres participantes e, posteriormente, finalizaremos com um estudo comparativo de dois depoimentos considerados relevantes nesse capítulo.

## CAPÍTULO I

### Da “liberdade” à sujeição dos corpos: desejo e formas do disciplinamento

Na nossa dissertação, “poder” e “desejo” serão dois temas recorrentes. O poder, relacionado especificamente com o poder patriarcal e o desejo, vinculado com a vontade da mulher acadêmica em querer realizar uma pós-graduação, como já mencionamos na *Introdução*. A nossa fundamentação teórica procura dialogar com esses dois aspectos especificamente e, como já foi adiantado, a abordagem teórica de Foucault (2011b [1975]) terá destaque nessa primeira aproximação.

Neste capítulo apresentaremos, além das noções necessárias sobre o poder exercido pelas instituições, outras discussões relevantes sobre o desejo, a partir da análise de Butler (2010b), a relação entre os corpos e o disciplinamento; os micropoderes e a desobediência dos corpos nas relações de poder; aspectos vinculados com a culpa e a forma como as mulheres a manifestam nos seus dizeres, assim como outros aspectos relacionados também com o silêncio, a partir da abordagem de Orlandi (2007) e culminaremos com uma referência aos estudos de Ducrot (1981), sobre a negação e as possibilidades de análise a partir do lugar que ocupa nas estruturas dos enunciados.

#### 1.1. O poder

A questão do poder ocupou, conforme Isabel Passos (2008), a maior parte das pesquisas históricas realizadas por Foucault, a partir de 1970. As formas de relação e exercício do poder que a sociedade moderna remodelaria a partir dos séculos XVII e XVIII, seriam consolidadas no século XIX, e confrontadas na segunda metade do século XX, por meio de revoltas sociais e reivindicações em defesa das minorias. A principal dificuldade sobre o poder consiste na impossibilidade de substancialização, entendido não como coisa possível de ser possuída e sim como estratégia e efeito de uma ação sobre a ação de outros, presente sempre nas relações que se estabelecem entre os indivíduos e grupos, por elas sempre mobilizados.

Com a publicação dos volumes II e III da *História da Sexualidade*, Foucault leva a sua análise do poder às últimas consequências, revelando que as formas de subjetivação e as formas de constituição de modos de subjetividade são, segundo Passos (2008, p.11): “tributárias de

formas específicas de relações de poder que, paulatinamente, vão se tornando dominantes em nossa sociedade, e que têm no problema do governo de si e dos outros seu nascedouro.”.

Em Foucault, o poder deve ser compreendido e analisado sem uma teorização, aspecto que condicionaria o mesmo às generalizações sobre algo que em si não possui uma essencialidade. Impedido de uma concretude e de uma identificação, sem possibilidade de ser apropriado por alguém, Passos (2008, p. 11), afirma que o poder é a forma variável e instável do jogo de forças que definem as relações sociais em cada momento histórico concreto, por meio de práticas e discursos específicos. Nesse sentido, o poder só pode ser apreendido dependendo de um particular campo de práticas e discursos, delimitados e detalhados conforme a especificidade dos casos, sem a possibilidade de aplicação de uma teoria geral do poder.

Segundo Foucault (2011b [1975]) o poder, como a expressão de uma operação de força, opera não só de forma negativa ou atuando a partir de um ponto central e exterior a elas, acontecendo também de forma positiva, permeando as relações, produzindo coisas, discursos e realidade. Dentro dos tipos de poder que Foucault encontra nas sociedades modernas, o poder atuante, disciplinar, opera por meio de estratégias e táticas de adestramento, conformando os corpos de forma física, política e moral, a saber:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2011b [1975], p. 133)

Pressupor a liberdade, torna-se imprescindível para que a disciplina consiga a sujeição dos corpos, sendo um poder que se desenvolve plenamente em comunidade e com os valores liberais burgueses que preconizam a igualdade e a liberdade na sociedade moderna. Contudo, a descrição do poder disciplinar será ampliada por Foucault em *A vontade de Saber*, expondo um caráter mais abrangente do termo a partir da concepção de biopoder. Conforme Foucault (2011a [1976]), o poder atua sobre os microcorpos dos indivíduos, enquanto o biopoder amplia a dimensão do primeiro, agindo sobre a sociedade como um corpo social a regular e atuando por meio das instituições sociais, escolares, produtivas, médicas e corretivas, a partir dos primeiros modelos da disciplina religiosa nos conventos.

O biopoder expande-se socialmente, classificando e avaliando os indivíduos, controlando atos e aprimorando o adestramento. No corpo social, objeto do biopoder:



“mecanismos e dispositivos produzidos para a regularização, observação, análise, intervenção e modificação da vida, atuam por meio de estratégias higiênicas, sanitárias, urbanísticas, de controle demográfico e de saúde que proliferam a partir de fins do século XIX” (PASSOS, 2008, p. 13)

Sobre uma das formas disciplinares, Foucault (2011b [1975]) expõe o princípio de “clausura” como um elemento que permite identificar fisicamente a localização, tendo como exemplo os conventos, tornando a própria clausura um elemento simbólico que também posiciona os corpos sociais: “Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo [...] o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir” (FOUCAULT, 2011b [1975], p.138) Vigiar o comportamento dos indivíduos torna a disciplina organizadora do espaço de forma analítica, levando a velha cela dos conventos a novos espaços simbólicos nas sociedades atuais.

## 1.2. O desejo

A crítica que Foucault (2011a [1976]) realiza à hipótese da repressão na *História da Sexualidade I*, afirma que a lei estruturalista pode ser entendida como formação de poder, configuração histórica concreta, criando ou acordando o desejo que reprime. Conforme Butler (2010b), o objeto da repressão não é o desejo, seu objeto aparente, são as numerosas configurações do poder que transladam a universalidade e necessidade da lei jurídica repressora. O desejo e a sua repressão são o motivo para fortalecer as estruturas jurídicas, no qual o desejo constrói e se proíbe como um gesto simbólico, ritual pelo qual o modelo jurídico afiança seu próprio poder, entretanto:

A atribuição da universalidade a uma lei só pode significar que funciona como um marco dominante dentro do qual se estabelecem as relações sociais. Assegurar a presença universal de uma lei na vida social não garante que exista em todas as vertentes da forma social considerada; pelo menos significa que existe e funciona em algum lugar em todas as formas sociais. (BUTLER, 2010b, p. 168 [tradução nossa])

Nesse marco dominante que Butler menciona, as relações sociais estabelecem normas que as mulheres, sujeito histórico da nossa pesquisa, devem seguir e que condicionam seus dizeres e formas de atuar. O poder patriarcal regula e dispõe formas de punição muito severas que têm funcionado durante séculos e que hoje se distribuem nas distintas instituições sociais, atuando de forma diferente e com a própria “colaboração” das mulheres. Sem viajar muito longe no tempo, sabemos que no Brasil Colônia as mulheres que não “respeitavam” seus maridos

podiam chegar a ser assassinadas de forma legal, uma punição que se enquadra na linha de objetivação do crime e do criminoso que Foucault (2011b [1975]) utiliza como exemplo da punição generalizada.

Na atualidade, onde as leis não permitem esse tipo de punições para as mulheres que têm “desrespeitado” seus maridos, proibindo-as e condenando-as, esse tipo de crime acontece de igual forma. Os assassinatos, que são a expressão da violação a uma norma que tem migrado da lei criminal, propriamente dita, a uma lei moral que comporta o “certo” e o “errado” para a mulher e que disponibiliza outros mecanismos de controle e punição, simbolizam as falhas de um novo mecanismo de poder ideológico que, como afirma Butler (2010b), não atua em todas as vertentes da forma social considerada, nem controla o desejo e as vontades na sua totalidade.

Esse “poder ideológico”, conforme Foucault (2011b [1975], p. 98), será substituído por uma nova anatomia política que terá o corpo como principal personagem, porém, de uma forma diferente, procurando uma anatomia calculada das punições, trazendo o “criminoso” a um novo conceito de punição. De uma forma simples, porém, descrita com muita destreza, a nova anatomia política, conforme Foucault (2011b [1975], p. 100), dispõe que: “a ideia do suplício esteja sempre presente no coração do homem franco e domine o sentimento que o arrasta para o crime”. Nada descreve melhor a nova anatomia que uma frase que instaura uma arquitetura da reprogramação das penas, de uma forma menos arbitrária e que gera o mesmo medo só com pensar no seu castigo, e que se torna mais efetivo que o próprio castigo para os fins sociais que se perseguem.

Como exemplo relacionado à nova anatomia calculada das punições, caberia o seguinte pensamento: para que “castigar” a mulher que procura satisfazer seus desejos fora do lar, estudando para ser pesquisadora, se podemos gerar nela a culpa por deixar seus filhos e as suas “responsabilidades” “abandonadas”? A simples ideia do “delito” ativará, segundo Foucault (2011b [1975]) o sinal punitivo, afastando a ação e a própria ideia da concreção, condenando também os/as outros/as, instaurando uma forma de reprodução dessa nova anatomia política. O castigo passa de ser um poder humano arbitrário para passar a ser uma consequência natural: “o poder que pune se esconde” (FOUCAULT, 2011b [1975], p.101)

Dessa forma, estaríamos considerando os desejos da mulher como uma forma de “crime” que deve ser castigado? Não da forma tradicional, contudo, o “crime”, que implicaria uma afronta ao poder patriarcal e por isso seguimos utilizando o termo “crime” – relativizado entre aspas – se mantém como uma tradição na sociedade, aspectos que serão desenvolvidos no Capítulo II sobre a história das mulheres brasileiras. Os métodos que permitem o controle de forma minuciosa dos corpos e que submetem por meio da sujeição insistente de suas forças,

induzindo os corpos numa relação de utilidade, tornando-os dóceis, são métodos disciplinadores e atuam como fórmulas gerais de dominação.

### 1.3. O disciplinamento

A relação que se estabelece com os corpos e a disciplina é um mecanismo que, quanto mais útil é o corpo, mais obediente ele se torna ou inversamente. Essa manipulação calculada dos gestos e comportamentos, maquinaria (mecânica do poder) ou anatomia política, define de que forma, como remete Foucault (2011b [1975], p.133): “não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.”

Nessa dominação na qual a disciplina atua por meio da coerção e sujeição dos corpos dóceis, a origem, causa ou essência, são impossíveis de identificar, primeiro porque esses aspectos são difusos e porque as localizações estão também diluídas em diversos espaços políticos e institucionais, como, por exemplo, a própria família. Por acaso, não tem sido o lar o lugar de “clausura” da mulher, semelhante à função dos conventos? Cuidar da casa e dos filhos tem sido a função social destinada à mulher por décadas no Brasil. Toda atividade do lar era considerada honrosa e respeitável e a dignidade da mulher se media a partir desses muros, na relação entre o exterior (vida pública) e o interior (vida privada).

Disciplinar a mulher para que soubesse a diferença entre a moral e os bons costumes era a função patriarcal, força de dominação que, por meio da coerção, articulava e programava formas de punição que se ativavam com só pensar numa possível exposição dos seus desejos, disciplina que se diluía nas diversas instituições que a reproduziam como a igreja, a família e as instituições que se identificavam com determinadas classes sociais.

A disciplina, conforme Foucault (2011b [1975]), produz quatro tipos de individualidades, sendo a primeira aquela que distribui os indivíduos no espaço, na “cerca”, e que condiciona a mulher à monotonia disciplinar que o lar simboliza. A segunda, controla as atividades e gera um ritmo de ações que permitem que a disciplina se articule de forma orgânica por meio do tempo e das obrigações que devem ser cumpridas dentro desse tempo e que a afasta de outras possibilidades.

A terceira, implica a apropriação do tempo individual de forma genética, controlando e articulando a disciplina como legado apreendido e assumido pela própria mulher. Nesse

acúmulo do tempo e de capacidades e forças, a mulher se torna suscetível de utilização e de controle, em benefício de uma dominação que deve educar o tempo dela para o proveito do tempo dos filhos, do marido e das relações sociais medidas e controladas, espaços onde se apresenta o resultado do efetivo mecanismo.

Contudo, não é suficiente com que esse sistema se articule apenas em alguns grupos de mulheres, de alguma forma o efeito deve ser elevado ao máximo por meio da articulação dos elementos que a constituem. Essa composição combinatória das forças deve se articular com os outros corpos, para que “ser mulher” signifique ações conjuntas, previsíveis, com o intuito de um melhor e maior controle por parte do poder patriarcal, sendo esse o quarto tipo de individualidade.

Quando Foucault (2011b [1975]) explica que a “disciplina” não pode ser identificada com uma instituição particular nem com um aparelho, indica que ela é um tipo de poder e uma forma de exercê-lo e que utiliza todo tipo de procedimentos e técnicas para a sua constituição como “anatomia” do poder. Podemos pensar nas instituições “superiores”, contudo, inclusive aquelas que parecem isentas de uma lógica do poder são favoráveis para reforçar o mecanismo, como é a própria família, lugar onde a mulher foi “responsabilizada” (na forma de “adestramento” por meio do poder disciplinador), pela formação moral, a educação e os cuidados dos seus integrantes.

O poder patriarcal preestabelece formas de ser e formas de dizer a partir de mecanismos de dominação, disciplinamento e controle, que se configuram e regulam nas instituições como a família. Nela, a relação que se estabelece entre o homem e a mulher é uma relação de poder e muitas são as práticas que reforçam essa relação, principalmente aquelas que condicionam à mulher a determinados papéis subordinados aos domínios de quem representa o poder patriarcal. Nessa relação, conforme Foucault (2010 [1984]), existe um conjunto de valores e de regras de ação propostas aos indivíduos institucionalizados pela própria família, a escola e outros espaços doutrinadores. Dessa forma, algumas prescrições morais não têm o mesmo valor para o homem que para a mulher, nem é equitativa a forma como se estabelecem os códigos morais como comportamento real dos indivíduos, na relação com as regras e valores ou com os próprios castigos.

Quando a mulher se torna a própria “essência” de uma moral e de um conjunto de valores que estão diretamente relacionados com seu contexto de ação, o lar e a sua família, ela também se constitui como o parâmetro desses valores, numa relação de domínio que ela mesma prescreve, assumindo que as falhas são impossíveis e onde a culpa se instaura como mecanismo que punirá todo descuido, seja com os filhos, esposo ou na sua própria imagem de mulher dona

do lar, na vida privada e na pública. Foucault (2010, [1969] p. 32 [tradução nossa]) denomina a esse nível de fenômenos “moralidade dos comportamentos” e se relaciona com a forma como o sujeito se constitui moralmente e a sua forma de atuar perante os elementos prescritivos que constituem o código. A forma como o homem e a mulher se conduzem moralmente nas diferentes ações do cotidiano são muito diferentes e, sobretudo, existe uma notória inequidade quando as ações são as mesmas, porque o modo de sujeição que submete a mulher se vincula com outras formas de identificação, a saber:

Existem também diferenças possíveis nas formas da elaboração do trabalho ético que se efetua sobre si mesmo, não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para tentar se transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta. (FOUCAULT, 2010 [1984], p. 33 [tradução nossa])

Com base no exposto, Foucault (2010 [1984]) afirma que não é possível uma ação moral particular que não faça referência à unidade de uma conduta moral, nem conduta moral que não reclame a sua própria constituição como sujeito moral, da mesma forma que não é possível a constituição do sujeito moral sem “modos de subjetivação” ou “práticas de si”. A ação moral é indissociável dos aspectos “códigos” e “formas de subjetivação moral”. Sobre os códigos, as leis brasileiras determinaram proibições e condutas para as mulheres que as condicionaram historicamente a aceitar comportamentos entendidos como próprios da mulher, constituindo de uma forma jurídica a sua subjetivação. Contudo, esses códigos também incluíam aspectos da moralidade cristã que estavam diretamente vinculados a comportamentos dentro do matrimônio como instituição sagrada, atrelados estritamente aos comportamentos sexuais da mulher e à submissão de qualquer tipo de desejo.

Quando analisamos essas questões desde o ponto de vista do gênero, segundo Butler (2008), percebemos que no modo de subjetivação a materialização do sexo, por meio das normas reguladoras que o definem, instaura a construção performativa da feminilidade na forma sistemática da reiteração de normas, em atos que ao mesmo tempo são reiterações, porque:

A performatividade não é um ato singular, porque sempre é a reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas e, na medida em que adquire a condição de ato no presente, oculta ou dissimula as convenções das que é uma repetição. O ato não é primariamente teatral, a sua aparente teatralidade se produz na medida em que permaneça dissimulada a sua historicidade [...] no marco da teoria dos atos de fala, considera-se performativa aquela prática discursiva que realiza ou produz o que nomeia. (BUTLER, 2008, p. 34 [tradução nossa])

Na nossa abordagem sobre o poder patriarcal e os mecanismos de dominação, o discurso obtém a autoridade necessária para fazer realidade o que nomeia, por meio das convenções de

autoridade. A mulher, sujeito sometido às normas da materialização do sexo e que assume a normas do sexo, o gênero, contribui desde o próprio papel na reiteração do ato, realizando e produzindo o que nomeia, como foi referido na citação.

#### **1.4. Os micropoderes e a desobediência dos corpos**

Na nossa pesquisa, onde a mulher e as relações com a família, estudos e trabalho, são temas relevantes da análise, se faz presente a significação do seu corpo dentro do discurso no contexto das relações de poder. A sexualidade, como uma organização historicamente concreta de poder, discurso, corpos e afetividade, conforme Butler (2010b), se entende como gerando o sexo, conceito artificial que amplia e dissimula as relações de poder que são responsáveis da sua própria gênese. Nessas relações de poder, o corpo materno se apresenta como anterior ao discurso e como efeito ou consequência de um sistema de sexualidade no qual se exige que o corpo feminino aceite a materialidade como a essência de si mesma e da lei do seu desejo. Nessa linha de pensamento, identificamos a sexualidade como a verdadeira base da retórica do corpo materno pré-discursivo, aspecto que nos permitirá compreender questões apresentadas no nosso trabalho sobre a relação das mulheres com a família, principalmente naqueles contextos onde ela é mãe e se estabelece um vínculo de dependência que nos dizeres se apresenta como anterior à própria maternidade.

A instituição maternal, entendida como “obrigatória” para as mulheres, se legitima nas estruturas invariantes do corpo feminino e é castigado pela lei paterna quando a função reprodutiva não circunscreve aquele corpo dentro da necessidade natural. Butler (2010b) também expõe que a lei paterna não é apenas proibitiva, já que analisa também a forma como a lei cria desejos sob a aparência de impulsos naturais. A cultura ou o simbólico, rejeitam os corpos das mulheres e o reprimem, sendo a própria repressão quem cria o objeto da sua rejeição como forma de apresentar os corpos que importam socialmente e aqueles que devem permanecer na sujeição da sua natureza materna e das disposições culturais, morais e da própria lei. Cabe considerar neste ponto, que as mulheres estão sempre sujeitas a essa ideologia que as condiciona em todo contexto e em toda circunstância, ainda quando seu “papel” preestabelecido é cumprido e aceito porque implica a reafirmação do pensamento patriarcal e a sua maneira de auto-regulação.

Quando o desejo da mulher entra em conflito com os dispositivos que regulam a lei paterna, a problemática da emancipação não impede que a reprodução da lei continue existindo.

Esse ato subversivo não pode ser entendido como existindo além do corpo oprimido, ele existe no corpo oprimido e como ato também de regulação. Dessa forma é possível entender que a negação de uma maternidade ou o simples ato de delegar as responsabilidades da maternidade pelos desejos, acarreta uma série de consequências irreparáveis como são a culpa e a sobrecarga de responsabilidades como forma de superar uma suposta “falha” ao não estar correspondendo com aquilo que é natural na mulher e o seu papel social.

O desejo, conforme Butler (2012), é intencional na medida em que sempre é o desejo “de” ou “por” um objeto ou um outro dado, mas também é reflexivo no sentido de que constitui uma modalidade na qual o sujeito resulta ao mesmo tempo descoberto e expandido. As condições que dão origem a um desejo são, ao mesmo tempo, aquilo que o desejo procura expressar, explicitar, de forma com que essa seja uma procura tácita, a forma em que esse saber fala no sujeito humano, nesse caso o desejo da mulher acadêmica de continuar seus estudos. Neste momento, cabe introduzir o conceito de *força* que a autora analisa a partir dos postulados hegelianos, no sentido da exteriorização como momento necessário do pensamento, distinguindo os momentos “interior” e “exterior”, movimento constante entre uma realidade interior e uma manifestação determinada. A força é aquilo que empurra a uma realidade interior assumir uma forma determinada, mas também é aquilo que frustra a absorção dessa realidade interior numa forma determinada.

Em outras palavras, a força mantém uma tensão entre o que aparece e o que não aparece, entre o desejo interior da mulher que procura o seu desenvolvimento pessoal e as forças que socialmente atribuem papéis de gênero. A noção de força confirma que a realidade não é coincidente com a aparência, senão que sempre sustenta uma dimensão oculta e é, ao mesmo tempo, sustentada por ela. O desejo é sempre desejo de algo outro que, ao mesmo tempo, é sempre desejo de uma versão expandida do sujeito. Aquilo que a mulher deseja é a sua própria expansão, seu desejo projetado e vivenciado na sua força de obtê-lo. O desejo tem um duplo objeto que se torna fonte de engano quando o objeto do verdadeiro desejo é um objetivo único e unívoco. Contudo, há motivação para superar essa situação paradoxal, posto que a confrontação com o objeto da certeza sensível e da percepção é intrinsecamente insatisfatória, principalmente quando a mulher utiliza o próprio discurso patriarcal para abnegar seu desejo por uma causa “melhor” ou “natural”, como o cuidado dos filhos ou o bem-estar familiar.

No desenvolvimento das teorias que apresentamos como a base do nosso trabalho, entendemos que a mulher acadêmica brasileira, integrante do *corpus* da nossa pesquisa e na sua categoria de análise mais relevante – o fato de ser mulher –, se enfrenta a tensões constantes que derivam do confronto entre seus desejos e os efeitos produzidos pelos micropoderes que se

exercem ao nível do quotidiano. Esses micropoderes atuam, como Foucault (2011b [1975]) menciona, nas instituições que exercem o disciplinamento dos corpos na constituição do Estado Moderno, instaurando uma anátomo-política disciplinar como forma de modelar o indivíduo, formatando e administrando a população como um todo. Cabe mencionar que nos referimos a instituições no sentido amplo, espaços como as escolas, o mercado de trabalho, a família, a religião, os sistemas de saúde ou as universidades, espaços onde as disciplinas, que são uma anatomia política do detalhe, agem de forma tal que conseguem abranger amplamente com as suas ações, atuando nos corpos de forma tal que conseguem a sua docilidade e submissão.

Esse tema em particular é do nosso interesse na pesquisa e nos leva ao tratamento das relações de poder em relação com o corpo que, no caso da mulher, conforme Foucault (2004 [1979]), trata-se de um investimento do poder que representa um trabalho insistente no seu condicionamento para os papéis que ainda hoje permanecem fortes como são a maternidade e os assuntos domésticos, contudo:

A partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto... Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua (FOUCAULT, 2004 [1979], p. 146)

O recuar e o deslocamento do poder exercido pelas instituições, apresentados aqui como algumas das formas em que o poder poderia vacilar, são os espaços onde a mulher resiste à condição de cuidadora do lar e de madre que deve se dedicar exclusivamente aos seus filhos. Também referem àqueles espaços que a mulher tem ocupado no mercado de trabalho, onde o poder continua investindo e promovendo dificuldades para que sejam desqualificadas, como o fato de ganhar menos porque elas engravidam, mantendo o controle dos corpos a partir das suas funções biológicas, que demarcam e antecipam o grau de produtividade conforme parâmetros não equitativos desde o ponto de vista do gênero.

Quando o corpo da mulher é alvo do controle e deve ser vigiado, ele entra em confronto e se manifesta<sup>1</sup>, por meio dos desejos e das expectativas de uma mudança como forma de resistência, enquanto o poder que exercem as instituições procura novas formas indefinidas para continuar a luta contra a desobediência. Com a mulher acadêmica, essa nova performance se

---

<sup>1</sup> Fazemos referência aqui ao corpo político, à manifestação do corpo como objeto a ser controlado pelo poder exercido pelas instituições e não à mulher como sujeito da sua própria existência.



reforça e amplia nos espaços dos micropoderes que fortalecem discursos controversos sobre o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade, dizeres que aparecem explícitos em bizarras<sup>2</sup> campanhas políticas e que também formam parte de discursos religiosos.

### 1.5. A culpa

A nossa pesquisa apresentará alguns resultados sobre como as mulheres participantes lidam com a frustração, gerada pelos conflitos que são resultado do embate entre os desejos – apresentados aqui como uma forma de desobediência perante o poder patriarcal –, e os micropoderes exercidos pela instituição familiar e a universidade, entre outros. Para a análise dessas formas de lidar com a frustração, entendemos que a culpa é um dos temas que devem ser abordados porque nos permite associar significados vinculados com a ideia de transgressão perante o poder institucional, sujeitando o autor dessa infração à punição que esse ato representa, na forma simbólica das suas manifestações, e que na mulher está muitas vezes relacionado com o papel atribuído socialmente como cuidadora do lar e principal responsável pelos cuidados dos seus filhos.

Quando a infração – como um ato que impacta nos modos de agir, fazer e ser ao longo da história –, conforme Jost (2013), implica a desobediência involuntária de uma norma é possível falar de culpa, porque no sentido premeditado essa infração se torna um delito desde o ponto de vista jurídico do termo. Contudo, devemos pensar na influência da tradição bíblica que apresenta também as noções de culpa e pecado, definido com mais de um significado: “por um lado, como uma culpa diante da lei jurídica, o que se conecta com uma culpa diante da coletividade ou ainda como culpa em relação à “lei dos homens”. Por outro lado, como uma culpa interna, individual, apesar de referendada a uma lei ainda externa, a saber: a “lei de Deus.” (JOST, 2013, p. 135).

Na nossa análise dos dizeres das mulheres acadêmicas, a culpa será analisada a partir dessas duas perspectivas, aquela que está relacionada com o que gera o ato da desobediência involuntária, e que se confronta com o poder patriarcal produzindo conflitos, e desde a

---

<sup>2</sup> O termo “bizarras”, referindo às campanhas políticas, está relacionado com a campanha eleitoral do candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro, em 2018. Durante a sua campanha, antigas e atuais declarações sobre as mulheres promoveram uma histórica manifestação que se iniciou nas redes sociais com o *hashtag* #EleNão e que culminou numa manifestação em São Paulo que fez o percurso do Largo da Batata até a Avenida Paulista. No *link* é possível aceder às denúncias da Procuradoria Geral da República ao Supremo Tribunal Federal: disponível em <http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/DenunciaBolsonaroTarjado.pdf> Com acesso em: 01/11/2018.

perspectiva de uma culpa interna, produto também do poder institucional que a religião, a escola e a mídia, por exemplo, têm produzido historicamente no contexto social brasileiro e, especificamente, no que refere aos papéis sociais da mulher, a sua sexualidade e como mulher-reprodutora. Entre esses efeitos a culpa começa a surgir no sobrecarrego de atividades que começam a limitar as opções, como o mercado de trabalho, os filhos e as tarefas do lar que levam à mulher a conciliar tarefas acadêmicas com “atribuições” próprias da sua condição “feminina”.

Essa sobrecarga implica uma culpa interna, mas produzida externamente pelo poder patriarcal, que leva a mulher a escolher entre ser uma mãe “exemplar”, “protetora”, “atenta”, “responsável” – atributos exigidos no papel da maternidade –, e satisfazer seus desejos como acadêmica ou até no próprio acesso a cargos de chefia em empresas ou instituições. Entre outros aspectos, esse tempo que a sobrecarga deve ser dividido com as atividades que implicam a sua imagem como mulher feminina que está sujeita às exigências de uma sociedade que atribui à beleza do corpo uma grande importância.

Quando pensamos a mulher neste cenário de contradições e instabilidade, percebemos que a nossa análise dos depoimentos deve identificar de que forma os enunciados, conforme Foucault (2017 [1969]), são utilizados com diferentes valores e caracteres enunciativos diferentes, para poder observar, com maior cautela, onde essas contradições se apresentam como uma mesma mensagem, enquanto demonstram discursos antagônicos e conflitantes. Os dizeres reproduzidos pelo poder que exercem as instituições como a mídia e que reproduzem a heteronormia do patriarcalismo, atravessam até as enunciações que têm como objetivo a própria desobediência, apresentando lugares de fala que manifestam a posição-sujeito em contradição ou evidenciando silêncios.

Esse aparente caos que evidencia conflitos é o que Foucault (2014 [1994]) entende como uma das formas na qual o ser humano está preso em relações de poder e que leva neste caso à mulher a se reconhecer como sujeito, inclusive com essas contradições que são o produto histórico nas práticas de objetivação e que reconhece a mulher como uma individualidade não descoberta:

Sem dúvida, o objetivo principal, hoje, não é descobrir, mas recusar o que nós somos. Devemos imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos dessa espécie de “dupla obrigação política” que são a individualização e a totalização simultâneas das estruturas do poder moderno. Poder-se-ia dizer, para concluir, que o problema, ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que se apresenta a nós, hoje, não é de tentar liberar o indivíduo do estado e suas instituições, mas de nos livrarmos, *nós*, do Estado e do tipo de individualização que a ele se prende. Precisamos promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que se nos impôs durante vários séculos (FOUCAULT, 2014 [1994], p. 128)

Nessas novas formas de subjetividade que o autor menciona, se instaurou uma culpa no tipo de individualidade que a mulher representa, um mecanismo que atua como uma forma reguladora do seu corpo, no sentido foucaultiano, que a inibe das possibilidades da sua existência, semelhante à função dos micropoderes, contudo, presente na sua subjetividade.

## 1.6. O silêncio

Analisar aspectos sobre o silêncio nos dizeres das mulheres acadêmicas significa acompanhar, durante todo o processo, as condições de produção desses enunciados que serão estudados. Dessa forma, Orlandi (2007, p. 70), explica que o sujeito da linguagem identifica o sentido porque não é possível não significar. Na sua relação com a significação o sujeito da linguagem mantém uma relação com o silêncio, concluindo com a seguinte frase: “Com efeito, a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras”. O sentido acontece por causa desse movimento constante que caracteriza a significação e se estreita com a subjetividade, sendo o sujeito quem desdobra o silêncio na sua fala: “No discurso há sempre um “projeto”, um futuro silencioso do sujeito, pleno de sentidos”.

As contradições não são a única forma de identificar dizeres conflitantes com o valor de sentido atribuído “aparentemente” àquilo que foi enunciado, o silêncio, assim como a equivocidade, evidenciam efeitos de sentido que nos permitem, numa análise materialista do discurso, interpretar o valor discursivo de, por exemplo, uma locução adverbial, uma conjunção adversativa ou de um enunciado completo.

A ausência dessas expressões, ou até o uso equivocado de um termo específico, apresenta valores relevantes que devem ser identificados e atribuídos à análise final que se pretende apresentar. No caso das mulheres, entendemos que os depoimentos realizados estão sujeitos a uma avaliação pessoal feita por elas sobre aquilo que será dito, aspecto que o anonimato do fórum resguarda, existindo, contudo, e já desde esse início, um silêncio premeditado sobre alguns assuntos que não serão expostos, enquanto outros são silenciados sem a própria percepção da participante, aqueles que são do nosso interesse.

Nesses espaços do silêncio, Orlandi (2007) nos permite compreender que, no caso da mulher na nossa pesquisa, historicamente constituída na experiência de si, na sua subjetividade e na luta que evidencia seu modo de subjetivação tem, na relação com o silêncio, um “projeto” que está pleno de sentidos, porque ainda procura um espaço nesse movimento entre a linguagem e o próprio silêncio. Com o objetivo de nos aproximar a esses sentidos, pretendemos discutir

diferentes possibilidades que o silêncio nos permite atribuir aos enunciados que serão analisados, sem a pretensão de adjudicar efeitos de sentido de forma arbitrária, porém, apresentando possibilidades de interpretação a partir dos valores identificados.

### **1.7. A negação**

A importância da negação na nossa pesquisa se desprende a partir da análise prévia dos depoimentos, instância na qual percebemos o uso frequente de enunciados com expressões negativas que condicionavam as sequências discursivas, total ou parcialmente. Com o intuito de realizar uma abordagem analítica, com base no efeito ilocutório, aplicamos algumas das técnicas que Ducrot (1981) apresenta quando expõe o papel da negação na linguagem comum. O autor explica, por exemplo, que as iniciações negativas implicam, geralmente, uma atitude psicológica específica que não se encontra nas enunciações afirmativas, apresentadas como opostas a uma afirmação prévia efetivamente emitida pelo destinatário.

A negação, como ato de fala particular, é entendida como uma modalidade de julgamento, e deve ser analisada conforme o lugar que ocupa na estrutura do enunciado. O elemento negado é denominado “constituente” e pode negar a frase completa ou apenas o predicado, onde não poderá ser considerada uma modalidade do julgamento. Na sua abordagem Ducrot (1981), apresenta também os critérios de análise que determinam negações polêmicas e negações descritivas, sendo as do primeiro tipo aquelas que refutam um enunciado positivo (negação de frase) e as do segundo, aquelas que são a afirmação de um conteúdo negativo, em referência a uma afirmação antitética (tanto uma negação de frase como uma negação de predicado).

Em última instância, será estudado o “pressuposto” a partir das afirmações de FOUCAULT (2017 [1969]), componente do conteúdo semântico relevante na análise dos enunciados das participantes do fórum, porque desempenha um papel essencial em grande número de fenômenos linguísticos, particularmente importante porque a maior parte das negações descritivas tem essa característica de manter o “pressuposto” da frase positiva.

## **CAPÍTULO II**

### **Mulheres brasileiras: do “papel do Outro”<sup>3</sup> à academia**

Neste capítulo, consideramos importante uma aproximação dos fundamentos teóricos que condicionam a vida das mulheres em todos os seus aspectos, inclusive e, fundamentalmente, aqueles que circundam os eixos família, maternidade, trabalho e formação acadêmica. Nessa síntese histórica, o nosso objetivo é traçar uma linha tênue, por vezes sinuosa, que permita compreender muitos dos aspectos que abordam a constituição dos sujeitos “mulher brasileira” desde alguns fatos históricos até as ideias e teorias políticas, culturais e psicológicas, que se consolidaram a partir do final do século XIX e durante o século XX.

Começaremos com uma referência histórica, relacionando trabalho, escola e família, veiculando as informações obtidas nas primeiras leituras do estado da arte mencionadas na introdução. Partindo de dados atuais sobre a situação da mulher brasileira nos aspectos referidos, damos início às pesquisas compiladas por Priore (2017) que procuram analisar o caminho percorrido pelas mulheres nos diversos papéis sociais atribuídos desde a virada do século XIX para o XX e, principalmente, aqueles que estão relacionados com obrigações morais, o papel da cuidadora do lar e a mãe exemplar, entre outros.

Num segundo momento, apresenta-se uma evolução das primeiras reivindicações sociais realizadas por mulheres, dando-se maior atenção às revisões da imagem social da feminilidade e um destaque aos aspectos relacionados com o desejo e a luta contra os preceitos do patriarcalismo familiar.

Como complemento, apresentamos algumas vozes de mulheres intelectuais do final do século XIX e começo do século XX que, por meio da sua arte, procuraram se manifestar expressando angústias e desejos de emancipação, visivelmente influenciadas pelo pensamento feminista europeu em plena efervescência. Essas vozes nos permitem refletir sobre o contraste com a realidade da maioria das mulheres da época que mantinham seus desejos, angústias e frustrações sempre subjugados à vontade do homem. Com o objetivo de contextualizar, devemos lembrar que as sociedades ocidentais, conforme Priore (2017), eram influenciadas por correntes liberais que estavam pautadas por ideias de liberdade individual e pela tendência

---

<sup>3</sup> A expressão corresponde a Simone de Beauvoir, 2009, p. 117. Segundo a autora, o “Outro” representa o “olhar do homem”, o “olhar masculino”, que a confina a um papel de submissão. No título, a expressão refere ao papel dado à mulher (papel de submissão) a partir olhar masculino.

defendida pelas mulheres feministas sobre o igualitarismo, fortemente marcado, porém, pelo poder patriarcal. A primeira onda do feminismo, mulheres norte-americanas e do Reino Unido, se manifestaram lutando contra a opressão de modo geral, ação que acendeu algumas chamas que rapidamente se propagaram pelo mundo ocidental e que trouxeram ao Brasil algumas representantes dessas ideias. Em um primeiro momento, reivindicava-se a igualdade jurídica, o direito ao voto e o acesso à instrução e às profissões liberais, além da oposição a casamentos arranjados e à propriedade de mulheres casadas por seus maridos.

Também apresentamos dados atuais sobre a situação da mulher acadêmica no Brasil, século XXI, com o objetivo de conhecer alguns dados significativos que permitam ampliar a informação sobre como essas mulheres atuam na academia, em quais áreas e de que forma acessam a cursos de pós-graduação, dados que complementam a nossa pesquisa de forma expressiva, a partir da relação entre os conflitos que elas têm no processo de formação e os resultados obtidos no país. A pesquisa também acrescenta o estudo de outras variáveis como o crescimento da sua participação nos âmbitos universitários e a relação entre os estudos de pós-graduação e as políticas sociais no Brasil.

No final do capítulo, apresentam-se algumas abordagens teóricas em torno às noções de norma e tecnologias de gênero, vinculadas ao amor materno e a como a família transforma as mulheres em mães nas relações interpessoais.

## **2.1. História da relação entre o trabalho, a escola e a família**

Falar da mulher brasileira implica restringir o significado do termo às múltiplas realidades sociais, culturais, políticas e econômicas que o país apresenta. Contudo, a nossa revisão histórica terá como principal objetivo empregar o termo “mulher” não desde essas diferenças circunstanciais e mensuráveis, senão a partir daquilo que as manteve e mantém em uma relação de dependência e submissão perante o homem, símbolo e principal reprodutor social do patriarcalismo<sup>4</sup>. Para esclarecer o conceito, necessitamos ir além de uma definição formal e dicionarizada do termo, que nos permita entender a complexidade e a evolução

---

<sup>4</sup> “A família patriarcal se constitui no princípio e modelo da ordem social como ordem moral, fundamentada na preeminência absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos sobre as crianças e na identificação da moralidade com a força, da coragem com o domínio do corpo, lugar de tentações e de desejos”. [Cf. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 [1999]. Pág. 105]

histórica desse legado que, nas palavras de Simone de Beauvoir, toma um significado mais pessoal:

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino (BEAUVOIR, 2009 [1949], p.117)

A afirmação dos homens como “sujeitos soberanos” continua sendo na sociedade brasileira atual uma realidade que as pesquisas confirmam enfaticamente quando se trata de identificar a situação da mulher em comparação com a do homem, tanto nas relações laborais sobre o salário e a exclusão na família, quanto nos cuidados da casa e dos filhos ou em questões sobre violência de gênero. Ainda com as mudanças sociais e os direitos que as mulheres têm conseguido reivindicar por meio de protestos e lutas no mundo todo, o Brasil mantém diferenças muito significativas no que concerne a oportunidades, justiça social e equidade.

Segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017<sup>5</sup>, a diferença de salário médio de homens e mulheres que realizam a mesma função pode chegar a quase R\$ 1 mil no país. As mulheres têm níveis de escolaridade mais altos, fazem mais tarefas domésticas desde pequenas e estão chefiando cada vez mais famílias no Brasil. Contudo, continuam ganhando, em média, menos que os homens. De acordo com a pesquisa, quanto maior o nível de escolaridade maior a diferença de salário entre os sexos, sendo notória a disparidade a favor dos homens nos cargos de gerência. A informação mais relevante está relacionada com os diferentes papéis e com a escolha das carreiras entre o homem e a mulher, constatando-se que a mulher, na sua maioria, procura as áreas da saúde e educação, áreas relacionadas com os cuidados. No caso da saúde, a profissão mais seguida pelas mulheres é a de enfermagem, poucas são as mulheres que se tornam médicas cirurgiãs. Da mesma forma, no serviço público os cargos superiores são, preferencialmente, ocupados por homens.

Outros dados informados pelo IBGE revelam que as mulheres ganham menos e sofrem mais nas crises econômicas, com menor inserção laboral pela associação com os cuidados da casa e da família, sendo procuradas como uma “mão de obra a mais”. Conforme se destaca, a própria condição da mulher, que não conta com um serviço do Estado para deixar seu filho e

---

<sup>5</sup> A informação do IBGE encontra-se disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem.html> Com acesso em 10/11/2018.

que não consegue se qualificar e buscar novos trabalhos, a afeta muito. Essa informação se complementa com os dados sobre as tarefas de casa em relação com o trabalho principal, adjudicado ao homem que, em média, se dedica quase seis horas a mais por semana que a mulher. Contudo, ela dedica 10,5 horas a mais que os homens em trabalhos domésticos e atividades relacionadas aos cuidados dos filhos, sendo uma jornada maior que não é valorizada, porque se identifica com “a função própria da mulher”, papel adjudicado desde cedo quando são crianças.

Outros dados relevantes da pesquisa afirmam que o IBGE considera como pessoa de referência quem é responsável pela família e o lar, identificado da mesma forma pelos outros membros. A maioria ainda nessa condição são os homens (59,5%), mas o percentual de mulheres aumentou de 30,6% para 40,5% em 10 anos. A desigualdade de gênero se mantém como elemento visível que agrava a desigualdade social, sendo relevante a análise das questões de gênero e os papéis culturais definidos socialmente se pretendemos mudanças significativas no desenvolvimento social.

As tímidas transformações sociais que possibilitam a ascensão da mulher no nível de escolaridade e no trabalho permitem compreender que, historicamente, a mulher não conseguiu ainda transformar a sua realidade perante a opressão do patriarcalismo. Dessa forma, podemos perceber que existe um discurso incongruente com a realidade que afirma a equidade em todas as áreas nas quais as mulheres atuam, criando uma falsa sensação de justiça social. Apesar disso, não é possível negar o avanço nas leis e direitos conquistados pelas mulheres no longo caminho percorrido, reivindicações que não devem ser compreendidas apenas como recompensa, negociação ou ratificação que giram em torno dos direitos humanos. Antes, devem ser consideradas como imanescentes, prescindindo dos argumentos sobre as necessidades de um mundo globalizado onde o capitalismo cede, desde as aparentes benevolências do patriarcado, espaços que em última instância seriam da mulher de toda forma.

Para percorrer essa história das mulheres brasileiras, especificamente nos temas que nos interessam – família, formação acadêmica e trabalho – discutiremos alguns dos artigos reunidos no livro *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary del Priore (2017), por considerá-lo significativo para a nossa pesquisa e pertinente como subsídio teórico para justificar os objetivos do presente capítulo. Os aspectos mais relevantes nesta breve resenha da história das mulheres surgem das pesquisas de autores que procuram identificar, nos seus textos, como as mulheres, desde o século XIX no Brasil, encontravam-se oprimidas pelos jogos de poder do patriarcalismo, sendo especificamente esse aspecto o importante; a percepção, por meio desse



enquadre, que o referido modelo social continua produzindo seus efeitos nas mulheres contemporâneas.

Na virada do século XIX para o XX, no Brasil, grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos como o anarquismo e o socialismo apresentaram propostas para a educação de crianças que se concretizaram na criação de escolas, sob a ideia de que a instrução das mulheres implicava libertação e participação social, complementada de forma particular pelas aulas de piano, francês e bordado, assim como a especial atenção nos cuidados da casa, dos filhos e, principalmente nas famílias privilegiadas, nas habilidades de mando com criados e serviçais. Em todo caso, a mulher significava a companhia eficiente para o marido e a sua própria extensão representativa perante a sociedade:

O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens (LOURO, 2017, p. 446)

Como é possível perceber, a educação da mulher com possibilidade de estudar, considerando que no primeiro censo brasileiro, em 1872, em meio ao processo que daria fim à monarquia, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 83,3% a partir dos 5 anos de idade, sem alterações para o segundo censo quase 20 anos depois, conforme expõe Sérgio Buarque de Holanda (1977, p. 7), a mulher estava limitada às atividades domésticas e à construção de uma imagem social identificada com o esperado comportamento feminino. Nesse ponto, a educação se restringia a aspectos da formação moral, relacionados ao caráter e ao comportamento social desejado, imposto pelos valores sociais sob o poder patriarcal, reduzindo a instrução nos mínimos aspectos vinculados com as demandas desse comportamento.

O destino da mulher, como explica Louro (2017, p. 446), estava determinado ao papel de esposa e mãe, exigindo-se para isso uma moral impoluta, baseada nos bons princípios. Essa construção de uma mulher dedicada ao lar, educadora e abnegada, capaz de anular ou postergar quaisquer desejos e anseios pessoais estava, ao mesmo tempo, constituindo à mulher brasileira, que seria ponderada como modelo social, herdado dos costumes europeus impostos pela monarquia, e que constituiriam rapidamente a referência do ser mulher e feminina para a sociedade brasileira no começo do século XX.

Uma das frases mais conhecidas de Simone de Beauvoir (2009 [1949], p.361), faz-se necessária neste momento: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, porém, é ainda mais importante a explicação posterior que ela explana sobre essa afirmação: “Nenhum destino

biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino”.

O destino de ser mãe se justifica na primeira lei de instrução pública do Brasil, de 1827<sup>6</sup>, na qual se observa que a educação da mulher se submete a esta condição:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas (LOURO, 2017, p. 447)

Cabe à mulher, conforme a lei de instrução, a responsabilidade de ser exemplo moral para seus filhos, assim como cabe a ela a culpa pelas falhas e as “desordens” que possam causar os homens maus, produto direto dos “sentimentos” das mulheres. Dessa forma, observamos que não são especificados nem delimitados alguns dos termos que destacamos, tornando-se confusos e vagos se procuramos a sua compreensão de forma anacrônica de acordo com o tempo histórico. Contudo, em 1827, esses termos faziam uma explícita referência à imagem de mulher que a sociedade começava a considerar virtuosa ou rejeitada, conforme seu comportamento e dedicação ao marido e aos filhos.

Como consequência das políticas do Império, a modernização da sociedade trouxe uma série de transformações voltadas às necessidades a favor da ordem e do progresso, tendo às mulheres das camadas populares como o principal alvo, educando-as como geradoras de uma mudança social, a saber: higienização, construção da cidadania dos jovens e dignificação do trabalho, antes associado à escravidão. Cabia às mulheres uma série de obrigações que ainda hoje se exigem, principalmente nos setores mais pobres da sociedade, responsabilizando-as pela honestidade, a limpeza, a educação dos seus filhos para o trabalho, a manutenção do lar e da sua integridade, com base no catolicismo, que implica uma carga moral e pureza que os símbolos sagrados representam quando se invoca à mulher em todos os rituais, ideais femininos que, como menciona Louro (2017, p. 447) “implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas”.

Quais são essas obrigações morais que consideramos historicamente inquebrantáveis quando falamos da sociedade brasileira? Como explica Simone de Beauvoir (2009 [1949], p. 645), a maternidade na mulher constitui seu destino fisiológico e essa vocação “natural”, como ela relativiza entre aspas, implica que seu corpo é assignado como aquele capaz de perpetuar a

---

<sup>6</sup> A lei completa está disponível em: [http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html) Com acesso em: 10/11/02018.

espécie. Contudo, as sociedades têm conseguido controlar, por meio de diversas técnicas e métodos, a natalidade e os problemas que possam estar relacionados com a reprodução.

De todas as formas, a cristandade tem gerado barreiras que tornam imorais e, como consequência, constitucionalmente ilegais aquelas ações que reduzam a natalidade. Portanto, a mulher também se submete à responsabilidade de ser a reprodutora e à obrigação moral e legal de aceitar essa condição, tornando qualquer atitude contrária uma fonte de conflitos e censuras pela possível rejeição a uma vida, mesmo antes da própria concepção, inclusive quando essa mulher ainda é criança e é “induzida” a aceitar seu papel incontestável de mãe.

Neste momento, em relação às obrigações da mulher detalhadas no parágrafo anterior, cabe a seguinte referência<sup>7</sup>:

A mulher brasileira, como a de outra qualquer sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia da sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funções (LOURO, 2017, p. 448)

Da mesma forma em que o educador afirma o papel da mulher na sociedade brasileira, de maneira inquestionável e sob nenhum argumento que o justifique além do fato de ser mulher – a fêmea da espécie desde o aspecto biológico – o poder patriarcal exerce o domínio do seu corpo, do seu tempo, e consolida a principal função destinada a ela, tornar-se sujeito a partir das suas obrigações, restritas aos valores morais, normas legais e crenças religiosas. Conforme Foucault (2010 [1984], p.31), a moral é um conjunto de valores e regras de ação que são propostas aos sujeitos e grupos por meio de diversos aparelhos prescritivos, como a família, a escola e a igreja, entre outros, formulados de forma coerente dentro de uma doutrina e também de forma difusa, conformando um jogo complexo de elementos que se autorregulam e anulam, permitindo compromissos e escapatórias.

A constituição do sujeito moral se determina conforme o código de ações, porém, há muitas formas de atuar como sujeito moral, configurando-se uma “determinação da substância ética” como é denominado pelo autor, a maneira como o indivíduo dá forma à própria matéria da sua conduta moral. Em vista do exposto, a mulher brasileira – insistimos nessa expressão abrangente como uma categoria inserida em todas as possíveis categorias de mulheres – tem-se constituído por meio de uma moral que ela mesma vigia, inserida em uma luta constante entre seus desejos e contradições, a saber:

---

<sup>7</sup> A referência é de José Veríssimo, escrevendo imediatamente após a Proclamação da República, em 1890, a sua *Educação nacional*, advoga uma “nova educação” para a mulher e responde qual seria o “programa” dessa educação.

[...] nestas condições, serão os movimentos contraditórios da alma, muito mais que os mesmos atos na sua execução, a matéria da prática moral. Poderíamos ainda fazê-la consistir na intensidade, a continuidade, a reciprocidade dos sentimentos [...] (FOUCAULT, 2010 [1984], p.32, [tradução nossa])

Em síntese, a constituição do sujeito moral se determina segundo o código de ações e o mesmo se mantém, regula ou anula conforme o “modo de sujeição”, ou seja, a forma em que o indivíduo estabelece relações com as normas que regem seu próprio comportamento. Quando Foucault (2010 [1984], p. 33) menciona que podemos praticar ações como a fidelidade conjugal e aceitar os preceitos morais, explica que isso acontece porque nos identificamos como parte formal do grupo que o aceita, ou como os herdeiros de uma tradição e, inclusive, como uma forma de transformação em sujeitos morais da nossa própria conduta, sendo apreendido, praticado e assimilado por meio da renúncia aos prazeres.

Acompanhando o pensamento do autor percebemos que quando a mulher passa a aceitar a condição de cuidadora, protetora e exemplo moral dos seus filhos, ser abnegado com um destino traçado pelo seu sexo, reprodutora pela sua condição biológica ou representante social dos interesses do patriarcalismo, como a sua única condição e constituição como sujeito moral – sem lutas internas que se subvertam à sua “subjetivação”, sua “substância ética” – ela começa a lutar e controlar sua razão única de existência, aquilo que justifica ser o que é, mulher, uma construção moldada e aceita externamente às vontades e desejos, o que Beauvoir identifica como a dominação de uma categoria:

Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher? [...] por mais longe Outra que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu. É, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto (BEAUVOIR, 2009 [1949], p. 18).

De onde vem essa submissão da mulher? Torna-se uma das perguntas mais importantes na nossa reflexão sobre os papéis sociais que as mulheres têm assumido historicamente. Essa compreensão das causas que não são consequência de uma evolução ou de um evento, nos induz a uma análise condicionada à submissão, identificada neste trabalho na voz do patriarcalismo, o que implica identificar nos dizeres das mulheres os próprios fundamentos que confirmam a subordinação aos homens.

## 2.2. No momento de desejar

O que aconteceu com a mulher brasileira no século XX até a década de 1980? Apresentamos essa pergunta baseados em Foucault (2011b [1975]) sobre a subjetivação e em Priore (2017) sobre a história das mulheres brasileiras, em relação ao grupo de mulheres que iniciaram as primeiras lutas por melhores condições de vida e um novo modelo de cidadania que as incluísse como uma voz ativa nas decisões políticas e sociais, além do clássico papel de cuidadoras do lar, reivindicações que, aparentemente, tomariam novos rumos e ganhariam mais força.

A resposta pode parecer reducionista e ousada, porém, nada aconteceu de significativo para a mulher que não estivesse diretamente vinculado com as obrigações morais, sociais e sob a tutela do poder patriarcal, inclusive os poucos intentos reivindicativos sobre a situação laboral que, como indica Giuliani (2017, p. 641), acabaram se limitando ao cotidiano do trabalho dos homens e não faziam referência às especificidades do trabalho da mulher: “Devemos ressaltar que, nessa época, a cidadania social restringe-se aos homens, e a emancipação limita-se às paredes das grandes empresas”. Dessa forma, percebemos que todo intento de emancipação apenas transcendia dentro dos domínios controlados pelos homens, as empresas, sem acontecer publicamente e subsumindo constantemente a vontade da mulher ao controle restrito e desejos dos homens.

De 1930 até o golpe militar de 1964, a cidadania, conforme explica Giuliani (2017, p. 642), estava relacionada com o emprego estável, assalariado e urbano, sendo os empregados e empresários de grandes empresas os privilegiados. Contudo, para os trabalhadores rurais o reconhecimento não era o mesmo, incrementando-se uma crise intensa com os governos militares, que decidem tomar medidas de legitimação, implantando políticas voltadas às melhores condições de vida das camadas populares, afirmando, novamente, a assimetria entre homens e mulheres, privilegiando os primeiros, considerados chefes de família, única autoridade incontestada.

As primeiras mobilizações de mulheres que indicaram como experiência de vida uma não distinção entre os limites do lar e do trabalho foram as realizadas pelas mulheres rurais, porém, iniciaram-se fora das práticas sindicais, ligada às pastorais, mas com iniciativa das próprias mulheres. Giuliani (2017) explica que, sem excluir a mulher das práticas familiares e da sua função medular no cuidado dos filhos, a Igreja Católica apoiou como positivo a participação da mulher rural nas manifestações, com o intuito de diminuir a injustiça social,

ação que indiretamente levou a mulher à procura de uma nova identidade não associada diretamente com o lar, iniciando-se a constituição de grupos comunitários de mulheres que se identificaram como excluídas e que assumiram novas responsabilidades vinculadas com a saúde da mulher. Entre os temas que se assumiram como relevantes, surgiram: problemas da maternidade, gravidez, parto, amamentação, doenças do pós-parto, mortalidade infantil, mortalidade materna, assistência e controle de câncer, entre outros. Giuliani (2017, p. 648) destaca: “É importante registrar que as mulheres que participam desses grupos não se reúnem enquanto trabalhadoras, mas enquanto cidadãs-excluídas, ou usuárias mal atendidas dos serviços públicos essenciais”.

Uma importante revisão da imagem social da feminilidade acontece ao longo da década de 1980, principalmente nos aspectos cultural e jurídico. Convém, neste ponto, uma maior atenção, no intuito de destacar o que Giuliani (2017) menciona e que, posteriormente, retomaremos:

Nesse percurso, às vezes tortuoso, aparecem com maior clareza os limites daquilo que seria próprio das mulheres, daquilo que lhes seria reconhecido, permitido ou atribuído como característico de sua “natureza social”. Por comparação, pode-se também compreender o que seria próprio da “natureza social do homem”. Mais ainda! Chega-se à consciência de que qualquer definição dos papéis, da imagem, da identidade e dos códigos de comportamento da mulher, é instável e transitória, já que tais concepções culturais são o resultado do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança (GIULIANI, 2017, p. 649)

No trecho, destaca-se que aquilo “próprio das mulheres” não é sempre um reconhecimento nem uma atribuição e sim uma permissão que constitui a “natureza social”, já atribuída e dosificada, que permite regular as transformações como se fossem produto da luta e das reivindicações. Contudo, as transformações geradas pelas mulheres existem e se afirmam nas lutas e nas circunstâncias históricas, nos contextos econômicos e nas políticas sociais. Nesse caso, a mulher ganha espaço como produto das suas mobilizações, e direitos, acreditando que surgem, na sua totalidade, como fruto da sua própria liberdade e escolha, dificultando a identificação que indica certos conflitos “planejados” e que formam parte das formas do poder e controle sobre os seus desejos. Sobre essa questão, “os anseios de mudança”, os desejos, confrontados aos “valores dominantes”, materializam-se em novas responsabilidades e, outra vez, confirma-se a sujeição.

A razão que submete e os valores morais que matam sem a presença necessária de um verdugo, restringem o desejo à racionalidade reflexiva, conforme Butler (2012, p. 31, [tradução nossa]), em que o caráter imediato do desejo resulta sempre mediado: “no momento de desejar

sempre somos muito mais inteligentes do que acreditamos imediatamente. Na experiência ostensivamente pré-racional de desejar algo no mundo, sempre estamos interpretando esse mundo”. Nessa interpretação do “mundo”, o desejo também é condicionado pelas referências desse contexto, pelo patriarcalismo e as suas formas de poder, incitando a mulher a desejos que acredita próprios, mas que foram predefinidos, no lugar de aqueles que seriam os verdadeiros.

Qual seria a consequência histórica desse engano sobre os desejos? A consequência pode ser metaforizada com o exemplo do palimpsesto<sup>8</sup>, cuja superfície deixaria entrever a subjetivação do indivíduo, entretanto, sob camadas espessas das práticas morais, do poder e da reinterpretção e acomodação que a própria mulher faz desses mandatos, sem poder identificar nessa procura um aspecto próprio ou originário do desejo que existe como fruto do patriarcalismo. Segundo Butler (2012), nos casos em que a ação moral se concebe como função da vida moral, não é suficiente ser fiel a uma regra, sendo necessária a incorporação da mesma de forma afetiva, caso contrário será uma imposição rejeitada pela resistência que não expressará a autonomia do sujeito moral, reafirmando sempre a necessidade de uma autoridade externa.

A mulher brasileira na modernização, conforme Priore (2017), tem acatado seus deveres morais e tem-se sujeitado aos preceitos do patriarcalismo familiar, desde a aceitação irrefutável e desde a convicção de que essa ação é produto do seu próprio desejo, do seu afeto por aquilo que seria seu dever e obrigação, como mãe, como esposa, como filha, como cuidadora do lar e como mulher que não deve reclamar nem se rebelar, especificamente no caso das mulheres que não trabalhavam fora de casa e eram consideradas as “rainhas do lar”. Sob pena de ser culpada, com o medo da desagregação da família e por temor à desobediência e o futuro dos filhos, muitas acatavam sem ressalvas os rígidos códigos morais que as limitavam da liberdade que os próprios desejos lhes pudessem proporcionar.

A racionalidade, conforme Butler (2012), significa atuar uma e outra vez de forma coerente, a partir daquilo que é considerado pelo sujeito como bom, desde o ponto de vista moral. Entende-se que essa coerência surge de uma vida unificada por meio de um eu unificado, espaço no qual a ação da moral atua na oposição entre desejo e razão, desde a divisão interna da contradição. Na história das mulheres brasileiras encontramos vários exemplos dessa luta interna entre o desejo e a moral e uma constante contradição gerada pelo controle e a autorregulação que asseguram a perpetuação do conflito.

---

<sup>8</sup> Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho; “manuscrito sob cujo texto se descobre escritas anteriores”. DA CUNHA, A. G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 574.

### 2.3. O limiar desse país bendito<sup>9</sup>

De acordo com Louro (2017), a incompatibilidade entre casamento, maternidade e a vida profissional da mulher, sempre foi uma construção social muito persistente. A questão da domesticidade valorizava a função feminina mais importante, o cuidado do lar, sendo responsabilizada pela saúde, em todo sentido, da sua família. A verdadeira carreira da mulher seria essa e toda atividade profissional era vista como um risco para essas funções, sendo também negados os espaços políticos e de participação social, como o sufrágio e, obviamente, qualquer atividade na qual se igualasse ao homem, física e intelectualmente.

O que acontecia com a voz das mulheres que não aceitavam esses papéis? De que forma podemos escutar esses clamores, essas lutas internas e conflitos da sua subjetivação? Como exemplo, utilizaremos a poesia de Narcisa Amália de Campos e Gilka Machado como testemunhas desse desejo, para que possamos identificar, na expressão do eu lírico, os mencionados conflitos.

Narcisa Amália de Campos, poeta nascida em 31 de dezembro de 1852, em São João da Barra, RJ, foi considerada uma das primeiras feministas do Brasil. Além de escritora, foi jornalista e, de acordo com Anna Faedrich (2017, p. 250), enxergava com lucidez a contradição da mulher no século XIX, sendo, conforme a própria poeta, a primeira que “ergueu a voz clamante contra o estado de ignorância e de abatimento em que jazíamos”.

No seu texto, Faedrich menciona um artigo no qual Narcisa relaciona a inteligência feminina a uma espécie de “armas para o mal” em que se manifesta o discernimento da “profunda separação intelectual e moral” entre homens e mulheres. Narcisa indaga se a mulher tem necessidade de ser educada e para quê, metaforizando o que ela significava para a época, sob a imagem de um gênio do mal que não podia ter cultivada a sua inteligência, porque isso significaria fornecer-lhe novas armas para o mal, sendo necessário torná-la inofensiva por meio da ignorância. A pesquisadora também cita:

A mulher no século dezenove acha-se, portanto, emancipada, isto é, entra na posse de si mesma, conquista o direito divino de sua alma, em uma palavra, transfigura-se. O que lhe falta ainda para ser feliz? – À que está emancipada, pouco; mas à que está por emancipar-se, tudo. E neste caso está a mulher brasileira. Entre nós a instrução, mesmo a mais elementar, tem até aqui constituído monopólio do homem. Ora, à medida que o homem sobe, a mulher desce, naturalmente, e essa diferença cria entre

<sup>9</sup> O subtítulo é um dos versos do poema *Por que sou forte*, de Narcisa Amália de Campos, disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2014/01/as-mulheres-poetas-na-literatura.html> Com acesso em: 10/11/2018.



ambos uma profunda separação intelectual e moral que arrasta consigo todas as desordens do lar (FAEDRICH, 2017, p. 250-51)<sup>10</sup>

Esse depoimento de Narcisa traz à tona uma verdade sobre o pensamento da mulher do século XIX, porém, devemos compreender que há na poeta uma clara influência dos movimentos feministas no seu pensamento e que não representa, necessariamente, a realidade das mulheres brasileiras da época. Pelo contrário, se esse pensamento surgia nas moças e senhoras de qualquer classe social e condição, não seria exposto de forma explícita nem configuraria um exemplo de moralidade, isso se fosse possível que tal pensamento surgisse espontaneamente, por motivo da forte sujeição aos valores morais.

No poema “Por que sou forte”, o Eu lírico cruza uma fronteira que pode significar o limite entre a vida e a morte, mas também o “limiar” entre o mundo dos desejos e aquele que só traz angústias e hesitações, um mundo no qual ser “forte” implica o “horror” da vida que pode ser esquecida:

### **Por que sou forte**

Dirás que é falso. Não. É certo. Desço  
 Ao fundo d’alma toda vez que hesito...  
 Cada vez que uma lágrima ou que um grito  
 Trai-me a angústia – ao sentir que desfaleço...  
 E toda assombro, toda amor, confesso,  
 O limiar desse país bendito  
 Cruzo: – aguardam-me as festas do infinito!  
 O horror da vida, deslumbrada, esqueço!  
 É que há dentro vales, céus, alturas,  
 Que o olhar do mundo não macula, a terna  
 Lua, flores, queridas criaturas,  
 E soa em cada moita, em cada gruta,  
 A sinfonia da paixão eterna!...  
 – E eis-me de novo forte para a luta<sup>11</sup>.

O Eu lírico recobra as suas forças a partir de uma viagem que o liberta de um mundo que “macula” a sua existência. Nesse “país bendito” a paixão é eterna e o fortalece para continuar com a luta. Encontra-se no “fundo d’alma” toda uma experiência desabitada da dor e das angústias, um mundo de plenitude em que a liberdade – tema recorrente na poesia de Narcisa – renova as esperanças. Conjuntamente com as declarações da escritora sobre a educação da

<sup>10</sup> O trecho pertence ao artigo “A mulher do século XIX” escrito por Narcisa Amália de Campos e citado em: RAMALHO, Christina. *Um espelho para Narcisa*. Reflexos de uma voz romântica. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2014/01/as-mulheres-poetas-na-literatura.html> Acesso em: 10/11/2018.

mulher, o sentimento exposto no poema apela a uma luta contra um sistema que obscurece a vida, invocando a uma revolução que somente pode surgir a partir do encontro com o Eu que, conforme Foucault (2010 [1984]), trata-se de uma prática política, uma ação que só pode acontecer de forma livre e voluntária.

Quando a mulher, como no caso de Narcisa – sujeito histórico produto de uma época e de um contexto particular, de uma cultura e de certos valores morais – se manifesta dissidente, explícita, e por meio da arte assume uma atitude frente à ação direta da biopolítica que, conforme explica Foucault (2011b [1975]), trata-se de uma forma de organização do poder sobre a vida de uma maneira completamente invasiva, é possível compreender que não todo desejo se submete totalmente ao poder. Sendo a mulher objeto de sujeição das forças do biopoder – principal objetivo para o controle do seu corpo e da sua vida, por meio do discurso e das práticas que asseguram a autorregulação – configura-se um dos principais alvos na consolidação dos sistemas capitalistas que, para Foucault (2011b [1975], p. 136): “É inútil insistir sobre a proliferação das tecnologias políticas, que a partir desse ponto irão invadir o corpo, a saúde, as formas de se alimentar e morar, as condições de vida, o espaço completo da existência.”.

Outra mulher, Gilka Machado (1893-1980), publicou seu primeiro livro, *Cristais partidos*, em 1915. Poeta simbolista, foi eleita a “melhor poetisa do Brasil”, em 1933, e foi também uma pioneira na poesia erótica do seu tempo. Contudo, Gilka foi esquecida apesar de uma história de resistência política e de ter fundado um partido político no qual lutou pelo voto feminino, escrevendo colunas de jornais e revistas. No poema que apresentamos, o Eu lírico descreve o sentimento mais profundo da sua condição de “Ser mulher”, enfrentado a angústia da “vida triste, insípida, isolada”, que a deixa “inerte, presa” em um mundo condicionado pelos “preceitos sociais”, impedindo-lhe todo tipo de liberdade que seja guiada puramente pelos desejos.

### **Ser mulher...**

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada  
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;  
tentar da glória a etérea e altívola escalada,  
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada  
para poder, com ela, o infinito transpor;  
sentir a vida triste, insípida, isolada,  
buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto

para a larga expansão do desejado surto,  
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! atroz, tentática tristeza!  
ficar na vida qual uma águia inerte, presa

nos pesados grilhões dos preceitos sociais!<sup>12</sup>

A poeta Gilka manifesta, em 1915, o que significa ser mulher na sua época e, por meio da expressão artística, estabelece uma estreita relação entre a mulher como um ser completo, pleno de desejos e liberdade, e a mera identificação biológica que necessariamente implica em papéis sociais – seus “pesados grilhões”. Contudo, outro grilhão pesa-lhe na história e confirma a sujeição de sua condição de mulher sob a vigilância do biopoder. Trata-se, neste caso, do conceito de feminilidade.

No começo do século XX, no Brasil, o Darwinismo social era utilizado como uma ideologia que sustentava as relações de poder entre brancos, negros e índios e colocava também a mulher em um estágio inferior. Bolsanello (1996), comenta as ideias preconceituosas que se espalharam pelo Brasil no final do século XIX e até meados do século XX, surgidas a partir de intelectuais brasileiros sobre o que pensavam do seu povo, tendo como argumento falaz o Darwinismo social que lhes permitia justificar as práticas imperialistas de dominação, o racismo científico e a eugenia. Nessa crescente e avassaladora onda de preconceitos e ideologias que defendiam a superioridade da raça ariana, a mulher também sucumbe aos embates da sua condição precária, submetendo-se a um novo destino biológico, a saber:

Assim os intelectuais elevaram a miscigenação do povo brasileiro a um princípio de arianização, a um ideal de democracia social, atribuindo um valor ao grau de embranquecimento da pele. Desta forma o branco era superior ao mestiço e este, por sua vez, ao negro ou índio. Como se observam estavam lançadas as bases científicas do preconceito racial e a legitimação das desigualdades sociais em nome da democracia (BOLSANELLO, 1996, p.159)

Desse processo de embranquecimento e justificação científica acerca da inferioridade da mulher sobre diversos aspectos da sua conformação: tamanho do cérebro, fragilidade física, exposição das suas emoções, entre outros mencionados por Charles Darwin no seu livro *A origem do homem e a seleção sexual*, como, por exemplo: “O homem difere da mulher pelo seu tamanho, sua força muscular, seus cabelos etc., assim como pela sua inteligência, como acontece entre os dois sexos de muitos mamíferos” (2009 [1909], p. 9, [tradução nossa]), surge,

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2014/01/as-mulheres-poetas-na-literatura.html> Acesso em: 10/11/2018.

ao mesmo tempo, a condição de uma feminilidade construída socialmente que está intimamente associada com a constatação biológica do fato de ser mulher.

A coexistência da feminilidade como uma condição intrínseca à mulher também configurava – e configura – um mandato fértil de normas e valores morais que mantinham ainda mais fragilizada a sua condição e que funcionava como regulador implacável dos seus desejos.

#### **2.4. Uma aproximação à realidade da mulher acadêmica no Brasil atual**

É indiscutível que a realidade da mulher no mundo acadêmico tem se transformado significativamente a partir da segunda metade do século XX. Na atualidade, o número de mulheres estudantes nas universidades brasileiras supera o número de homens, porém, existe uma notória desigualdade de gênero, ainda enraizada na academia, que deixa transluzir a insuficiência das reivindicações pelos espaços de representatividade.

Para a abordagem desse e de outros temas, utilizaremos como referência o Caderno do GEA<sup>13</sup> (Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil) que leva o título *A mulher no ensino superior distribuição e representatividade*, de Barreto (2014). Na sua primeira seção, a autora apresenta informações importantes sobre a inclusão e valorização da mulher na sociedade a partir das políticas públicas implementadas na década de 1980, porém, apontando à falta de equidade ainda existente entre homens e mulheres por parte do Estado e dos organismos internacionais com a ONU (ONU Mulheres), Unesco e OIT.

Outro aspecto relevante no seu estudo remete às questões sobre raça e as práticas discriminatórias e preconceituosas, sendo ambas, gênero e raça, conjuntamente com o fator econômico, aspectos que influenciam a posição social das mulheres nos diversos âmbitos da sociedade brasileira. A essa realidade, soma-se a situação do sistema de ensino que, segundo a pesquisadora, apresenta um cenário onde encontramos majoritariamente instituições privadas de ensino, com financiamento parcial de bolsas de estudo e onde a frequência acontece nos cursos noturnos. Da realidade apresentada pela pesquisa, Barreto (2014) destaca: “45% dos/as estudantes estavam matriculados/as em faculdades e centros universitários que, ao contrário das

---

<sup>13</sup> O Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior (GEA) tem por objetivo acompanhar, avaliar e intervir nos debates sobre a expansão e democratização da educação superior no Brasil e é formado por pesquisadores, gestores e profissionais, de diferentes regiões do país com experiência em políticas de educação superior. GEA é um projeto da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) Disponível em: [http://flacso.org.br/?page\\_id=7785](http://flacso.org.br/?page_id=7785) Com acesso em: 10/11/2018.

universidades, não têm obrigação de articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão, não possuindo em seu bojo o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação, como cursos de mestrado e doutorado.” Nesse cenário, a equidade de gênero e o reconhecimento das diversidades e identidades se encontram vulneráveis, afetando principalmente às mulheres, porque no caso delas essa desigualdade é estrutural e simbólica.

No Brasil, atualmente as mulheres se encontram em maior número nos distintos níveis educacionais, porém, as dificuldades de gênero se acentuam e apresentam outros aspectos que agravam a situação, como as questões relacionadas com a raça/etnia. Contudo, outros aspectos da realidade das mulheres condicionam a sua atuação nas universidades:

A jornada média das mulheres nas atividades domésticas é mais que o dobro da jornada masculina, já que os números indicam 20,6 horas/semana para mulheres e 9,8 horas/semana para os homens. Articulando a jornada profissional com a doméstica, as mulheres trabalham um total de 56,4 horas e os homens 51,6 horas, contabilizando cinco horas a mais para as mulheres (BARRETO, 2014, p. 16)

Sobre a participação das mulheres nos grupos de pesquisa científica, pertencentes aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, Barreto (2014) explica que há uma paridade enquanto à participação de homens e mulheres, sendo maior o número de mulheres tituladas desde o ano 1998, crescendo significativamente. A pesquisadora aponta que em 2010 o número de mulheres mestres era a maioria da população residente no país comparado com os homens, contudo, a remuneração mensal nesse momento era 42% menor que a dos homens mestres. Em 2004, o número de doutoras tituladas já tinha ultrapassado o de homens.

Sobre as doutoras, a maioria é titulada na área de Ciências Humanas e a minoria absoluta são doutoras engenheiras. Elas, defendem suas teses em diversos estágios da vida, entre os 35 e 39 anos (18%); entre 30 e 34 e 40 e 44 (15%) cada e, após 45 anos, com 14% e 13%. Entre 25 e 39 anos se encontra a menor taxa, com 2% de doutoras. Outras informações são muito relevantes e estão dirigidas à variável raça, onde encontramos que a grande maioria das mulheres que realizam um mestrado se declaram brancas 80%, enquanto as doutoras a representatividade de pardas e pretas aumentou entre 1998 e 2007.

Entre os doutores, as mulheres são maioria em cinco dos seis tipos de fomento no país: iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e estímulo à inovação para a competitividade. Contudo, percebemos a seguinte situação:

a modalidade de maior distinção entre pesquisadores/as – produtividade em pesquisa – prevalece a maioria masculina. De acordo com a definição do CNPq, esta bolsa é “destinada aos pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua

produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq (BARRETO, 2014, p. 35).

Na sua análise, Barreto (2014) apresenta outras situações em que a mulher se destaca ou continua sendo minoria. Ela vincula essa inequidade às políticas sociais que ainda não conseguem viabilizar a equidade salarial, de gênero e de oportunidades, assim como os espaços de representatividade para a mulher acadêmica. Contudo, afirma que as políticas de ação afirmativa nos processos seletivos para diversas instituições de ensino alcançaram estudantes que historicamente estavam afastados dos níveis mais altos do ensino formal por meio de um processo de inclusão nos últimos anos da educação superior. Contraditoriamente, o nível de escolaridade elevado das mulheres não tem impactado de forma significativa no referido à discriminação e à violência física e simbólica que enfrentam diariamente.

## **2.5. A mulher-feminina-mãe**

Com a finalidade de citar outro teórico relevante que realizou estudos sobre a mulher na primeira metade do século XX, observamos que em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Carl Gustav Jung (2008 [1969]) estuda o inconsciente coletivo como segundo sistema psíquico da pessoa, herdado e não adquirido. No capítulo IV, sobre os aspectos psicológicos do arquétipo materno, o autor traça uma lista de aspectos arquetípicos que se identificam simbolicamente com a mãe e que configuram aspectos positivos de complexo materno. Nessa condição, o estado de mãe implica uma tríade indissolúvel, os aspectos mulher-feminino-materno, três dimensões negadas independentemente, exceto para os casos patológicos. Para Jung (2008 [1969], p. 101), a exacerbação do instinto materno refere a imagens louvadas em todos os tempos e línguas, conformando os arquétipos, definido da seguinte forma: “a ideia é preexistente e supraordenada aos fenômenos em geral. “Arquétipo” nada mais é do que uma expressão [...] sinônimo de “ideia” no sentido platônico.”

Devido os arquétipos engendrados sobre a personificação de “mãe”, torna-se necessário identificar quais estão sujeitos à mulher e a sua feminilidade, sem que isso implique necessariamente a maternidade, ou seja, quais arquétipos preexistem pelo simples fato de que

o indivíduo seja considerado biologicamente mulher, para tornar-se realmente mulher-feminina a partir da maternidade. Consequentemente, listamos os seguintes, a mãe<sup>14</sup>:

evoca o amor que pertence às recordações comoventes e inesquecíveis da idade adulta [...] representa a raiz secreta de todo vir a ser e de toda transformação, o regresso ao lar, o descanso e o fundamento originário, silencioso, de todo início e fim. Intimamente conhecida, estranha como a natureza, amorosamente carinhosa e fatalmente cruel – uma doadora de vida alegre e incansável [...] Mãe é amor materno, é a *minha* vivência e o meu segredo. [...] portadora casual da vivência que encerra ela mesma a mim, toda humanidade e até mesmo toda criatura viva (JUNG, 2008 [1969], p.101)

Como o próprio autor reconhece no mesmo capítulo, essa carga, esse peso de significados, não pode ser atribuído a uma “criatura fraca e falível”, porém, dessa mesma forma continua identificando-se à mulher-feminina-mãe, nos séculos passados pelo significado social que o seu papel de mulher tinha; nos tempos atuais, como estratégia comercial quando se aproximam os dias dedicados às mulheres e mães, em ferozes campanhas publicitárias. Cabe, portanto, um novo questionamento sobre esse peso que a mulher brasileira assume involuntariamente e que transforma seus desejos em ações controladas. Cabe também a pergunta sobre como acalmar toda culpa surgida a partir dessa luta infranqueável de tornar-se mulher e ser aceita, e de como sair fortalecida quando não se chega a ser aquilo que socialmente a normatividade estabelece.

Quando fazemos referência às normas, mencionamos padrões normativos culturais e sociais, assim como aqueles que se estabelecem na própria subjetivação, normas e valores que entram em conflito com os desejos. Se as normas produzem ações e são, principalmente, formas do poder, necessariamente atuam por meio do discurso que, conforme Butler (2010a, p. 80), dirige, utiliza e constitui ativamente os sujeitos.

A norma, como uma forma de produzir padrões, gera uma sujeição à abstração da comunidade, que Butler (2010a, p. 81) define, citando a obra de François Ewald (1991)<sup>15</sup>, como a medida que individualiza e que possibilita a individualização<sup>16</sup> constante que permite as comparações. Ela faz possível a indefinida localização de espaços que se distanciam e reduzem, assim como assegura que esses espaços nunca fechem ninguém, criando-se uma natureza

<sup>14</sup> Consideramos necessário que a ideia de mulher-feminino, como categoria estudada, esteja ligada à ideia de *mãe* para que possamos identificar os estereótipos preexistentes ou preconcebidos socialmente, patriarcalmente, para as mulheres, ainda sem o desejo da maternidade ou nos casos de explícita rejeição.

<sup>15</sup> Trata-se do texto “Norms, discipline, and the law”. In Robert Post ed. *Law and the Order of Culture*, Berkeley, University of California Press, 1991.

<sup>16</sup> Quando Ewald define norma faz referência à “individualização”, aquilo criado como natureza específica para o indivíduo, espaços individualizadores, produtos da expressão de uma relação a partir de uma medida que possibilita as comparações.

específica para eles, já que constituem a expressão de uma relação que deve ser vista de forma indefinida no contexto de outras relações. Como princípio para a comparação, a norma se constitui como referência de um grupo para si mesmo, quando carece de referências externas.

No caso das mulheres, a norma que as individualiza de forma constante se regula e preestabelece a partir da própria mulher, principalmente, e depois a partir do poder patriarcal que gerou a norma. Não é possível fugir desses espaços que individualizam e, ao mesmo tempo, indefinem o indivíduo, sendo capaz de atuar conforme preceitos de origem diversa sem questionamentos possíveis, por causa da ausência de referências externas para poder entender a sua natureza. Se existe um elemento que pode ser utilizado como medida e referência, ainda que pertencendo a um outro grupo, esse espelho só poderia ser o homem. Na oposição binária das identidades femininas e masculinas, as dicotomias se estabelecem para ambos os casos, porém, a identidade feminina é a única que recebe a sua constituição desde o exterior, sem a aceitação da própria individualização como modelo.

Sobre o mecanismo de constituição de uma genealogia do gênero que estruturava a sociedade a partir de uma divisão sexista da sociedade e, ao mesmo tempo, assegurava a hegemonia do patriarcalismo, influenciando de forma direta sobre os mecanismos de criação de um amor materno, instintivo e natural, Pietrani (1999) acrescenta que essas tecnologias de gênero são as mesmas que estão constituídas por mecanismos ideológicos que veiculam as ideias-padrão sustentadas pelo Estado e suas instituições. O amor materno, desenvolvido por meio desses mecanismos de controle e disciplinamento, excluiu as mulheres do saber científico e se instaurou como uma necessidade baseada na normativa repressiva, em síntese:

[...] na França [séc. XIX], no momento em que as mulheres chamadas “preciosas” assumiam uma postura de “desordem numa sociedade monarquista paternalista e muito hierarquizada”<sup>17</sup>, ambicionando um saber e uma curiosidade científica tradicionalmente reservados aos homens, a exaltação da figura da mãe surge como uma forma de reprimir o poder e a autonomia da mulher, a partir da construção de um discurso que a culpará e a ameaçará, caso não cumpra o seu dever materno, dito natural e espontâneo (PIETRANI, 1999, p. 379)

Percebemos que o amor materno se instaura como o resultado de uma construção e não como uma determinação da natureza, constituindo-se o produto de uma representação ideológica, processado por meio do medo gerado na mulher, conflitivo e transformador, já que exige uma série de comportamentos e sentimentos que acompanhem o padrão estabelecido socialmente.

---

<sup>17</sup> A citação corresponde a E. Badinter, 1985, p.104. In: REIS, L. et al. (org.) *Mulher e Literatura*, VII Seminário Nacional. Niterói-RJ: EdUFF, 1999.



Em um artigo publicado para o *VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología*, Costantino et al. (2015) desenvolvem as principais características do pensamento de Nancy Chodorow<sup>18</sup> sobre o exercício da maternidade, expondo algumas teorias sobre o processo que inclui o ensino e treino do papel maternal desde as instituições, incluindo a própria família. Nesse estudo se analisa, por exemplo, a idealização da *all-powerful mother* e a construção ideológica da culpa materna nas falhas das expectativas e do desenvolvimento da vida dos filhos, desde o exercício de um papel incorporado na personalidade, a partir de uma autopercepção da mulher nessa relação. O ponto mais relevante para este capítulo destaca a qualidade do cuidado materno com o outro em detrimento do sexo de quem o oferece, combatendo-se dessa forma a maneira como a sociedade ocidental estabelece como natural ser mãe e ser mulher.

Conforme Costantino (2015)<sup>19</sup>, a família transforma em mãe as mulheres, constituindo-se personalidades femininas e masculinas diferentes nas relações interpessoais com filhas e filhos no desenvolvimento, significando que as práticas familiares se configuram a partir das relações diferenciadas entre meninos e meninas, expandindo-se a reprodução do projeto de maternidade no processo de constituição psíquica das mulheres. Para poder entender melhor esse processo, devemos considerar que o exercício da maternidade acontece desde a primeira relação entre mãe-bebê e continua fortalecendo-se na vida da menina em múltiplas dimensões.

---

<sup>18</sup> Costantino cita a Nancy Chodorow que integra a *International Psychoanalytical Association*. Professora de sociologia na Universidade da Califórnia em Berkeley e uma das principais teóricas do pensamento feminista [tradução nossa]. Fonte disponível em: <https://www.radcliffe.harvard.edu/news/radcliffe-magazine/nancy-j-chodorow-65-ri-02> Com acesso em: 10/11/2018.

<sup>19</sup> Chodorow, N. *El ejercicio de la maternidad*. Barcelona: Gedisa, 1984.

## CAPÍTULO III

### O discurso “conciliador”: as possibilidades enunciativas

Neste capítulo, apresentaremos a constituição do *corpus* da pesquisa e analisaremos as respostas dadas para a primeira pergunta no fórum. Numa primeira instância que titulamos “Quando o ‘conciliar’ visa o ‘conceder’”, procuraremos organizar de maneira esquemática, e conforme categorias que serão apresentadas em tabelas, algumas respostas que consideramos pertinentes para nossos objetivos da pesquisa. Dessa forma, também faremos referências aos critérios e elementos considerados na seleção realizada e apresentaremos a Tabela 1 e Gráfico 1, representativos desses critérios.

Na mesma seção, apresentaremos a análise desses dizeres das mulheres participantes conforme os critérios que foram selecionados para a sua abordagem. Também se introduz a Tabela 2 que representa um exemplo da forma como muitas respostas foram estruturas sintaticamente e as apreciações sobre fragmentos-chave que foram relevantes para a análise posterior.

Numa segunda instância, titulada “Quando a ‘obrigatoriedade’ radica no verbo”, apresentamos uma tabela que procura identificar efeitos de sentido a partir de estruturas discursivas num único depoimento que nos permitiu identificar aspectos relacionados com a “forma-sujeito”, a “obrigatoriedade” manifesta nos dizeres das participantes, o “silêncio” e as reiteradas contradições que serão analisadas a partir de frases selecionadas.

Na seção final, titulada “Tudo que temos que fazer”, analisamos enunciados que configuram a posição-sujeito da mulher e que atravessam seu discurso, configurando uma idealização do saber sobre o objeto. Posteriormente, apresentamos uma nova tabela que procura, a partir de frases-chave, identificar formas de significação pertencentes ao discurso patriarcal, finalizando-se o capítulo com uma abordagem sobre a “negativa” e uma análise sobre a escolha de termos e expressões realizada pelas participantes.

### 3.1. Constituição do *corpus*

Delimitar o universo da pesquisa traria conclusões condicionadas pelas variáveis independentes, descartando o tipo de pós-graduação, a região, condição econômica ou aspectos étnicos, assim como faixa etária ou qualquer outra limitante. Para a coleta de dados, condicionada por variáveis, necessitaríamos escolher uma, ou mais de uma, de forma arbitrária, decisão que nos levaria a um registro extenso de informações que não seriam produtivas neste trabalho nem acompanhariam o nosso objetivo.

Com a finalidade de confirmar que a delimitação das variáveis não seria valiosa para a coleta de dados, se realizaram vários debates informais, durante o primeiro ano do mestrado, com colegas mulheres que estavam nesse momento fazendo uma pós-graduação ou já tinham realizado. A grande maioria se manifestou a favor de não incluir variáveis, tais como idade, raça/etnia, lugar de origem, dentre outras, que poderiam excluir outras mulheres, considerado que o objetivo da pesquisa apontava a situações que todas as mulheres, independentemente da sua condição, têm enfrentado. No grupo de pesquisa também se discutiu esse aspecto e, como conclusão, se insistiu em que a mulher acadêmica é uma categoria que por si só, e perante o poder patriarcal, está condicionada às mesmas dificuldades.

Dessa forma, a variável mulher foi a única condição restritiva, além da sua experiência como pós-graduanda ou pós-graduada. Essa liberdade permitiria que as participantes se sentissem à vontade para comentar sobre suas experiências acadêmicas sem a condição, delimitada pelo pesquisador, no referente a aspectos socioeconômicos, étnicos, entre outros.

Pensando na complexidade na coleta de dados, assumimos diversos desafios no processo de obtenção do *corpus* da pesquisa. O método devia ser pensado conforme o grau de comprometimento subjetivo das mulheres com o assunto, portanto, as entrevistas pessoais ou à distância, utilizando recursos tecnológicos, não seriam efetivas para a obtenção das respostas fidedignas e suficientemente sinceras como para uma análise confiável. Dessa forma, descartamos a entrevista pessoal pelos seguintes motivos: a identificação da participante poderia delimitar as respostas e provocar um grau de constrangimento desnecessário; a participante poderia não se sentir à vontade para expor situações pessoais vinculadas com a família, especificamente com seu companheiro homem, sendo o entrevistador também um homem e desconhecido.

Dessa maneira, consideramos o anonimato como a melhor forma de obter respostas sem expor as mulheres, facilitando também a espontaneidade e a segurança para as depoentes. Sobre

o método utilizado para a coleta de registros, se pensou na possibilidade de um registro *online* que permitisse uma participação anônima, que permitisse a elaboração de um texto mais elaborado que o obtido numa enquete e que, ao mesmo tempo, também permitisse a interação entre as participantes, ação que poderia trazer vantagens para a exposição das suas histórias, motivando-as à exposição e comentários. Finalmente, consideramos que um fórum virtual seria o espaço mais adequado para a exposição escrita das participantes, assegurando o anonimato e permitindo a interação entre elas, em qualquer momento e lugar.

Criado o fórum, obteve-se o acesso por meio de *nome de usuário* e *senha* que foram enviados a todas as mulheres convidadas de forma anônima na rede social *Facebook*, grupos do aplicativo *WhatsApp* e e-mail, com a explicação detalhada sobre a pesquisa e as orientações sobre a aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>20</sup> que se incluiu no fórum, indicando, conforme as características da pesquisa, que a participação era voluntária, anônima e que o registro do/s depoimento/s implicava a aceitação dos termos. Para assegurar ainda mais o controle dos depoimentos no fórum, periodicamente se realizou uma cópia de segurança e se controlou qualquer alteração ou informação que expusesse dados pessoais sobre as mulheres.

Aberto o fórum, elaboramos apenas duas perguntas que foram estudadas meticulosamente para obter resultados amplos, a partir de questionamentos abertos que permitissem um material apropriado para o estudo analítico, tendo como categoria apenas a delimitação de idade, nos casos que foram declarados, e a condição de que fossem mulheres que estivessem estudando uma pós-graduação ou que já a houvessem terminado.

O site público e gratuito que utilizamos se denomina *Forumeiros.com*<sup>21</sup>, um espaço virtual que nos assegurava total proteção da informação que, de toda forma, era copiada diariamente a outra base de dados particular como já foi mencionado. O acesso e funcionamento do fórum estava condicionado a um nome de usuário e senha que foi proporcionado a todas as interessadas em participar, por meio de *Facebook*, *WhatsApp* e mensagens por e-mail, resguardando a identidade das mulheres. Cada participante entraria no fórum como *Administrador*, assegurando o anonimato e protegendo os dados registrados. Como cada participante tinha a possibilidade de realizar mais de um comentário anônimo ou responder às participações de outras depoentes, não é possível afirmar o número exato de mulheres.

---

<sup>20</sup> O “Termo de consentimento livre e esclarecido” se encontra em *Apêndices*.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://pesquisademestrado.forumeiros.com/t2-considera-possivel-se-dedicar-a-vida-academica-e-conciliar-as-exigencias-familiares-ao-mesmo-tempo#4> Acesso em: 10/11/2018. Nome de usuário: **Admin** - Senha: **taubate\*\*** (*Um número \*\* foi eliminado para evitar a edição do fórum*). Os depoimentos para análise foram copiados em outro arquivo em 10/12/2017, para evitar alterações ou a perda do material. Condições gerais de utilização do serviço, disponível em: <https://www.forumeiros.com/condicoes-gerais> Acesso em: 10/11/2018.

O título do fórum é *Mulheres acadêmicas* e apresenta uma breve descrição sobre o objetivo e assunto: *Este fórum tem o objetivo de conhecer o ponto de vista de mulheres acadêmicas sobre a relação estudos-família*. A primeira pergunta do fórum foi gerada a partir da primeira inquietação que motivou a pesquisa e teve origem nos relatos de colegas mulheres na pós-graduação em Linguística Aplicada, sobre vivências pessoais e em histórias relatadas por colegas de trabalho no Instituto Federal de São Paulo, muitas delas temas de discussão nas reuniões do Núcleo de Gênero e Sexualidade (NUGS)<sup>22</sup>. Nesses relatos se apresentavam casos em que as mulheres contavam suas experiências no processo de realização da pós-graduação e destacavam os conflitos com as suas famílias, principalmente naqueles casos onde as mulheres tinham filhos e trabalhavam concomitantemente.

Muitas vezes se falou sobre a impossibilidade de conciliar tantas tarefas que geralmente eram “responsabilidade” das mulheres, assim como também se falava sobre a culpa que gerava deixar os filhos em casa enquanto se estava estudando. A grande maioria dessas reflexões tornaram-se um questionamento sobre se essa realidade era a de todas as mulheres que cursavam uma pós-graduação, porque existia uma grande diferença com relação à graduação, sendo que ela forma parte de um processo aceito pelas famílias tradicionais (mãe, pai, avós e irmãos) na atualidade, em relação à mulher jovem que sai do Ensino Médio e começa uma faculdade, aparentemente por uma questão de emancipação e vontade da mulher hoje não tão questionada como era no começo do século XX.

Contudo, consideramos que a realidade da mulher que inicia uma pós-graduação é diferente em relação aos homens, porque estamos falando de uma etapa da juventude em que a mulher começa a pensar na sua própria família ou já está casada e pensa em ter filhos ou já tem, independentemente dos motivos, vontade própria ou coação social. As mulheres que têm filhos ou cogitam tê-los e pensam, ao mesmo tempo, continuar seus estudos, motivadas por diversos desejos ou necessidades, encontram-se delimitadas por várias barreiras que desestabilizam as suas vontades. Dessa forma, a vida acadêmica que envolve uma formação posterior à primeira graduação nos parecia um momento de tensões para as mulheres, sendo o nosso principal interesse a forma como elas tentam resolver ou mediar tais conflitos que têm origens históricas e que serão desenvolvidas no Capítulo II.

Considerando os aspectos antes mencionados, a primeira pergunta foi formulada da seguinte forma: **Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências**

---

<sup>22</sup> O NUGS – IFSP tem a finalidade de promover ações com vistas a uma educação inclusiva. Mais informação disponível em: <http://www2.ifsp.edu.br/index.php/instituicao/nucleos/nugs.html> Acesso em 10/11/2018.

**familiares ao mesmo tempo?** Nessa pergunta partimos de uma possibilidade que não supõe uma experiência prévia para a resposta, considerando que algumas das mulheres que participariam do fórum poderiam estar iniciando o curso de pós-graduação e não ter passado por nenhuma situação específica. A eleição da expressão “se dedicar” procurou ter o mesmo valor semântico que a palavra “exigência”, já que consideramos que tanto a vida acadêmica quanto a familiar, principalmente no caso das estudantes que são mães, implica um tempo e esforço significativo para a mulher, agravando as tensões quando a mulher engravida ou tem filhos pequenos.

Sobre o termo “conciliador”, a escolha esteve condicionada pela forma como as mulheres – conforme os debates mencionados anteriormente sobre os dizeres das colegas de estudo e de trabalho – solucionavam os conflitos, implicando muitas vezes ceder perante demandas familiares em detrimento do curso, porém, expressado de forma conciliatória, como se fosse uma negociação que, em poucos casos, beneficiava totalmente a mulher no seu papel como acadêmica. Dessa forma, o termo “conciliador” aparece no título da nossa dissertação entre aspas para alertar sobre seu relativo valor semântico quando nos dizeres das mulheres isso parece significar uma negociação, um acordo equitativo. Na pergunta, as aspas não foram colocadas porque gerariam questionamentos que não poderiam ser explicados e porque pretendíamos que as participantes entendessem o termo conforme seu critério de valores.

A segunda pergunta se inicia com uma introdução que solicita identificar a faixa etária da participante: **“Responda à seguinte pergunta identificando em qual faixa etária se encontra (20-30; 30-40; etc.). Desde o momento em que você decidiu se dedicar aos estudos, houve contratempos que dificultaram seus objetivos? Se houve, fale sobre eles, dê alguns exemplos.”** A pergunta foi disponibilizada no fórum quase dois meses depois da primeira com o intuito de continuar recebendo depoimentos da primeira e novas participações na segunda. Contudo, algumas participantes também responderam à primeira pergunta nessa segunda instância. As condições eram as mesmas e estavam identificadas nos convites que realizamos nas redes sociais e aplicativos.

Nessa instância procurávamos saber a faixa etária das participantes, com o objetivo de identificar algumas constantes nos diversos depoimentos conforme a idade, informação que nos permitiria também elaborar critérios a partir dessas categorias, condicionados pelos relatos e experiências de vida informadas. Nessa pergunta apelamos à descrição de acontecimentos que impediram ou dificultaram a decisão tomada pela mulher sobre a sua vontade de estudar uma pós-graduação. Na pergunta se solicita o relato de exemplos, sequências que permitem uma aproximação aos detalhes daqueles impedimentos, assim como a identificação da origem.

A pergunta foi elaborada considerando algumas palavras-chave que poderiam ativar aspectos subjetivos: “decidiu”, apela à vontade do sujeito e “se dedicar”, utilizada na primeira pergunta, apela a um esforço que demanda tempo e comprometimento. Por outro lado, “contratempos” é um termo que remete a circunstâncias inesperadas, obstáculos não premeditados que surgiram no processo e que inviabilizaram ou fragilizaram aqueles objetivos decorrentes da decisão tomada pelas mulheres.

As respostas, tanto para a primeira pergunta, quanto para a segunda, não tinham um limite na sua extensão o que gerou um volume suficiente para a análise que pretendíamos. Como resposta à primeira pergunta se obteve 23<sup>23</sup> depoimentos que não correspondem, necessariamente, à participação de 23 mulheres, porque cada uma delas tinha a possibilidade de responder a outros depoimentos ou realizar mais de uma participação no mesmo fórum. Como resposta à segunda pergunta se obteve 10 depoimentos.

Data/hora atual: Dom 6 Maio 2018 - 17:58

**POR FAVOR DIGITE O SEU NOME DE USUÁRIO E SUA SENHA PARA CONECTAR-SE.**

Nome de usuário:

Senha:

[Esqueci minha senha](#)

Conexão automática

**REGISTRAR-SE**

Você ainda não tem uma conta ?  
Você pode se cadastrar

Início

**Figura 1:** acesso ao site *Forumeiros.com*

<sup>23</sup> Ver em Apêndices ou pelo link <http://pesquisademestrado.directorioforuns.com/login> Nome de usuário: **Admin**, senha: **taubate\*\***. Acesso em 10/11/2018.



**Forumeiros.com** Mulheres acadêmicas  
Este fórum tem o objetivo de conhecer o ponto de vista de mulheres acadêmicas sobre a relação estudos-família.

Início Calendário FAQ Buscar Membros Grupos Registrar-se Conectar-se

Buscar... Buscar

Kelley Blue Book  
KBB.COM.BR  
VER PREÇO  
KBB

**Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?**  
Mulheres acadêmicas :: Sua primeira categoria :: Seu primeiro fórum  
Página 1 de 1 • Compartilhe • Mais

**Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?**  
D por Admin em Ter Mar 21, 2017 10:24 pm

Sim, acho que seja possível. No entanto, é exigido do estudante (mestrando ou graduando) muita disciplina e controle emocional. E, obviamente, compreensão e colaboração dos demais membros familiares.

Última edição por Admin em Ter Maio 16, 2017 9:21 pm, editado 3 vez(es)

**Re: Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?**  
D por Admin em Ter Mar 21, 2017 11:40 pm

Acredito que conciliar estudos e família depende da configuração familiar em que vive cada pessoa. No meu caso, o avanço nos estudos, na Pós-

**Figura 2:** Primeira e segunda pergunta apresentadas no fórum

No processo de registro dos textos, algumas mulheres entraram em contato para realizar participações prévias de maneira informal e declararam que era um tema muito pessoal e difícil de explicar, mas que queriam muito que seus casos ficassem como registro da pesquisa, porque consideravam que o tema era “importante”, “transcendente”, “relevante”, entre outros termos utilizados. Outras mulheres declararam que não participariam, mas que conheciam casos de amigas ou familiares que passaram por situações difíceis, separações conjugais ou que tinham desistido definitivamente de estudar. Em definitiva, durante os meses que foram de coleta de registros, o interesse pela pesquisa teve uma recepção positiva por parte de colegas e profissionais desconhecidas que apoiaram, escreveram sobre as suas experiências e contribuíram com ideias e declarações de forma pessoal.

### 3.2. Quando o “conciliar” visa o “conceder”

Na leitura inicial das respostas dos participantes, carregada de primeiras impressões, foi possível identificar algumas contradições, principalmente na forma como foi respondida a pergunta sobre se era possível conciliar os estudos com a família.<sup>24</sup> Foi possível, porém,

<sup>24</sup> A primeira pergunta foi: “**Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?**” Disponível em: <http://pesquisademestrado.forumeiros.com/t2-considera-possivel-se->



perceber uma nova característica, na segunda pergunta<sup>25</sup>, sobre as dificuldades e contratempos durante a formação, vinculadas aos conflitos com os parceiros, não expostos na primeira pergunta do fórum. Essas primeiras contradições permitiram identificar camadas discursivas que deveriam ser analisadas por meio de esquemas comparativos, identificando níveis entre o dito e o não dito, entre a escolha de alguns termos e a exclusão de outros, entre o valor semântico de uma palavra e o contexto descrito pelas participantes, revelando uma série de possíveis intenções dissimuladas a partir de uma explícita declaração inicial.

A nossa pesquisa parte de um objetivo geral que procura identificar de que forma se constrói o discurso conciliatório que as mulheres<sup>26</sup> acadêmicas brasileiras – mulheres que fazem ou fizeram uma pós-graduação como forma de crescimento profissional ou por interesse na pesquisa – elaboram para justificar a sua relação e equilíbrio entre a família, o trabalho e os estudos. Para explicar melhor o nosso objetivo devemos revisar a história das mulheres no Brasil, conteúdo desenvolvido no Capítulo II, e a sua relação com o discurso do patriarcalismo, com o intuito de entender as bases que configuram o nosso interesse acadêmico pelos discursos materializados por essas mulheres.

Por que pensamos em mulheres acadêmicas, título principal da dissertação? Conforme a nossa pesquisa<sup>27</sup>, historicamente, a mulher brasileira que se aventura a realizar estudos, motivada pelo próprio crescimento profissional ou interesse pelo conhecimento, tem sido impedida e convencida de desistir, impondo-se a justificativa do seu papel de mãe e protetora do lar, principalmente por parte do seu cônjuge.

Na condição de mulher cuidadora do lar e modelo de valores morais que não deveria, em condição alguma, priorizar desejos pessoais perante a responsabilidade com os filhos, cônjuge ou com a casa, a situação da mulher que desejava estudar no começo do século XX e

---

[dedicar-a-vida-academica-e-conciliar-as-exigencias-familiares-ao-mesmo-tempo#4](#) Com acesso em: 10/11/2018. Nome de usuário: **Admin** - Senha: **taubate\*\***.

<sup>25</sup> A segunda pergunta foi: Desde o momento em que você decidiu se dedicar aos estudos, houve contratempos que dificultaram seus objetivos? Se houve, fale sobre eles, dê alguns exemplos. Disponível em: <http://pesquisademestrado.forumeiros.com/t2-considera-possivel-se-dedicar-a-vida-academica-e-conciliar-as-exigencias-familiares-ao-mesmo-tempo#4> Com acesso em: 21/01/2018. Nome de usuário: Admin - Senha: **taubate\*\***.

<sup>26</sup> O uso do termo “mulher” estará sempre restringido às mulheres na condição que se explica no texto, sem que isso signifique uma categoria representativa na sua generalização; por conseguinte, fazemos referência às mulheres acadêmicas que conformaram o *corpus* da pesquisa como exemplo de uma condição recorrente e não totalizadora.

<sup>27</sup> Fazemos referência à pesquisa realizada a partir do livro *História das mulheres no Brasil*, de Mary Del Priore (2017 [1997]).

a mulher do século XXI, parecem manter algumas características semelhantes. Uma pesquisa<sup>28</sup> realizada em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirma que das mulheres jovens entre 14 e 29 que não estudavam, 26% – uma de cada quatro – alegavam cuidar de crianças ou idosos, assim como a necessidade de realizar tarefas domésticas. Essa realidade não acontecia com os homens, sendo para eles um percentual 30 vezes menor – como exemplo, citamos da nossa pesquisa um fragmento significativo: “às vezes o estudo é deixado de lado por surpresas como gravidez não-planejada ou adoecimento de um ente querido”. Conforme a pesquisadora Marina Aguas, analista da Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE, a necessidade de cuidar de afazeres domésticos ou de crianças – pessoas em geral – é muito mais comum para as mulheres do que para os homens, sendo o segundo motivo declarado como principal entre as mulheres.

Para determinar o método de análise do material, foi necessário realizar uma primeira leitura dos registros coletados que trouxesse à tona quais eram as características dos textos e como as perguntas foram respondidas, registrando para isso algumas constantes nas estruturas sintáticas fixas ou flexíveis na linguagem utilizada. Na primeira etapa da análise de dados, procuramos esquematizar algumas questões gerais que percebemos desde o ponto de vista das estruturas sintáticas e desde os aspectos semânticos: escolha de palavras, sequências de ideias desenvolvidas, uso das conjunções, expressões afirmativas, escolhas que organizam o *corpus*.

Nesses esquemas destacou-se o uso de conjunções adversativas que foram utilizadas como introdutórias para a exposição de argumentos-chave na análise posterior e que evidenciaram algumas dissonâncias sobre as próprias afirmações como se apresenta a partir do próximo parágrafo.

Na primeira pergunta: “Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?” Dez dos 23 depoimentos incluem a afirmação “Sim”, enquanto outros apresentam as expressões “Acredito que seja possível” ou “Considero que seja possível”. Na maioria dos casos, a afirmação está acompanhada de algumas conjunções adversativas, locuções conjuntivas ou expressões que introduzem uma condição posterior na frase, a saber: “no entanto” (2 vezes); “desde que” (1 vez); “mas” (5 vezes); “apesar de” (1 vez); “claro que” (1 vez); “é preciso” (1 vez) e “contudo” (1 vez), totalizando 12 enunciados, a maioria introdutórios, com essa mesma estrutura. Na próxima tabela, onde se apresenta o

---

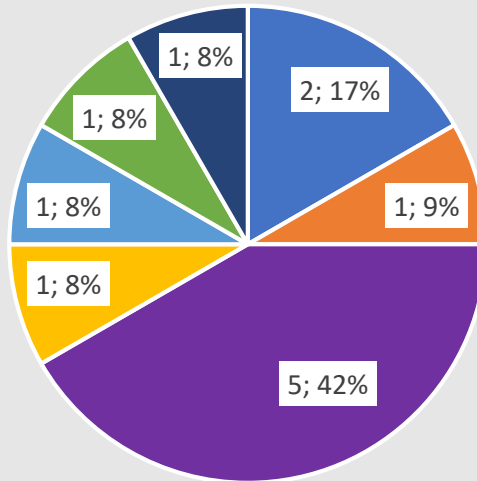
<sup>28</sup> A informação sobre a pesquisa encontra-se disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18993-das-jovens-fora-da-escola-26-alegam-cuidar-da-casa-de-criancas-ou-idosos.html> Acesso em: 10/11/2018.

registro de cada participante, é possível visualizar as estruturas, seguindo a ordem de ocorrência no fórum.

A partir da Tabela 1, utilizaremos as seguintes abreviaturas: **P** (Primeira), **S** (Segunda), **p.** (pergunta), **D.** (Depoimento).

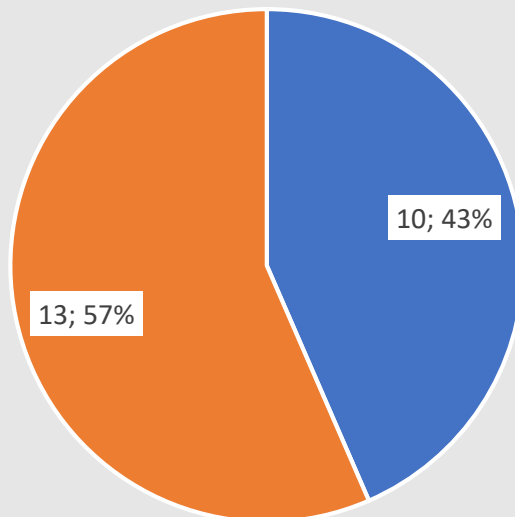
<b>TABELA 1</b>		
<b>Estrutura sintática recorrente em 12 depoimentos sobre a pergunta 1</b>		
<b>Expressão afirmativa</b>	<b>Conjunções advers./Loc. conjuntivas / Expressões</b>	<b>Justificativa</b>
Sim, acho que seja possível. <b>Pp.D.1.</b>	<b>no entanto</b>	é exigido do estudante (mestrando ou graduando) muita disciplina e controle emocional [...]
Acredito que seja possível sim [...] <b>Pp.D.3.</b>	<b>[...] no entanto</b>	isso exige a cooperação de todos os membros da família
Sim, tal conjugação de tarefas familiares e exigências acadêmicas é possível, <b>Pp.D.4.</b>	<b>desde que</b>	nos organizemos em tempo e em finanças.
Conciliar os estudos de pós-graduação com a vida familiar é possível, <b>Pp.D.7.</b>	<b>mas</b>	exige dedicação e seleção de prioridades.
É possível conciliar, <b>Pp.D.11.</b>	<b>mas</b>	creio que algumas das tarefas ou exigências de ambos não serão realizados com a atenção necessária [...]
Sim, claro! [...] <b>Pp.D.16.</b>	<b>é preciso</b>	ter disciplina e uma rede de apoio, pois sozinho não se vai longe.
É possível sim! <b>Pp.D.17.</b>	<b>contudo,</b>	é preciso bastante disciplina para atender às demandas.
É possível conciliar trabalho, estudo, casa, filhos, <b>Pp.D.18</b>	<b>mas</b>	tudo isso só é possível quando temos um objetivo, uma meta.
Sim, é possível [...] <b>Pp.D.19.</b>	<b>mas</b>	creio que de forma ordenada e regrada consigamos nos dedicar aos estudos com muito interesse.
Sim, <b>Pp.D.20.</b>	<b>apesar de</b>	algumas exigências considero possível.
Considero ser possível, <b>Pp.D.21.</b>	<b>mas,</b>	não é fácil.
Acredito que é possível sim [...] <b>Pp.D.23.</b>	<b>[...] claro que</b>	precisa de muita dedicação e organização.

**Gráfico 1**  
**Percentual de conjunções adversativas, locuções conjuntivas ou expressões de igual valor semântico**



■ No entanto    ■ Desde que    ■ Mas    ■ Apesar de  
 ■ Claro que    ■ É preciso    ■ Contudo

**Gráfico 2**  
**Percentual de expressões afirmativas**



■ Sim    ■ Outras expressões afirmativas

No gráfico 1, percebemos que a resposta é afirmativa em todos os casos. De toda forma, a análise que nos permite determinar alguns resultados não está relacionada com a resposta e sim com a forma como a resposta é elaborada, por parte das participantes, na sua totalidade. Curiosamente, e como já foi informado na introdução, na pergunta não se solicita uma explanação sobre o assunto e em todos os casos acontece de forma detalhada. Observemos a seguinte sequência discursiva 1, **Pp.D.7**.

**Sequência discursiva 1:**

Conciliar os estudos de pós-graduação com a vida familiar é possível, mas exige dedicação e seleção de prioridades. À medida que se avança no processo de qualificação profissional, seguindo a ideia de especialização, mestrado e doutorado, se tem menos tempo livre para cuidar da vida pessoal, e às vezes o estudo é deixado de lado por surpresas como gravidez não-planejada ou adoecimento de um ente querido. É preciso que qualquer pessoa que busque estar na academia faça concessões, e por isso, às vezes, planos de formar uma família, casar, ter filhos são adiados, caso existam. Sou solteira, não tenho filhos (nem pretendo, no momento), não sou casada (nem pretendo, no momento) e relações familiares/sociais não me atrapalham na minha vida acadêmica. Para mim, o maior percalço é conciliar o trabalho com os estudos - o tempo ocupado, o dinheiro e as exigências dos chefes são os fatores que mais influenciam de forma negativa na minha dedicação acadêmica. **Pp.D.7**.

Na sequência discursiva que apresentamos, a afirmação surge no início do texto como resposta direta à pergunta formulada, contudo, o que parece ser uma afirmação reiterando o próprio verbo da pergunta “é possível”, torna-se o resultado inconsistente que depende diretamente de várias condições a partir da conjunção “mas”: “dedicação”, “seleção de prioridades”, “concessões”, “adiar planos”, entre outros. Nesse universo da resposta afirmativa, o termo “conciliar”, que foi utilizado na pergunta com o sentido de fazer acordos, negociações, é substituído pelo termo “concessões” que tem, nesse contexto, o significado de ceder, excluindo a primeira pessoa das decisões que poderiam acontecer se a participante fosse casada.

Na seguinte afirmação: “[...], às vezes, planos de formar uma família, casar, ter filhos são adiados, caso existam. Sou solteira, não tenho filhos (nem pretendo, no momento), não sou casada (nem pretendo, no momento) e relações familiares/sociais não me atrapalham na minha vida acadêmica.”, a não pretensão de ter filhos e casar é, de forma antitética, aquilo que permite que ela possa estudar, contudo, manifesta também, indiretamente, que essa realidade – ter filhos e estar casada – seria um problema que a levaria a fazer concessões, truncando seus objetivos. A análise desse depoimento nos permite perceber que o sucesso obtido, até o momento, por parte da participante, se deve à possibilidade que teve de afastar, ou de se afastar, daqueles compromissos ou circunstâncias que seriam um impedimento para estudar, tais como o

casamento ou ter filhos. Entretanto, o trabalho aparece como influência negativa que fragiliza a sua dedicação, aspecto que não é abordado na pesquisa, porém, surge como um novo contexto de conflitos.

No gráfico 1, observamos que as conjunções adversativas, explícitas e outras elípticas como no caso “[Ø] É preciso”, cumprem não apenas a sua função sintática, como elemento de oposição ou contraste, elas também introduzem um extenso discurso de justificação, demandas, condições, reivindicações e muitos clichês que fragilizam aparentes argumentos sobre a impossibilidade da conciliação ou do sucesso com os estudos. Nas relações discursivas e argumentativas, conforme Koch (2010), os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos. Cada enunciado resulta de um ato de fala distinto, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, tomado como tema. Esses encadeamentos podem acontecer entre orações do mesmo período, entre um ou mais períodos, ou parágrafos diferentes de um texto. Esses conectores, no momento de introduzir um enunciado, determinam a sua orientação argumentativa.

No caso das conjunções, elas ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão. Nos depoimentos será possível identificar: disjunções argumentativas, nos enunciados que possuem orientações discursivas diferentes e resultam de atos de fala diferentes, que se procura provocar o leitor por meio do segundo e a contraconjunção, por meio da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, prevalecendo aquele introduzido por “mas”, “porém” etc. Segundo Koch (2010)<sup>29</sup>, o operador “mas” pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções e desejos, sendo recorrente o uso nos depoimentos das participantes.

Os verbos utilizados, consecutivamente à utilização das conjunções, evidenciam o teor impositivo dessas condições, a saber: “é exigido”; “isso exige”; “nos organizemos”; “exige”; “ter disciplina”; “é preciso”; “só é possível”; “precisa de”, verbos que no modo indicativo ou no subjuntivo, se conjugam no presente, porém, sem identificar necessariamente um sujeito, a primeira pessoa, como sujeito agente que, necessariamente, implicaria uma ação do enunciador, optando-se pela impessoalidade, da mesma forma que se faz em um texto dissertativo em que o autor se distancia do assunto. Outra necessidade exposta nos depoimentos, e que pode se confundir com esse afastamento do uso da primeira pessoa, é o uso dos verbos no plural, recorrendo às afirmações de cunho universal que pretendem ser representativas de toda uma

---

<sup>29</sup> A referência é de DUCROT. *Analyses pragmatiques*. In: *Communications* 32. Paris: Ed. Du Seuil, p. 11-60.

categoria de mulheres que estudam, carregadas também de estereótipos e preconceitos. Vejamos:

**Sequência discursiva 2:**

É possível sim! Contudo, é preciso bastante disciplina para atender às demandas. Além de ter muita humildade e pedir ajuda. Não adianta ser orgulhosa e querer fazer tudo sozinha! Se pudermos contar com nossos pares melhor ainda. A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso. **Pp.D.17.**

No recorte discursivo exposto, não se apresenta a primeira pessoa como agente que teria disciplina, atenderia às demandas e teria humildade para pedir ajuda. Esses aspectos estão relacionados às características de uma categoria, a mulher. Dessa forma, afasta a possibilidade de conciliação da própria participante como dependendo das mulheres como um todo, apresentando o ponto de vista que justifica que as mulheres conseguem fazer tudo, porém, se recebessem ajuda seria melhor: “Se pudermos contar com nossos pares melhor ainda. A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso”. Destaquemos, nessa última frase, que o caráter universal da afirmação estereotípica da mulher “multifacetada” e “multifuncional” é uma convicção, quase uma essência do ser mulher, incontestável pela forma como é exposta no texto, sendo até uma característica perigosa quando não existe um controle.

O clichê sobre ser multifacetada e a multifuncionalidade, sempre preparada para tudo pelo fato de ser mulher, cuidar dos filhos, do marido, da casa, estudar e trabalhar, entre outras funções, também é derrubado posteriormente: “mas precisa ter um controle sobre isso”, o que não implica não poder fazê-lo, senão, a necessidade de um planejamento e organização, dedicação, disciplina, não ser orgulhosa e pedir ajuda e, se acontecer, a ajuda do seu par. Assumir esse tipo de papéis sociais indica, como afirma Butler (2010b), atos *performativos*, uma incorporação que se materializa na realidade, uma idealização que é efeito de uma significação corporal, atos, gestos, desejos, uma substância na superfície<sup>30</sup> do corpo que são o princípio organizador da identidade, *invenções* fabricadas e preservadas por meio de signos corpóreos e outras formas discursivas.

Analisando o depoimento completo de outra participante (**Pp.D.12.**) e esquematizando a forma como se estrutura a resposta, obtemos o seguinte resultado:

<sup>30</sup> A referência à superfície do corpo surge a partir da afirmação de Foucault (2011b [1975]) sobre a *alma* como realidade, criada de forma perpétua em torno, na superfície e no interior do corpo, pelo funcionamento de um poder que se impõe sobre aqueles a quem se castiga.

<b>TABELA 2: Estruturação de uma resposta</b>		
<b>Depoimento: Pp.D.12.</b>	<b>Fragmentos-chave</b>	<b>Efeitos de sentido</b>
<b>É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer com a vida acadêmica [...]</b>	“tudo que temos que fazer”	Afirmção que denota obrigação, imposição ou necessidades na vida familiar e no trabalho.
<b>algumas coisas do dia a dia ficam de lado para conseguir entregar a demanda do estudo [...]</b>	“coisas do dia a dia ficam de lado”	Prioriza os estudos, mas sacrifica algumas tarefas.
<b>[...]no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó [...]</b>	“não tenho filhos ou marido” “familiares que dependem de mim”	Se responsabiliza por um familiar de segundo grau. Os planos de uma família própria não são expostos.
<b>Apesar disso consigo equilibrar os afazeres deixando de lado coisas que incomodam quando deixadas por muito tempo de lado como a limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais.</b>	“Deixando de lado coisas que incomodam [...] quando deixadas por muito tempo” “limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais”	Deixa de lado atividades importantes do lar e cuidados pessoais para poder dedicar mais tempo aos estudos.
<b>Uma vez queria cortar o cabelo e tive que adiar por mais de dois meses por não conseguir achar tempo para fazer.</b>	“tive que adiar por mais de dois meses”	O cuidado pessoal não é uma prioridade frente às exigências.
<b>Mas é possível sim, apesar de ter muita cobrança por atenção ou por tempo de outras pessoas [...]</b>	“é possível sim”	Reafirma a possibilidade de conciliação de forma contraditória à primeira afirmação “é muito difícil”.
<b>a maioria das vezes a ausência dessa atenção acaba sendo perdoada.</b>	“acaba sendo perdoada”	As demandas que não são atendidas são perdoadas, os estudos não são uma justificativa suficiente sobre as atenções reclamadas.
<b>O mais difícil é você conciliar o trabalho e estudos, já que o trabalho demanda tanto tempo de atenção quanto o estudo e por este motivo vc deve se desdobrar para atender as demandas que a vida lhe envia.</b>	“o mais difícil é você conciliar o trabalho e estudos”	O trabalho torna-se a principal causa do desdobramento para atender as demandas.
<b>Se [você] não for uma mulher estressada no final você consegue superar tudo.</b>	“no final você consegue superar tudo”	Um novo clichê resolve a tensão gerada no depoimento. Não ser estressada resolveria a forma de conciliação.

Na leitura desse depoimento, observamos com detalhes um caso que se baseia muito mais na experiência da participante que nas sugeridas dificuldades próprias da mulher universal, sinalizado pelo uso de verbos na primeira pessoa, pronomes possessivos e oblíquos. Na necessidade de justificar que na sua vida familiar e no trabalho as exigências são muitas, coloca no mesmo nível de dificuldade o marido e os filhos, que não têm, com a atividade de cuidar de um familiar próximo: “no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó”.



Duas expressões se destacam a partir da análise: “a maioria das vezes a ausência dessa atenção acaba sendo perdoada” e “Se [você] não for uma mulher estressada no final você consegue superar tudo”. Essas expressões na construção do discurso da participante adquirem um valor universal, fala desde a sua experiência, mas em nome de todas as mulheres. A escolha das expressões “acaba sendo perdoada” e “mulher estressada” foram discutidos amplamente no capítulo sobre a história das mulheres quando nos referimos à culpa desde a aceitação irrefutável e desde a convicção de que essa ação é produto do seu próprio desejo, gerando nela conflitos e frustrações. Nessas sequências, novamente, a culpa renasce como reminiscência de um passado de resignação ante o papel da mulher brasileira na sociedade.

A vitimização<sup>31</sup>, decorrente das justificativas expostas, misturam-se com o discurso patriarcal<sup>32</sup> que procuramos identificar; misturam-se na voz do enunciador, porém, ficam veladas para ela porque surgem da sua própria subjetivação<sup>33</sup>, um discurso assumido como próprio, ainda não percebido conscientemente e conflitante com seus desejos, aqueles que ficam minimizados no texto quando percebemos que a única expressão otimista sobre a possibilidade que ela tem de estudar se encontra na sequência “Mas é possível sim”, enquanto o resto do dizer está dirigido aos aspectos negativos. A riqueza de elementos linguísticos presentes ou ausentes nessa sequência, nos permite também discutir a constituição de um dizer por meio do não-dito, conforme Foucault (2017 [1969]), aquilo que foi silenciado e que neste caso opera com maior força que o dito expressado.

Nas palavras de Orlandi (2007, p. 47), “o silêncio é assimétrico em relação ao dizer e a elipse é do domínio do silêncio [...] o dizer precisa da falta”, afirmações que nos permitem indicar a relevância do silenciado nos depoimentos estudados, entendendo essa incompletude como fundamental no dizer. Esse espaço do calado, preenche-se com questionamentos que o analista do discurso apresenta na ruptura de uma linearidade apresentada e que acrescenta o múltiplo, a polissemia, como explica a autora. A multiplicidade de sentidos que o silêncio traz para o discurso aumenta conforme maior seja o silêncio. Na escolha daquilo que se fala, o silenciado se manifesta com maior força.

---

<sup>31</sup> O termo “vitimização” é utilizado de forma arbitrária e literalmente, identificando-se com o sacrifício que a participante expõe no seu depoimento.

<sup>32</sup> Na Nota 5, definimos o patriarcalismo a partir da definição de P. Bourdieu (2012), como o princípio e modelo da ordem social, como ordem moral, fundamentada na preeminência absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos sobre as crianças e na identificação da moralidade com a força, da coragem com o domínio do corpo, lugar de tentações e de desejos.

<sup>33</sup> Entendida aqui como “substância ética” que constitui a sua essência e se sustenta a partir do disciplinamento histórico da mulher, conforme Foucault (2010 [1984]).

O valor semântico da expressão “acaba sendo perdoada”, proferida pela própria participante, adquire proporções diferentes quando a perdoada não é somente a ausência das atenções, porém, a própria mulher, dentro do caráter universal. Algo que pode ser perdoado, a ausência das atenções e a mulher, indica que, previamente, foi cometido um erro, uma omissão que deve ser desculpada – além da conotação religiosa que esse termo evoca –, o que não implica, como afirma a participante, que seja possível uma conciliação entre as partes. O silenciado nesse comentário surge a partir dos valores morais presentes na subjetivação, aquela substância ética que, conforme Foucault (2010 [1984]), constitui a sua essência e se sustenta a partir do disciplinamento histórico da mulher. O “ser perdoada”, finalmente, apesar de tudo, expõe o silêncio da culpa, mas também a fragilidade do seu desejo perante outras realidades externas, demonstrando que aquilo que é da mulher ou surge da sua vontade, não depende apenas de um objetivo ou de circunstâncias que possam ser controladas por ela, dependem, contrariamente, de circunstâncias súbitas que podem surgir a qualquer momento e que fragilizariam qualquer projeto pessoal e desejo.

### 3.3. Quando a “obrigatoriedade” radica no verbo

Na Tabela 2, apresentamos as estruturas discursivas de **Pp.D.12.**, com o objetivo de indicar a fragilidade das generalizações e o caráter de inconsistência de uma justificação quando ela não é explícita, definida nos detalhes. Na percepção da participante, o peso semântico atribuído a certas palavras e expressões constitui o valor da sua argumentação, porém, se vale apenas da percepção dos seus pares, outras mulheres, para indicá-lo e, ao mesmo tempo, silenciá-lo.

Na Tabela 3, apresenta-se um esquema que destaca efeitos de sentido atribuídos a partir da análise, decorrente da escolha utilizada pela mesma participante, **Pp.D.12.** No esquema, destacamos palavras-chave e expressões que produzem diversos efeitos de sentido e que são percebidas de forma difusa na interpretação, principalmente porque não especificam ou determinam a realidade do que se pretende afirmar ou são utilizadas de forma relativa:

<b>TABELA 3</b> <b>Efeitos de sentido que podem ser atribuídos às palavras e expressões</b>			
<b>Estruturas discursivas Pp.D.12.</b>	<b>Palavras-chave na estrutura</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Possíveis efeitos de sentido por palavra-chave</b>
É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer [...]	<del>É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer [...]</del>	Difícil conciliar tudo temos	<b>Desafio</b> <b>Concessão</b> Inconsistência <b>Obrigatoriedade</b>
[...] algumas coisas do dia a dia ficam de lado para conseguir entregar a demanda do estudo [...]	<del>[...] algumas coisas do dia a dia ficam de lado para conseguir entregar a demanda do estudo [...]</del>	Algumas ficam demanda	Inconsistência CONSEQUÊNCIA/ <i>frustração</i> <b>Obrigatoriedade</b>
[...] no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó [...]	<del>[...] no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó [...]</del>	não tenho porém dependem	<b>Causa</b> CONSEQUÊNCIA/adversativa <b>Obrigatoriedade</b> /inconsistência
Apesar disso consigo equilibrar os afazeres deixando de lado coisas que incomodam quando deixadas por muito tempo de lado como a limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais.	<del>Apesar disso consigo equilibrar os afazeres deixando de lado coisas que incomodam quando deixadas por muito tempo de lado como a limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais.</del>	apesar consigo deixando limpeza cuidados	<b>Confronto/sucesso parcial</b> <b>Constatação/sucesso parcial</b> CONSEQUÊNCIA/ <i>frustração</i> <b>Obrigatoriedade</b> <b>Obrigatoriedade</b>
Uma vez queria cortar o cabelo e tive que adiar por mais de dois meses por não conseguir achar tempo para fazer.	<del>Uma vez queria cortar o cabelo e tive que adiar por mais de dois meses por não conseguir achar tempo para fazer.</del>	queria tive adiar não conseguir	<b>Desejo</b> <b>Obrigatoriedade</b> / <i>frustração</i> <b>Postergação</b> / <i>frustração</i> CONSEQUÊNCIA/ <i>frustração</i>
Mas é possível sim, apesar de ter muita cobrança por atenção ou por tempo de outras pessoas [...]	<del>Mas é possível sim, apesar de ter muita cobrança por atenção ou por tempo de outras pessoas [...]</del>	mas é possível sim apesar ter cobrança outras pessoas	CONSEQUÊNCIA/oposição/ Nova afirmação/ <b>SUCESSO</b> <b>Confronto/nova frustração</b> <b>Obrigatoriedade</b> <b>Obrigatoriedade</b> Inconsistência/ <i>frustração</i>
[...] a maioria das vezes a ausência dessa atenção acaba sendo perdoada.	<del>[...] a maioria das vezes a ausência dessa atenção acaba sendo perdoada.</del>	a maioria das vezes acaba perdoada	Inconsistência/não totalidade <b>Concessão</b> <b>Concessão</b> <b>Absolvição</b>
O mais difícil é você conciliar o trabalho e estudos, já que o trabalho demanda tanto tempo de atenção quanto o estudo e por este motivo vc deve se desdobrar para atender as	<del>O mais difícil é você conciliar o trabalho e estudos, já que o trabalho demanda tanto tempo de atenção quanto o estudo e por este motivo vc deve se desdobrar para</del>	mais difícil conciliar demanda  atenção motivo deve desdobrar	<b>Intensificador/Desafio</b> <b>Concessão</b> <b>Obrigatoriedade</b>  <b>Obrigatoriedade</b> <b>Causa</b> <b>Obrigatoriedade</b> CONSEQUÊNCIA/ <i>frustração</i>

demandas que a vida lhe envia.	<b>atender as demandas que a vida lhe envia.</b>	atender demandas que a vida lhe envia	<b>Obrigatoriedade</b> <b>Obrigatoriedade</b> <b>Causa</b>
Se [você] não for uma mulher estressada no final você consegue superar tudo.	<del>Se [você] não for uma</del> <b>mulher estressada no final</b> <del>você</del> <b>consegue superar tudo.</b>	Se mulher estressada final consegue superar tudo	<b>Condicional</b> <del><b>Causa</b></del> /solução <b>CONSEQUÊNCIA</b> <b>SUCESSO</b> <b>SUCESSO/com frustrações</b> Inconsistência

Na tabela 3 é possível identificar efeitos de sentido a partir de elementos linguísticos, seja nos modos e tempos verbais que indicam aspectos como as obrigações: “temos”; “dependem”; “tive”; “demanda”; “deve”, ou a partir de pronomes indefinidos que universalizam ou são inespecíficos, como acontece com “tudo” e “algum”. A análise exposta na Tabela 3 não pretende substituir um gráfico, porque não temos valores quantitativos para indicar como variáveis, apenas procuramos destacar na sequência textual com que frequência os valores que nós atribuímos, a partir dos aspectos semânticos perceptíveis, aparecem nas frases e períodos, a intensidade da sua presença e o significado dessa distribuição.

Os aspectos que foram percebidos, a partir dos termos e estruturas escolhidas, em ordem decrescente e sobre termos e expressões que o indicam ou sugerem, foram: obrigatoriedade (13 vezes); frustração (9 vezes); inconsistência (6 vezes); consequência (7 vezes); sucesso (3 vezes); causa (4 vezes); concessão (4 vezes) e desejo (1 vez).

Sendo valores subjetivos, relativos e determinados pelo contexto da enunciação, é possível detalhar a abrangência do valor semântico atribuído pelo aspecto, sem tergiversar o exposto no texto da participante e em relação com a pergunta<sup>34</sup> que foi realizada no fórum, obtendo-se a seguinte leitura: o dizer da participante se centra em aspectos relacionados com a obrigatoriedade que gera, consequentemente, frustrações na sua vida. Essas obrigações têm diversas origens e funcionam como uma desculpa recorrente para o não sucesso e a insatisfação de seus desejos, aspectos quase nulos na sua fala. Com relação à pergunta, a resposta que se inicia com “é muito difícil” e que finaliza com “você consegue superar tudo”, consolida apenas os aspectos negativos das dificuldades, concluindo-se com uma possível afirmação que indicaria que não é possível conciliar vida acadêmica e exigências familiares, baseada nas suas experiências.

<sup>34</sup> Pergunta 1, no fórum “Mulheres acadêmicas”: “Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?”.

Essas “obrigatoriedades”, uma vez que são identificadas no texto, permitem o reconhecimento de um discurso patriarcal ao qual se filia, passando a fazer parte de sua subjetividade, confuso e por vezes difuso, assumido como verdade inquestionável, próprio do papel adjudicado à mulher a partir da configuração de gênero, como observamos no Capítulo II. No verbo “temos”, por exemplo, a obrigatoriedade que não é questionada, a mulher tem que fazer muitas coisas e estão relacionadas, a maioria delas, com o lar e os cuidados: “tenho familiares que dependem de mim como minha avó”; “os afazeres”; “como a limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais”. Não se menciona o tipo de trabalho que realiza, contudo, destaca-se que os cuidados são responsabilidade e não trabalho assalariado, indicando uma responsabilidade familiar que, aparentemente, não é adjudicada a outro membro familiar. O estudo também é tido como “demanda”, obrigatoriedade, posicionado no mesmo grau que aquelas tarefas domésticas e, conseqüentemente, não é priorizado como a principal responsabilidade para quem decide se dedicar a estudos de pós-graduação, relativizando a complexidade do processo ainda quando destaca, na sua exposição, que não tem marido nem filhos como uma forma de apresentar condições positivas para o bom desempenho nos estudos.

Alguns silêncios são identificados no texto, como omissão que parece intencional ou como forma de não detalhar as possibilidades. Quando expõe que a sua avó depende dos seus cuidados, não há motivos explícitos que justifiquem o porquê, nem a aparente ausência de outros familiares que poderiam compartilhar esses cuidados ou quais são esses cuidados. O não-dito, aquilo silenciado, manifesta uma única opção que parece impossibilitar a sua liberdade e coarctar seus desejos nos estudos e até nos cuidados pessoais: “Uma vez queria cortar o cabelo e tive que adiar por mais de dois meses por não conseguir achar tempo para fazer”. Estudo, trabalho e família, tornam-se uma tríade que não está sustentada pelo prazer ou pela satisfação de um desejo, articulada apenas pela obrigatoriedade e pela diminuição gradativa da qualidade de cada uma delas por motivo das outras duas.

No discurso conciliador que procuramos analisar e sua arquitetura aparente, até o momento, se reconhece pela sustentação de grandes pilares fragilizados que manifestam, primeiro, as impossibilidades e as causas, sustentadas por mandatos rígidos inconscientes ou não refletidos, posteriormente, e por uma série de silêncios e omissões que procuram não entrar em detalhes sobre possíveis soluções desestruturantes, em último lugar, sobre um discurso que já está configurado e regulado para funcionar em todas as situações de conflito em que a incapacidade de sucesso, frustrações ou anulação do desejo, sejam questionados.

Nos pilares mais rígidos do discurso, identificamos: a culpa, a desculpa e o discurso patriarcal com as suas bases morais e formas de poder, se articulando no “dizer” da mulher de forma confusa e difusa, como antecipávamos. A culpa, porque permite que aqueles mandatos que são “próprios da mulher” se mantenham perante outras atividades que possam surgir dos seus desejos, autorregulando o discurso patriarcal e formando parte dele. Quando a mulher sente culpa por não estar cuidando dos seus familiares, como foi analisado no depoimento, ela se vitimiza e aceita o perdão de um outro sujeito que, ao mesmo tempo, se identifica com um “perdão social” que a libera da culpa. Para ser perdoada, deve ceder perante seus desejos e isso a frustra, porém, essa frustração não é tão desconfortável como a culpa pelos descuidos, optando pelo abandono dos estudos ou pela qualidade do mesmo.

A desculpa, torna-se sempre o principal motor da sua defesa. Se o discurso patriarcal não é analisado pela mulher e atua inconscientemente no seu “dizer”, ele está presente em cada momento em que se deva justificar a sua frustração e negação dos desejos, porque historicamente, como apresentamos nos artigos compilados por Priore (2017), o homem justificou, com um discurso incontestável, que certas coisas não são para ela ou não devem ser feitas, enquanto outras sim e são próprias da mulher e do seu sexo. Assim como aparece no texto de uma das participantes a afirmação: “A mulher é multifacetada e multifuncional”, acreditar nisso implica aceitar um discurso patriarcal que, na maioria dos casos, não tem sido analisado por ela e, por conseguinte, é exposto dessa forma como uma verdade absoluta que formaria parte do DNA de todas as mulheres, exclusivamente.

Em última instância, o discurso patriarcal domina todos os pilares e constitui a base de sustentação dos outros, mantendo duas funções essenciais para a sua permanência e reprodução, a autorregulação, a forma vedada e a reiteração. Segundo Pêcheux (2014 [1975], p. 145), a lei sempre encontra uma singularidade à qual aplicar sua universalidade<sup>35</sup>, significando, enquanto utilizamos um exemplo semelhante àquele utilizado por Pêcheux sobre os soldados franceses: “A mulher é multifacetada e multifuncional”, que se você é uma *verdadeira* mulher, o que, de fato, você é, então você não pode não ser multifacetada nem multifuncional. A ideologia, conforme Pêcheux (2014 [1975], p. 146): “através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de ‘desvios’ linguisticamente marcados ente a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de ‘retomada do jogo’”. Nesse sentido, a ideologia nos permite saber aquilo que “todo mundo sabe”, como

---

<sup>35</sup> Pêcheux identifica essa universalidade, citando Arnauld e Nicole em nota de rodapé, com o que os lógicos de Port-Royal chamavam “a universalidade moral”, como verdades que são constatadas como tais se são verdadeiras para a maioria e que se constitui como condição de funcionamento e de realização ideológica.

afirma o autor, no caso da nossa pesquisa o que é ser uma mulher, por exemplo. Essas evidências, fazem com que um termo ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem”, mascarando, “sob a transparência da linguagem”, aquilo que se denomina “*o caráter material do sentido*” das palavras e dos enunciados.

No depoimento apresentado, os termos que indicam frustração (9, no total), superam significativamente àqueles que indicam desejo, (1). Essa relação indica uma contradição explícita a partir do momento em que se afirma ser possível a conciliação entre a vida acadêmica e as exigências familiares. Essa contradição, que se anuncia desde o começo do depoimento, “É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer...”, organiza o discurso de forma coerente, conforme a exposição da participante, o que não acontece na maioria dos depoimentos dessa mesma pergunta. Torna-se esperado que as frustrações apareçam em maior número, se comparado com os desejos manifestos, quando se afirma que a conciliação é difícil.

Vejamos no seguinte depoimento como a afirmação “Sim é possível” perde gradativamente o seu valor de firmeza inicial, intenção primária, para se transformar em uma enunciação inconsistente, contraditória e fragilizada em comparação com a firmeza inicial daquilo que foi declarado:

**Sequência discursiva 3:**

Acredito que é possível sim, pois quando realmente se quer algo, dá-se um jeito. É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue. Claro que precisa de muita dedicação e organização. **Pp.D.23.**

“Acredito que é possível sim...”, primeira declaração que indica constância e, portanto, coerência que deveria ser mantida posteriormente. “...pois quando se quer algo, dá-se um jeito”, aquilo que se quer é produto de um desejo e será alcançado de qualquer forma, dando-se “um jeito”, declaração que deixa inconsistente a primeira afirmação, posto que se declara uma forma superficial, aleatória, para alcançar um objetivo, sendo mais importante o próprio objetivo que a forma de alcançá-lo, em detrimento da formação acadêmica ou da família. “É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue”, nessa nova declaração se reafirma, contraditoriamente, a dificuldade de conciliação, aparecendo o “objetivo” como o principal motor do estímulo para alcançar essa conciliação, como uma vontade infundada, capricho ou obstinação, que remete a expressões de cunho popular, pertencentes a uma

literatura de autoajuda ou de especialistas em excelência de serviços: “Não importa o tamanho do seu sonho, o que importa é o quanto você acredita que ele vai acontecer.”<sup>36</sup>

Na declaração final “Claro que precisa de muita dedicação e organização”, a firmeza da afirmação “Acredito que é possível sim...”, se inviabiliza e ressignifica a partir da última condição introduzida pelo “Claro que...”, numa explícita revelação do verdadeiro significado do depoimento que, significativamente, se expõe em três enunciados que evidenciam, segundo Foucault (2017 [1969]), a posição do sujeito mulher conforme a sua situação na relação aos diversos domínios, sujeito que questiona num nível superficial, porém, consciente dessa realidade que procura criticar a partir da forma em que organiza seu texto. Cabe perguntar qual seria o sentido de uma afirmação que gradativamente se transforma na sua própria contradição, mantendo um valor inicial e um final opostos, se não fosse a intenção velada de uma denúncia.

O que verdadeiramente se torna difícil de apreciar é o grau de consciência da denúncia feita e o motivo pelo qual se apresenta invertida a disposição da série enunciativa. Se a contradição é a forma da denúncia, o conceito apresentado é o resultado dessa contradição, portanto, a conclusão seria que não é tão fácil conciliar a vida acadêmica com as responsabilidades familiares porque elas são muitas e exigem muito da mulher, organizando o texto que se apresenta da seguinte forma:

- 1- Acredito que é possível sim, pois quando realmente se quer algo, dá-se um jeito.
- 2- É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue.
- 3- Claro que precisa de muita dedicação e organização,

na seguinte:

- 1- Claro que precisa de muita dedicação e organização.
- 2- É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue.
- 3- Acredito que é possível sim, pois quando realmente se quer algo, dá-se um jeito.

Essa disposição, que seria mais coerente que a original, não é possível porque o que é necessário defender deve iniciar a enunciação, falamos aqui da posição-sujeito anteriormente analisada e que indica que a mulher “consegue” conciliar as demandas, apesar de todos os aspectos adversos, indicando que a sua existência ainda é marcada pela pluralidade de tarefas e

---

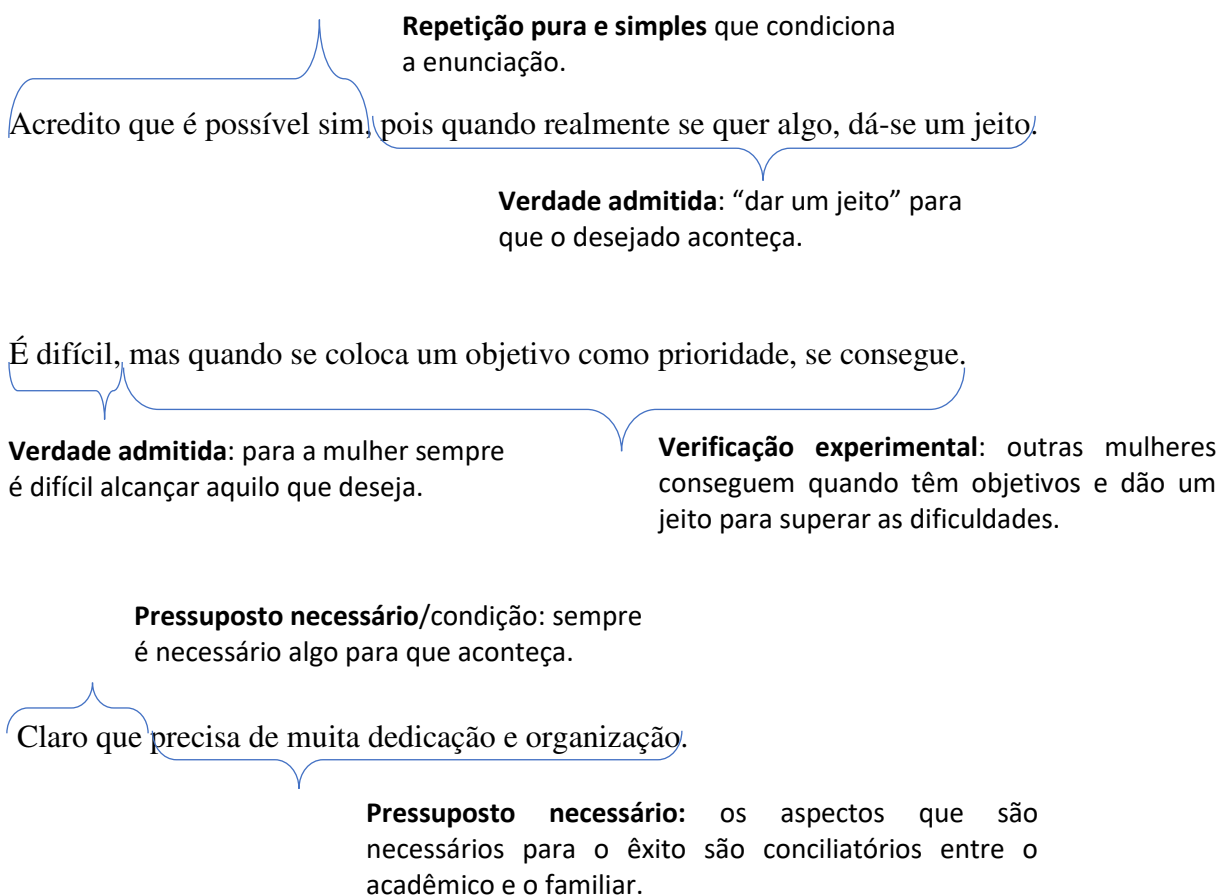
<sup>36</sup> JURDI, Surama. O tamanho do seu sonho. “Surama Jurdi tem o foco em melhorar a qualidade de serviços nas organizações, por meio do desenvolvimento de líderes e equipes, com programas de Excelência em Liderança, Gestão, Vendas, Atendimento, Recursos Humanos e Implantação de Cultura de Serviços no DNA das equipes.” Extraído de: <http://www.suramajurdi.com.br/surama-jurdi> Acesso em 10/11/2018.



a capacidade de resiliência constitutiva da sua identidade como mulher. Os preceitos da configuração patriarcal se instauram no campo enunciativo e coexistem delineando um “campo de presença”, como explica Foucault:

(isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados, discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados ou excluídos); nesse campo de presença, as relações instauradas podem ser de ordem de verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise de erro; essas relações podem ser explícitas (e, por vezes, formuladas em tipos de enunciados especializados: referências, discussões críticas) ou implícitas e introduzidas nos enunciados correntes (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 68)

No momento da organização do discurso, a partir da enunciação que retoma as verdades admitidas, o enunciador julga necessária a apresentação inicial da afirmação que justifica seu campo de presença, condicionado pelo discurso patriarcal como mencionamos anteriormente. Neste caso, como explica Foucault, nesse campo de presença a relação se estabelece pela aceitação justificada pela tradição e pela autoridade e se manifesta de forma implícita.



A contradição identificada no depoimento, segundo Foucault (2017 [1969], p. 184), se apresenta mais próxima ao conceito que ao desejo, uma coerência no nível da representação na consciência da participante que, por um motivo de incapacidade “ligada à própria forma da sua linguagem”, acaba por não ser exprimida por causa da imposição que as próprias circunstâncias determinam para essa mulher em particular e que estão constituídas de um contexto específico, um marco histórico, um tipo de sociedade, tradições e, como afirma o autor: “uma paisagem imaginária comum a toda uma cultura”. Nesta declaração não estabelecemos um ponto de inflexão entre o dito e o não dito, porque ambos coexistem de forma explícita, numa aparente incoerência na disposição enunciativa que evidenciam a contradição como uma “ilusão de uma unidade que se oculta ou que é ocultada: só tem seu lugar na defasagem existente entre a consciência e o inconsciente, o pensamento e o texto, a idealidade e o corpo contingente da expressão.” (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 185)

Em parágrafos anteriores mencionávamos a recorrente utilização de expressões de cunho popular, semelhantes às conhecidas frases de autoajuda, baseadas no senso comum. Essas expressões têm, na maioria dos casos, a função de rematar uma declaração que foi exposta de forma negativa, procurando fortalecer a afirmação inicial, voltando dessa forma à coerência de um discurso conciliatório que se identifica mais no plano ideal que no real, posto que admite uma concreção apenas pela esperança que traz a posição-sujeito. Se conciliar a vida acadêmica com a família não é fácil, há sempre a possibilidade de recorrer aos artifícios contraditórios que asseguram o êxito a partir do valor adjudicado à mulher, aquela que “consegue tudo”, “faz tudo”, enfrentando muito sacrifício porque é a sua condição “normal”.

As expressões encontradas nos depoimentos são: “Cada escolha, uma renúncia!”; “Se vou (você) não for uma mulher estressada no final você consegue superar tudo”; “com certeza este é o objetivo disciplina e auto controle para poder vencer os desafios”; “Sim, claro! Nós mulheres fazemos isso há muito tempo. É preciso ter disciplina e uma rede de apoio, pois sozinho não se vai longe.”; “A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso.”; “Aprender coisas novas nos dão ânimo, vida nova, principalmente quando estamos na "meia idade"”; “Mas acredito que buscando manter vínculos com nossa autoestima, tudo se encaixa no momento certo e é possível realizar tudo com gratificação.”; “Muitas vezes é preciso foco e força de vontade para não desistir”; “Acredito que é possível sim, pois quando realmente se quer algo, dá-se um jeito. É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue.”.

Controle, autoestima, força de vontade, são alguns dos requisitos básicos para poder realizar uma pós-graduação e conciliar, ao mesmo tempo, as exigências familiares. Em poucos

casos se explicita a necessidade de tempo para estudar, dedicação aos estudos, leitura, assiduidade ou tempo para realização de atividades, acentuando-se aqueles aspectos motivacionais e que remetem ao controle da situação, como forma de superar um desafio que se considera difícil e muito frágil, tendo a desistência como consequência imediata.

Dessa forma, é possível identificar que a principal barreira não se encontra nas dificuldades específicas da pós-graduação ou nas responsabilidades familiares, principalmente porque não serão descuidadas, optando-se pela desistência ao curso em qualquer situação que gere a culpa. A principal barreira são os elementos que mencionamos no começo do parágrafo e que conformam os pilares da sua posição-sujeito: o controle da situação, a autoestima e a força de vontade, aspectos que, na sua ausência, não justificariam o “abandono” familiar por uma causa que já estaria perdida. A mulher confia nessa posição-sujeito, construída historicamente pelo saber e pelo poder e o afirma e confirma no seu discurso, contudo, a culpa que pode gerar o descuido das suas responsabilidades familiares não é por motivos externos, não são próprios do curso de pós-graduação, pertencem à sua “capacidade de conciliação” no seu papel preestabelecido, a forma-sujeito.

Observando os depoimentos, apresentam-se algumas sequências discursivas que evidenciam a preocupação pelo papel do sujeito no êxito ou fracasso da conciliação. Na maioria quase absoluta dos casos, o êxito e o fracasso estão diretamente vinculados à posição-sujeito, desvinculando-se a formação acadêmica e a família, esta última principalmente, da verdadeira causa perante uma possível desistência. Vejamos alguns exemplos:

- “é exigido do estudante (mestrando ou graduando) muita disciplina e controle emocional” (O êxito ou fracasso dependem da mulher).
- “O desgaste sofrido nesse processo de ruptura, possivelmente, fez com que aos poucos eu optasse pelos estudos e pelo trabalho, deixando o projeto de "construção de uma família" em último plano.” (O fracasso que significa deixar de lado o projeto família se deve ao desgaste da mulher).
- “isso exige a cooperação de todos os membros da família e um grande esforço por parte da pessoa que tem a tripla jornada de trabalhar, estudar e "viver" (...) Mesmo assim, já houve conflitos por causa de minha dedicação ao meu trabalho.” (“isso”, a conciliação, só poderá acontecer por meio do grande esforço da mulher).

- “Meus filhos foram especialmente compreensivos, 'absolvendo-me' de pontuais desatenções ou novos acordos nas dinâmicas pessoais e de escola.” (O êxito aconteceu a partir da absolvição, que indica a superação de um sentimento de culpa).
- “Não é fácil, mas saber que posso contar com ele, me motiva a pensar em um futuro mestrado.” (O possível mestrado acontecerá pela motivação, decorrente do fato de poder contar com o seu companheiro).
- “Conto também com o incentivo e apoio emocional do meu companheiro nos momentos difíceis que a pressão da vida acadêmica impõe.” (O êxito acontece a partir da superação das questões emocionais e do incentivo necessário).
- “É preciso que qualquer pessoa que busque estar na academia faça concessões, e por isso, às vezes, planos de formar uma família, casar, ter filhos são adiados, caso existam.” (As concessões permitem o êxito e devem partir da mulher).
- “Para atender a essa dedicação, significa que a preocupação está em priorizar o tempo para o sucesso da vida acadêmica.” (O êxito depende da administração do tempo da mulher e pela mulher).
- “É um comportamento inconsciente, mas que está lá, na sua memória física e afetiva, na imagem de uma mãe/avó/tia/vizinha "do lar" que cuidava bem da casa e dos seus.” (O êxito acontece quando a mulher supera comportamentos inconscientes que a levam ao fracasso acadêmico).
- “Entendo que carregamos um peso a mais em nossas costas por sermos do sexo feminino.” (A posição-sujeito determina o êxito ou fracasso da mulher).
- “É necessário muita vontade e energia extra para dar conta da vida acadêmica, tarefas domésticas, as exigências familiares e também no meu caso o trabalho.” (O êxito está determinado pela vontade e a energia da mulher).

O que é possível observar nessas sequências discursivas é a centralização do problema conciliatório na posição-sujeito. É a mulher quem poderá ou não conciliar a formação com a família, ter êxito ou fracassar, porque na sua capacidade de dedicação, abrangência e resiliência reside a resposta. A mulher que, na sua configuração de sujeito submisso perante o poder patriarcal, não ocupou historicamente a academia, entende que o espaço pretendido não pertence à sua posição, assumindo outras causas que justificam a rejeição e os fracassos, causas que se afirmam no momento em que “exerce o discurso” (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 66).

Essa conformação que demonstra a posição social que a mulher ocupa e que se manifesta explicitamente nos depoimentos, permeia a subjetividade existente a partir dessa posição assumida involuntariamente e afirma a posição-sujeito no sentido foucaultiano. Apresentadas as diversas posições de subjetividade, se observa que nas sequências selecionadas não se expõe um conhecimento daquilo que é dito, como consequência direta a uma pergunta que supõe algo que deve estar acontecendo o que acontecerá, mas sempre no plano da suposição: “Considera possível (sim/não/plano da suposição) se dedicar à vida acadêmica (o que implica essa *vida acadêmica* para cada participante?) e conciliar (qual é o significado de *conciliar* nesse contexto?) as exigências familiares (considera que a família implica *exigências*) ao mesmo tempo (não há possibilidade de que ambas aconteçam em momentos diferentes?).

Os termos e expressões “vida acadêmica”; “conciliar”; “exigências familiares”; “vida acadêmica e exigências familiares ao mesmo tempo”, correspondem, desde a ótica do pesquisador, assumir que esses termos e expressões que remetem a um regime de objetos de diversas formações discursivas constituem a mesma posição de subjetividade para os homens? O que entendemos por “vida acadêmica”, quando na história das mulheres esse espaço foi negado ou estava, exclusivamente, delimitado ao espaço privado, identificado com os cuidados do lar e da família? Qual é o valor semântico do termo “conciliar”, quando estamos pensando na ideia de harmonizar ou concordar e, surpreendentemente, surgem sinônimos que o suplantam e que são associados aos termos ceder e conceder? Quais seriam as “exigências familiares” para um homem e quais para uma mulher nesse histórico da posição-sujeito na sociedade brasileira? E, finalmente, há espaço para a realização das duas tarefas de forma concomitante, sem que a opção “acadêmica” seja relacionada com as responsabilidades familiares e do lar?

As respostas, condicionadas ao histórico constitutivo do sujeito, permitem identificar o seguinte aspecto:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. Ainda há pouco mostramos que não eram nem pelas “palavras” nem pelas “coisas” que era preciso definir o regime dos objetos característicos de uma formação discursiva; da mesma forma, é preciso reconhecer, agora, que não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental nem pelo recurso a uma subjetividade psicológica que se deve definir o regime de suas enunciações (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 66)

O discurso, como espaço de “exterioridade” e as diversas modalidades de enunciação, não estão relacionadas à unidade de um sujeito, manifestando, como explica Foucault (2017

[1969]), sua dispersão, porque se trata de uma diversidade de lugares, *status* ou posições e planos descontínuos da fala, numa relação que os liga enquanto se manifesta pela especificidade de uma prática discursiva. Nas diversas posições de subjetividade surgem as aparentes, porém, necessárias contradições que apresentamos nos depoimentos, porque surgem dessa dispersão.

### 3.4. “Tudo que temos que fazer”<sup>37</sup>

Neste momento é importante destacar essas regularidades provenientes de “lugares distintos” para pensar na possível origem dos enunciados que se instauram definitivamente, como explica Foucault (2017 [1969], p.39), e que se desenvolveram soberanamente através do tempo encobrendo outras unidades: “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto.” São muitos os objetos que se perfilam nos depoimentos analisados, começando pelo próprio objeto mulher e a sua unidade que impede a individualização de um conjunto de enunciados que se estabeleçam constantes e capazes de uma descrição. O objeto mulher – constituído a partir de um grupo inimaginável de enunciados que o nomearam e nomeiam, incapazes de unificá-lo num único objeto definitivo, idealizado, constituído hoje pelos enunciados que os diversos feminismos são capazes de atravessá-lo, confundi-lo ou expandi-lo como objeto em construção – se desconhece a si mesmo e se adjudica diversos aspectos que são produto da palavra emprestada: “articulando, em seu nome, discursos que deviam passar por seus”.

Para estudar melhor esses enunciados que configuram o objeto e a posição-sujeito (mulher), com a finalidade de compreender como essa relação não se limita a um único objeto, retiramos sequências discursivas<sup>38</sup> de cada depoimento da primeira pergunta e as analisamos, conforme as afirmações categóricas que consideramos incontestáveis por parte das mulheres participantes. Essas sequências apresentam uma série de enunciados que atravessam o discurso e configuram, portanto, uma idealização do próprio saber sobre o objeto. Dessa forma, apresentamos noções “emprestadas”, conforme o termo utilizado por Foucault, modificadas como consequência das transformações sociais, porém, herdeiras do passado e portadoras de enunciados historicamente reconhecidos. Nos próximos parágrafos realizaremos a análise enunciado por enunciado, segundo os critérios expostos anteriormente.

<sup>37</sup> O título da seção corresponde a uma expressão utilizada na **Pp.D.12**.

<sup>38</sup> As sequências discursivas serão numeradas da seguinte forma: S.1.; S.2: etc.

**S.1:** “E, obviamente, compreensão e colaboração dos demais membros familiares.” Na primeira sequência observamos, na palavra “obviamente”, que se assume como inquestionável a “compreensão” por parte dos membros da família, termo que se coloca primeiro e que implica uma aceitação, seguido da palavra “colaboração” que indica o apoio posterior. O enunciado “emprestado” que atravessa o discurso, pressupõe uma autorização para o “fazer” originário da forma-sujeito que tinha a mulher historicamente. Os “demais membros familiares” podem ser interpretados como o poder patriarcal que concede ou nega.

**S.2:** “Deixando o projeto de ‘construção de uma família’ em último plano.” O “projeto de construção de uma família”, ainda que exista como uma necessidade individual, se expressa com um termo que adquire um valor preexistente e impermeável. O “projeto” existirá sempre porque ele está configurado *a priori* na sua realidade, trata-se de um enunciado também “emprestado” que se herda historicamente e que se traduz como obrigação e como dever primeiro da mulher. Construir a família é um pensamento que surge a partir das circunstâncias da vida e dos enunciados da nossa época, pode ser adiado “em último plano”, mas nunca impedido.

**S.3:** “Imagino que com filhos a coisa se complique infinitamente.” Na sequência é possível identificar a posição-sujeito perante a preocupação e problemática que a maternidade significa para um desenvolvimento acadêmico. A escolha de duas palavras “complique” e “infinitamente”, anunciam o desgaste interminável que implica as duas tarefas e que surgem no plano da suposição “imagino”, configuração de enunciados também históricos que remetem à dedicação exclusiva da mulher a seus filhos e a marca da culpa/angústia que um possível descuido das atividades “obrigatórias” da maternidade pode trazer.

**S.4:** “É difícil para os homens, eu imagino, aprender a conviver com mulheres independentes e centradas em suas carreiras já que esse não é o padrão na nossa sociedade.” No seguinte trecho o lugar de fala reivindica enunciados bastante recentes da nossa história, associados aos movimentos feministas e que traduzem comportamentos patriarcais. O termo “difícil” apela à rejeição, por parte dos homens, dos novos comportamentos da mulher, suavizado pelo “eu imagino” e que se traduz em certa resistência comum dos homens, característica assumida por ela. “Aprender a conviver” indica uma apreciação, por parte da mulher, de uma característica machista que evidencia uma experiência conflitiva, já que não se aceita ou se acompanha voluntariamente, se tolera e se aprende apenas para a convivência. “Mulheres independentes e centradas em suas carreiras” atualizam enunciados que remetem a categorias fixas, inegociáveis desde o ponto de vista das reivindicações sociais sobre o papel da mulher, contudo, se apresenta

como corolário de uma série de explicações que deveriam ser dadas sobre essa condição: “Mesmo assim, já houve conflitos por causa de minha dedicação ao meu trabalho. Tivemos que conversar muito e eu esclareci que a docência e o estudo são partes importantes da minha vida (e que estão sempre lado a lado) e que eu escolhi uma área de trabalho que exige dedicação fora do local de trabalho também. Não é porque estou em casa que não estou trabalhando.”

**S.5:** “Felizmente pude contar com a cooperação na divisão dos encargos com as crianças.” No trecho, alguns termos manifestam quase de forma explícita a satisfação por algo que é negado e que parece não pertencer ao direito da mulher. Trata-se da exclusiva dedicação aos filhos como pode ser percebido na escolha do termo “felizmente”, como algo que foi conseguido depois de algumas negociações e que se amplia na expressão “pude contar com a cooperação”, sendo o termo “cooperação” relativo, posto que não sabemos qual é exatamente o tipo de ação realizada nessa “divisão dos encargos com as crianças”. É comum a utilização desses termos por mulheres que afirmam que seu companheiro “ajuda” ou “colabora”, porém, não assumem um papel significativo nas tarefas domésticas ou nos cuidados dos filhos porque a “titular” é sempre a mulher.

**S.6:** “No entanto, não consigo pensar em ter filhos, tenho adiado essa decisão por alguns motivos e um deles é o fato de querer continuar a me dedicar aos estudos, finalizar um doutorado.” O explicado na sequência apela novamente à impossibilidade de conciliação entre a formação profissional e a maternidade. Possivelmente o argumento se baseia no tempo de dedicação da mulher aos filhos e ao tempo que essa tarefa consome quando não se compartilham as atividades que a acompanham. De todas as formas, a decisão de continuar uma pós-graduação implica adiar um desejo que para muitas mulheres constitui a sua constituição subjetiva e que é gerador de culpa a partir das demandas sociais que essa decisão representa.

**S.7:** “E às vezes o estudo é deixado de lado por surpresas como gravidez não-planejada ou adoecimento de um ente querido. É preciso que qualquer pessoa que busque estar na academia faça concessões, e por isso, às vezes, planos de formar uma família, casar, ter filhos são adiados, caso existam.” As duas posições, perante a possibilidade de uma conciliação, aparecem expostas nesta sequência. Por um lado, as “surpresas como gravidez não-planejada” tornam-se, conjuntamente com o “adoecimento de um ente querido”, alguns dos motivos que permitem que “o estudo é deixado de lado”, manifestado aqui como uma possibilidade a ser retomada em algum momento, porém, sem a explícita intenção de que isso aconteça. Uma gravidez ou a doença de um ser querido são suficientes para a interrupção dos estudos, mas não se expõe a possibilidade de uma conciliação que permita minimizar as consequências. Essa ausência de alternativas, o silêncio que se apresenta na sequência, expõe uma fala que é possível confirmar



no depoimento completo da participante. Essas possibilidades não aconteceram ainda, mas poderiam acontecer: “Sou solteira, não tenho filhos (nem pretendo, no momento), não sou casada (nem pretendo, no momento) e relações familiares/sociais não me atrapalham na minha vida acadêmica.”, tornando-se um verdadeiro problema e uma decisão definitivamente inquestionável, já que, no caso de acontecer, “o estudo é deixado de lado”.

Consideramos importante trazer à tona as considerações de Orlandi (2007, p. 70) sobre o “Silêncio do sentido”, numa categoria do “indizível” como ela o apresenta. Nessa exposição, Orlandi explica que o sujeito da linguagem identifica o sentido porque não é possível não significar. Na sua relação com a significação, o sujeito da linguagem mantém uma relação com o silêncio, e a autora conclui com a seguinte frase: “Com efeito, a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras”. O sentido acontece por causa desse movimento constante que caracteriza a significação e se estreita com a subjetividade, sendo o sujeito quem desdobra o silêncio na sua fala: “No discurso há sempre um ‘projeto’, um futuro silencioso do sujeito, pleno de sentidos”.

Na sequência 7, o silêncio tem relação com o não manifestado no próprio discurso, aquilo que não é implícito porque está relacionado com a própria subjetividade em construção da mulher, a possibilidade de que a mulher nunca se questione conciliar ou interromper um desejo a causa de circunstâncias que remetem a sua própria conformação como sujeito numa realidade “impossível”. Na sequência, apenas podemos identificar o silenciado, a verdade oculta numa manifestação verbal, as “concessões”, que acontecem no processo de subjetivação – na relação do sujeito consigo mesmo –, que cedem, como se percebe na maioria dos depoimentos, às demandas do poder patriarcal.

**S.8:** “Creio que essa ‘conciliação’ está subordinada a alguns fatores que, nem sempre estão ao alcance da mulher quando ela é mãe e esposa, uma vez que dependem de outras pessoas”. A sequência discursiva que se apresenta merece uma maior atenção, devido à forma como se estabelecem relações de significação a partir do termo “conciliação”. Entende-se que os “fatores” são circunstâncias que determinam qualquer possibilidade de equilíbrio entre os estudos e a família, excluindo a participação da mulher, principal protagonista de ambos acontecimentos. Nessa relação, a mulher não está “ao alcance” de um acordo por motivo da sua condição de ser “mãe e esposa”, anulando-se a si mesma nessa conjuntura. Dependendo de “outras pessoas” acusa o sujeito na relação familiar e no próprio discurso, alienando a sua individualidade numa categoria tripartite da submissão, profissional-mãe-esposa.

**S.9:** “Conciliar a vida acadêmica com a familiar (e muitas vezes a profissional, ainda) não é tarefa fácil para as mulheres. Entendo que carregamos um peso a mais em nossas costas por

sermos do sexo feminino.” A consciência da sua constituição subjetiva que deve “carregar um peso a mais” pela própria condição de ser mulher, se manifesta nesta sequência como uma verdade aceita. Não identificamos uma reação perante aquilo que conforma a subjetividade da participante, enquanto o termo “entendo” reflete sobre o papel social e discursivo, o lugar da fala que também confirma e reproduz o que foi assimilado como uma dor natural, um sofrimento ou até uma cruz “em nossas costas”. O seguinte trecho também permite identificar essa aceitação e a consciência da sua carga pesada, traduzida aqui em “vontade” e “energia” para poder superá-la: “É necessário muita vontade e energia extra para dar conta da vida acadêmica, tarefas domésticas, as exigências familiares e também no meu caso o trabalho.”

A seguir, destacamos alguns fragmentos que acompanham a mesma linha de análise realizada até o momento e, como é possível observar, sublinhamos expressões específicas que explicitam uma forma de significação pertencente ao discurso patriarcal. A Tabela 4 está dividida em dois momentos de análise, conforme “percepção” e “não percepção” do declarado nas sequências:

<b>TABELA 4</b>		
<b>Formas de significação identificadas com o discurso patriarcal</b>		
<b>PERCEPÇÃO E ACEITAÇÃO DE UM PAPEL ATRIBUÍDO SOCIALMENTE</b>		
<b>Fragmentos</b> →	<b>Expressão-chave</b> →	<b>Efeitos de sentido</b>
<p>“Eu sei que <u>isso está ultrapassado</u>, mas percebo que esse <u>é um "fardo" que praticamente nasce com a filha</u>, que desde a infância brinca de casinha, que embala a boneca e, <u>quando chega à idade adulta, percebe-se incapaz de administrar, sem sentir culpa, o seu desejo pessoal por uma carreira bem-sucedida</u>, com uma projeção e um discurso familiar internalizados de uma vida inteira. <b>Pp.D.9.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• isso está ultrapassado (...)</li> <li>• é um "fardo" que praticamente nasce com a filha (...)</li> <li>• quando chega à idade adulta, percebe-se incapaz de administrar, sem sentir culpa, o seu desejo pessoal por uma carreira bem-sucedida</li> <li>• discurso familiar internalizados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Está ultrapassado, mas o aceito mesmo dessa forma.</b></li> <li>• <b>Ser mulher é um peso que se atribui ao sexo.</b></li> <li>• <b>O desejo pessoal gera culpa.</b></li> <li>• <b>O discurso familiar reafirma seu papel social.</b></li> </ul>

<p><u>Não é fácil estudar, trabalhar e cuidar da família ao mesmo tempo</u>, mas no momento em que decidi voltar a estudar pensei em muitos fatores que teria que enfrentar durante este percurso.</p> <p><b>Pp.D.14.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não é fácil estudar, trabalhar e cuidar da família ao mesmo tempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Cuidar da família é uma tarefa inadiável. Fatores familiares a enfrentar são prioritários em relação com os estudos.</b></li> </ul>
<p><u>Na minha experiência isso foi possível. Sou solteira e sem filhos.</u></p> <p><b>Pp.D.22.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sou solteira e sem filhos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Há uma percepção sobre as dificuldades de ser esposa e mãe enquanto se estuda.</b></li> </ul>
<p><b>ACEITAÇÃO DE UM PAPEL ATRIBUÍDO SOCIALMENTE NÃO PERCEBIDO NAS DECLARAÇÕES</b></p>		
Fragmentos	Expressão-chave	Efeito de sentido
<p><u>“É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer com a vida acadêmica... algumas coisas do dia a dia ficam de lado para conseguir entregar a demanda do estudo...no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó.”</u></p> <p><b>Pp.D.12.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “tudo que temos que fazer”</li> <li>• “...no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó.”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A mulher se identifica com as multitarefas como algo comum e próprio da sua condição.</b></li> <li>• <b>Filhos e marido é um impedimento para a conciliação. Cuidar familiares tem o mesmo peso.</b></li> </ul>
<p><u>“Gostaria muito de voltar a me dedicar aos estudos, pois quero fazer mestrado, mas por enquanto meu bebê ainda precisa muito de mim e o trabalho de casa (limpeza, contas, mercado), no qual sou responsável, me toma muito tempo, além do trabalho docente.”</u></p> <p><b>Pp.D.1.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “meu bebê ainda precisa muito de mim e o trabalho de casa (limpeza, contas, mercado), no qual sou responsável”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A responsabilidade sobre os cuidados é assumida como o principal impedimento. A responsabilidade “por” supera qualquer desejo. Não há planejamento e toda possibilidade fica condicionada: “Gostaria...”</b></li> </ul>
<p><u>“Sim, claro! Nós mulheres fazemos isso há muito tempo. É preciso ter disciplina e uma rede de apoio, pois sozinho não se vai longe.”</u></p> <p><b>Pp.D.16.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nós mulheres fazemos isso há muito tempo”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O papel social da mulher torna-se a própria justificativa para a força de vontade, ser mulher significa poder superar todos os desafios sem questionamentos.</b></li> </ul>
<p><u>“Além de ter muita humildade e pedir ajuda. Não adianta ser orgulhosa e querer fazer tudo</u></p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Características do papel social: submissão pela</b></li> </ul>

<p><u>sozinha! Se pudermos contar com nossos pares melhor ainda. A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso.</u></p> <p><b>Pp.D.17.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A mulher é multifacetada e multifuncional”</li> </ul>	<p>humildade, faz tudo por orgulho (sentimento de honra), uso de termos associados a funções práticas.</p>
<p><u>“É possível conciliar trabalho, estudo, casa, filhos...., mas tudo isso só é possível quando temos um objetivo, uma meta.”</u></p> <p><b>Pp.D.18.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “tudo isso só é possível quando temos um objetivo, uma meta.”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A aparente superação de todos os obstáculos é resolvida apenas com ter objetivos (relativização) Só as metas e os objetivos permitem a superação das barreiras. Deve existir uma forte motivação para não desistir perante as dificuldades.</li> </ul>
<p><u>“Sim, é possível, fazemos muitas coisas por vezes, é massante mas creio que de forma ordenada e regrada conseguimos nos dedicar aos estudos com muito interesse.”</u></p> <p><b>Pp.D.19.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “fazemos muitas coisas”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assumir a multifuncionalidade como algo “normal” da mulher, que pode fazer ainda mais com apenas organização.</li> </ul>
<p><u>“Obter concentração e criatividade para planejamento de aulas e ainda ter o tempo para a família, consiste em uma exigência pessoal e social em realizar todas as tarefas com dedicação e perfeição e assim exigindo e procurando manter uma organização e conscientização do que estamos realizando.”</u></p> <p><b>Pp.D.20.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “consiste em uma exigência pessoal e social em realizar todas as tarefas com dedicação e perfeição”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A mulher não pode “falhar” porque pode (“deve”) fazer tudo e para isso deve ser “perfeita” no seu processo. É uma exigência pessoal (assumida como tal) e social (desde o papel que possui).</li> </ul>
<p><u>“Muitas vezes é preciso foco e força de vontade para não desistir, além de aceitação e apoio da família.”</u></p> <p><b>Pp.D.21.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “preciso foco e força de vontade”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há uma necessidade de “concentração e força” para não falhar. A mulher não pode desistir, não é aceito socialmente que desista. A culpa e admitir que não pode com tudo, seria admitir que não assume seu papel de mulher.</li> </ul>
<p><u>“É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue. Claro</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue.”</li> </ul>	<p>Os depoimentos insistem na necessidade de objetivos e organização. A</p>

que precisa de muita dedicação e organização.” <b>Pp.D.23.</b>		<b>mulher que conhece as barreiras entende como normal necessitar de força e foco para superar tudo.</b>
---	--	--

Quando nos referimos ao discurso, devemos nos assegurar que a nossa análise não se limite aos estudos sobre a mensagem como mecanismo de comunicação. Quando analisamos o sentido na mensagem é possível pensar que o significante sempre mantém de forma confiável um único ou limitados significados, contudo, como afirma Possenti (1997), o sentido não pode ser considerado como a codificação de uma mensagem num texto ou como se estivéssemos procurando um conteúdo que se apresenta num código determinado sendo, ante todo, um efeito que a enunciação produz. Os efeitos de sentido pertencem ao dizer e a sua análise está determinada pelo efeito da enunciação e não apenas pela comunicação de uma informação.

Os efeitos que procuramos na Tabela 4 respondem a duas categorias abrangentes de percepção sobre as enunciações. A primeira, analisa enunciados nos quais as participantes aceitam um papel social que foi atribuído conforme seu sexo, afirmando de alguma forma que percebem a realidade desses papéis e as suas consequências. Na segunda se apresentam enunciados nos quais as mulheres não expõem explicitamente conhecer ou perceber esses papéis atribuídos socialmente.

Como estamos no campo da enunciação, torna-se necessário compreender o contexto histórico desses dizeres e de que forma eles são expostos, sem a possibilidade de ser conferidos como totalmente verdadeiros, além da sua individualidade e existência única nesse momento de enunciação, construindo apenas esses efeitos de sentido particulares. Também cabe mencionar que a interpretação acontece a partir do olhar do analista, quem seleciona e antecipa efeitos a partir do seu critério e das teorias que conhece, também num determinado momento histórico e contexto social.

Na terceira coluna, onde apresentamos os efeitos de sentido, é possível identificar uma série de reiterações dos mesmos sentidos atribuídos a enunciados diferentes. Uma série de constantes se apresentam em quase todos os casos e que podemos resumi-las da seguinte forma: a mulher apresenta algumas características que são próprias do seu sexo, dizeres do discurso patriarcal que elas repetem (“o que temos que fazer”; “dependem de mim”; “responsável” do trabalho de casa; “nós mulheres fazemos isso há muito tempo”; “a mulher é multifacetada e multifuncional”; “fazemos muitas coisas”; “consiste em uma exigência pessoal e social em realizar todas as tarefas com dedicação e perfeição”), e que elas utilizam como justificativa para indicar que conseguem conciliar trabalho, estudos e família.

### 3.5. A negação

Na próxima sequência discursiva **Pp.D.12.**, apresentaremos a análise da negação, conforme a abordagem teórica que Ducrot (1981), propõe no seu estudo. O autor apresenta, como elementos para a sua análise, a negação da frase (entendida como enunciado) e a negação de constituinte (unidades constitutivas: predicado, verbo, substantivo, advérbio etc.), como relevantes para o estudo das ambiguidades e das relações entre enunciados que podem apresentar dúvidas na sua significação a partir do tipo de negação atribuída.

#### Sequência discursiva 4: da Pp.D.12. (fragmento)

**Não** adianta ser orgulhosa e querer fazer tudo sozinha!

A sequência **Pp.D.12.**, começa com o advérbio de negação “não” que se inclui na expressão popular “não adianta”. No sentido que pode ser atribuído, entendemos que não serve ou não é vantajoso “ser orgulhosa...”. Para Ducrot (1981), essa negação é de frase, significando que é falso que adiante “ser orgulhosa”, o que implicaria uma negação que não apresenta uma ambiguidade ou problema na sua interpretação de sentido.

Na sequência **Pp.D.3.**, a negação se apresenta de uma forma mais complexa:

#### Sequência discursiva 5: da Pp.D.3.

**Não** é porque estou em casa que **não** estou trabalhando. *Na experiência dele, o trabalho acaba ao bater o ponto no final do dia. É difícil* para os homens, eu imagino, aprender a conviver com mulheres independentes e centradas em suas carreiras já que esse **não** é o padrão na nossa sociedade. "Dividir" a atenção e a dedicação à vida familiar com outras exigências é um trabalho em construção para mim. Meu companheiro e eu *dividimos todas as tarefas domésticas* e entendemos que às vezes elas ficarão de lado.

Nessa negação dos predicados, como Ducrot (1981) denomina à negação que só se apresenta numa estrutura sintática da frase e não na frase completa, apresentam-se ambiguidades. Antes da análise da sequência, cabe definir o que Ducrot (1981) entende por frase e enunciado. Na sua teoria, o signo é a frase. Uma estrutura abstrata na qual o significado é constituído pelas possibilidades existentes de relação semântica que ela apresenta com outras frases. Essa relação entre as frases é produzida no enunciado, definido aqui como um segmento do discurso, acontecendo ambos em um momento histórico, único, sem a possibilidade de se repetir. O autor adjudica um valor semântico de significação à frase, enquanto o sentido é o valor semântico do enunciado.

Na sequência 5, torna-se ambígua a frase que indica que “estar em casa” significa “estar trabalhando”, isto acontece porque a ideia de trabalho está entendida não como uma negação

completa da frase e sim como uma reivindicação que inclui o julgamento e que deveria se compreender da seguinte forma: é verdadeiro que quando estou em casa estou trabalhando. O sentido da afirmação que propomos se verifica no enunciado posterior, porque seu companheiro acaba seu trabalho quando bate o ponto no final do dia, no seu emprego, e no caso dela continua.

No depoimento, é possível observar que se apresenta uma denúncia implícita sobre a experiência do homem que não entende que o trabalho continua em casa e a experiência da mulher que sabe que o trabalho continua em casa. No enunciado que prossegue, a negação se apresenta com a palavra “difícil” e, novamente, não estará negando o enunciado completo. Nesse caso, trocaremos a palavra “difícil” por “fácil” para entender as ambiguidades.

O enunciado afirmativo seria: É fácil “para os homens, eu imagino, aprender a conviver com mulheres independentes e centradas em suas carreiras”, enquanto a estrutura sintática posterior continuaria: “já que é ‘falso’ que esse é o padrão na nossa sociedade”. A ambiguidade se apresenta por dois motivos, o primeiro, na relativização da expressão “é difícil”, a causa da expressão “eu imagino” que põe em dúvida a veracidade do que é negado. A segunda, porque as negações são das estruturas predicativas e não do enunciado completo que impede o julgamento da afirmação feita por nós: para os homens é fácil aprender a conviver com mulheres independentes e centradas em suas carreiras porque esse é o padrão da sociedade.

O enunciado também apresenta efeitos de sentido que continuam justificando as atitudes dos homens como observamos na Tabela 4, porque se suaviza uma culpa dos homens perante os comportamentos quando estão na sua casa, sendo o argumento a dificuldades que eles teriam de se adequar às mulheres que não acompanham um determinado padrão, ser independentes, centradas nas suas carreiras, julgamento que a participante realiza como argumento do conflito com seu companheiro. De igual maneira, ela entra numa contradição quando se auto-reconhece fora do padrão, julga o comportamento do seu companheiro e afirma no final do texto que dividem todas as tarefas domésticas, evidenciando conflitos que parecem existir, reforçados pela afirmação “’Dividir’ a atenção e a dedicação à vida familiar com outras exigências é um trabalho em construção para mim”.

Neste momento, procuramos apenas identificar uma das formas da negação e um tipo de análise que pode ser feito, reconhecendo que as possibilidades são muitas e os caminhos para compreender de que forma se arquitetam as respostas são complexas e inacabadas. No próximo capítulo identificaremos novos enunciados onde a negação, e outras formas ambíguas, se apresentam novamente de forma complexa nas respostas da segunda pergunta formulada no fórum.

## CAPÍTULO IV

### As formas do dizer na atribuição dos valores de verdade

Neste capítulo, apresentamos as participações que surgiram como resposta à segunda pergunta<sup>39</sup> disponibilizada no fórum. O número de depoimentos foi menor, porém os textos produzidos foram de maior extensão, produto da apelação final na qual se solicitam exemplos. Num primeiro momento, analisaremos as variáveis que são expostas como contratempos que surgiram no processo de formação acadêmica das mulheres participantes, considerando os motivos e as consequências relacionadas a esses problemas, espaço onde apresentamos resultados gerais que abrangem a primeira e segunda pergunta. Posteriormente, realizamos um estudo comparativo de dois depoimentos considerando como relevante a variável “filhos”, seção que se aprofunda na análise enunciativa e nos valores de verdade atribuídos às sequências discursivas.

No capítulo anterior, observamos que os enunciados das participantes apresentaram justificativas desde o início das sequências discursivas, sem afirmar enfaticamente ou negar a possibilidade de conciliação. Nos relatos se expõe, principalmente, a experiência no processo de formação acadêmica. Não houve casos em que se declarasse a impossibilidade total de conciliar a vida acadêmica com as exigências familiares – ainda que na nossa análise a realidade sobre as dificuldades tenha ficado em evidência –, e se acrescentou a exigência do trabalho em muitos depoimentos, aspecto que não foi questionado, mas que surgiu como um condicionante. Vejamos um exemplo: “Para mim, o maior percalço é conciliar o trabalho com os estudos – o tempo ocupado, o dinheiro e as exigências dos chefes são os fatores que mais influenciam de forma negativa na minha dedicação acadêmica.”

A estrutura recorrente apresentada na Tabela 5 será relevante para a análise dos registros que compõem o *corpus* desde o ponto de vista discursivo, considerando que essa reiteração apresenta um modelo de resposta que se ajusta à constatação, a partir das respostas da primeira pergunta, de que o discurso das mulheres acadêmicas procura justificar que é possível estudar, cuidar do lar e do trabalho ao mesmo tempo, contudo, sempre que as condições familiares sejam dadas para facilitar esse desejo pessoal, sem que entre em conflito com as suas obrigações, assumidas como próprias e de sua exclusiva responsabilidade, evitando dessa forma a culpa.

---

<sup>39</sup> A pergunta foi: “Responda à seguinte pergunta identificando em qual faixa etária se encontra (20-30; 30-40; etc.). Desde o momento em que você decidiu se dedicar aos estudos, houve contratempos que dificultaram seus objetivos? Se houve, fale sobre eles, dê alguns exemplos.”



#### 4.1. Contratempos contra o tempo: a longa caminhada interrompida

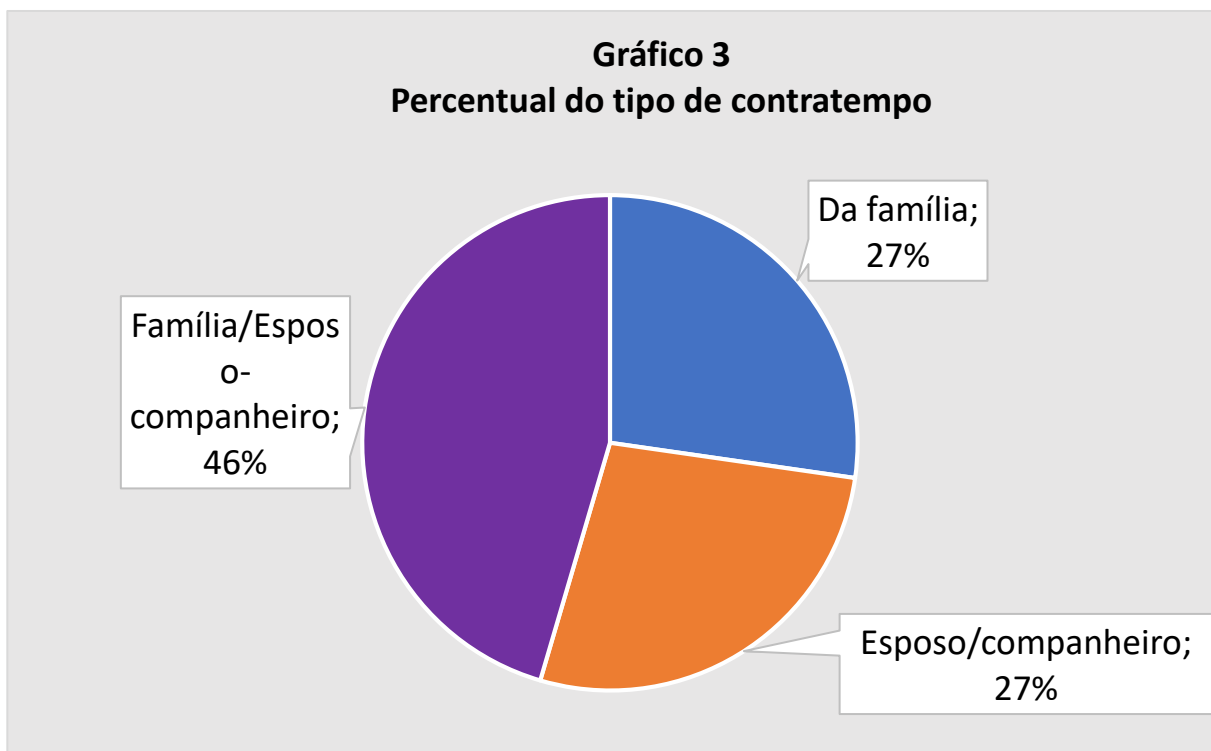
Para a segunda pergunta, a Tabela 5 apresenta, na primeira coluna, fragmentos que expõem (explicitamente ou não) os contratempos que dificultaram os objetivos das mulheres desde o momento em que decidiram se dedicar aos estudos. Na segunda coluna, os motivos desses contratempos e, na terceira coluna, as consequências que esses contratempos trouxeram para a vida dessas mulheres.

<b>TABELA 5</b>		
<b>Principais contratempos que as participantes enfrentaram discriminados por motivo e consequência</b>		
<b>Sobre os contratempos</b>	<b>Motivos</b>	<b>Consequência</b>
<p>-Não afirma explicitamente <b>Sp.D.1</b></p>	<p>-No meio do meu doutorado em 2006 tive a minha segunda gravidez.</p> <p>-No último mês de gravidez tive que me afastar por causa do perigo de um parto prematuro [...].</p>	<p>-[...] tive uma orientadora muito compreensiva que me apoiou desde o início [...].</p> <p>-[...] fiquei em repouso absoluto, e retornei as minhas atividades de pesquisa após o bebê completar 3 meses [...].</p>
<p>-Houve diversos contratempos. <b>Sp. D.2</b></p>	<p>-[...] engravidei.</p>	<p>-Meu orientador sempre foi meu grande apoiador e incentivador.</p> <p>-As principais dificuldades vieram de colegas da instituição de ensino (particular) em que eu dava aula.</p> <p>-[...] perdi uma oportunidade de bolsa em função das ações de minha chefia nessa instituição que viria a me demitir em meu retorno da licença maternidade.</p> <p>-Na faculdade onde faço o doutorado, tive imenso apoio de uma professora jovem, sem filhos.</p>
<p>-Tive a sorte de não ter enfrentado problemas no âmbito familiar [...]</p> <p>-[...] não sou casada e tampouco tenho filhos.</p> <p>-[...] minhas dificuldades foram mais no sentido de me sustentar. <b>Sp. D.3</b></p>		<p>-Consegui realizar este mestrado nos Estados Unidos porque consegui uma bolsa de estudos da CAPES, sem a qual isto teria sido impossível.</p> <p>-Tenho a intenção de iniciar um curso de doutorado nos próximos anos e acredito que este será meu maior desafio: conciliar a vida profissional, conseguir me manter [...].</p>
<p>-Sim tive contratempos para conciliar estudos e família. <b>Sp.D.4</b></p>	<p>-Fiquei grávida durante o mestrado.</p>	<p>-Terminei o mestrado em 2010, e estou adiando iniciar o doutorado porque penso que não vou</p>

		conseguir, ou que será muito difícil, conciliar estudos e família.
-No meu caso, os contratempos para seguir os estudos foram profissionais. <b>Sp.D.5</b>	-[...] faço pós-graduação em estudos culturais. Dentro da minha área de formação, que é a comunicação, sinto um certo preconceito pela linha de pesquisa que sigo.	-Quem carrega essa dedicação enxerga a cultura como ferramenta de transformação social e isso, muitas vezes, incomoda um mercado que acredita em uma inovação puramente tecnológica [...]. [...] encontro dificuldade de me colocar no mercado na área cultural. -Eu, mulher, trabalho mais que meus colegas comunicadores homens e eles ganham muito mais do que eu e minhas outras colegas mulheres.
-Minhas maiores dificuldades estão relacionadas ao tempo dedicado aos estudos. <b>Sp.D.6</b>	[...] sofro por não conseguir um tempo hábil para ler com cuidado e fazer as atividades solicitadas.	-Como trabalho em escola e em cursos, meu tempo acaba sendo um pouco restrito e, por ser professora, sempre levo trabalho para casa. -Até o momento, dei conta de tudo, mas, não nego, a semana para mim é árdua e, por vezes, desmotivadora!
[...] tive dificuldades sim. <b>Sp.D.7</b>	-Tive uma filha quando estava no quarto ano da faculdade. -No decorrer do quinto ano, quando me formei, separei-me do meu marido. -Logo após terminar a faculdade, ingressei no mestrado. Na casa dos meus pais, que sempre me ajudaram muito, comecei a ter problemas com meu irmão, -Como eu estudava e trabalhava, minha mãe me ajudava com a bebê e eu pagava uma babá para ajudar. -Meu marido me ajudava muito, mas eu tinha dificuldade para me concentrar nos estudos, considerando-se que eu estava construindo um novo relacionamento.	-Ele não me apoiava em meus estudos e era excessivamente ciumento. Voltei a morar com meus pais. -[...] então fui morar sozinha com minha filha. -Em 2009 engravidei novamente e tive grande dificuldade para levar o doutorado adiante, pois eu passava mal constantemente. -Pensando em tudo isso, entendo por que, até hoje, não consigo me sentir como uma acadêmica de fato. -Admiro quem consegue fazer tudo isso. Hoje me aceito como alguém que gosta de estudar, mas ama, sobretudo, estar com minha família. Não quero nada diferente disso.
-Eu enfrentei muitos problemas para estudar, sempre. <b>Sp.D.8</b>	-Ao pensar no que está no centro desses problemas, creio que é a questão de classes.	-Moradora de um bairro periférico de uma cidade periférica, a cada avanço na escolaridade aumentava o tamanho do deslocamento que eu tinha que fazer para estudar.
[...] as maiores dificuldades são se adaptar e conciliar todas as atividades diárias e estudantis. <b>Sp.D.9</b>	-Como não tenho filhos ou marido, facilita a minha vida devido não ter que tentar encaixar os dois na minha rotina.	-Mas mesmo assim as vezes penso que não conseguirei dar conta de tudo... Mas está dando certo.
	-Atualmente, penso muitas vezes em tentar um mestrado.	[...] porém, também penso em ter filhos e essas duas opções me

<p>Não afirma explicitamente <b>Sp.D.10</b></p>	<p>-Mas além disso, percebo que esse tipo de dilema se apresenta bastante atrelado aos papéis femininos, pois os homens, em sua maioria, não consideram que as áreas pessoal e profissional sejam conflitantes.</p>	<p>parecem conflitantes, pois minhas características pessoais não comportariam essas duas "funções" ao mesmo tempo. [...] eu, por exemplo, tenho o desejo de fazer mestrado/doutorado e depois pensar em filhos, entretanto, por conta da idade, a ordem desses projetos acaba tendo que ser reconsiderada.</p>
---	---	---

Nos depoimentos, as participantes afirmam explicitamente ou explicam os contratemplos que tiveram. Em quatro, dentre 10 casos, as mulheres afirmam que o principal contratempo foi ter ficado grávida, elas consideram que é possível estudar ou estudariam, porém, sem pensar em ter filhos ou pelo fato de não os ter. Em três casos as participantes expressaram que as dificuldades foram encontradas em seus trabalhos – por motivo de discriminação na gravidez, por falta de tempo ou pelo interesse específico em uma área de estudo incompatível com a sua função. Também em três casos se expôs como dificuldade as questões socioeconômicas e a falta de tempo, resultado das atividades no trabalho e na casa. No gráfico 3 apresentamos o percentual do tipo de contratempo para poder visualizar melhor os resultados.



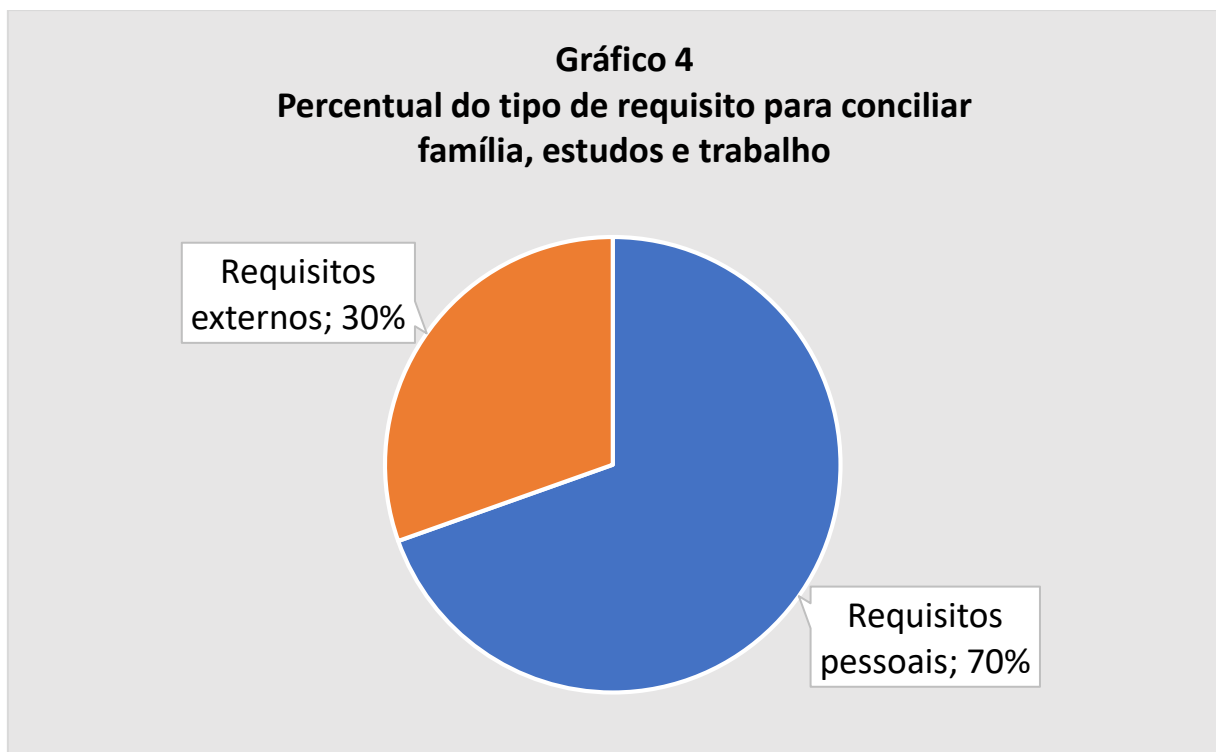
Também consideramos muito relevante, antes da análise propriamente, destacar em duas tabelas gerais aqueles casos em que a participante explica o que é necessário para conciliar estudos, família e trabalho – pergunta 1 – o apoio recebido em cada caso e as exigências que formam parte da vida acadêmica. Por esse motivo, será realizada uma relação comparativa entre a Tabela 5 (primeira pergunta) e a Tabela 6 (segunda pergunta), para identificar de onde receberam apoio aquelas mulheres que culminaram o curso ou estão quase finalizando, registrando-se os motivos e o apoio recebido em cada caso, discriminado pela ordem de resposta no fórum. Conforme os dados, observamos:

<b>TABELA 6</b>			
<b>Principais requisitos para conciliar família, estudos e trabalho</b>			
<b>Primeira pergunta</b>			
<b>Depoimento</b>	<b>Requisitos</b>	<b>O apoio é/seria de...</b>	<b>Exigência de...</b>
<b>Pp.D.1.</b>	- <b>Disciplina</b> - <b>Controle emocional</b> -Compreensão -Colaboração	-Famíliares	-Universidade
<b>Pp.D.2.</b>	-Depende da configuração familiar em que vive cada pessoa	-Não expõe	-Não expõe
<b>Pp.D.3.</b>	-Cooperação - <b>Grande esforço da pessoa</b> -Dividir a atenção e a dedicação à vida familiar com outras exigências é um trabalho em construção para mim	-Todos os membros da Família -No meu caso, moro com meu companheiro [] mesmo assim, já houve conflitos	Cooperação de todos os membros da família -Grande esforço por parte da pessoa que tem a tripla jornada de trabalhar, estudar e "viver"
<b>Pp.D.4.</b>	-Nos organizemos em tempo e em finanças -A flexibilidade de horário, possível na vida acadêmica	-Marido: cooperação na divisão dos encargos com as crianças -Meus filhos foram especialmente compreensivos	-Acadêmicas -Demandas diversas -Dinâmicas pessoais e de escola
<b>Pp.D.5.</b>	Conto com meu parceiro	Conto com meu parceiro (...) posso contar com ele	exigências familiares
<b>Pp.D.6.</b>	- <b>Não consigo pensar em ter filhos</b> as demandas da maternidade, [] não são compatíveis com [] um doutorado e [] meu trabalho	-Um companheiro que me apoia nos estudos [] -Incentivo e apoio emocional do meu companheiro	-Pressão da vida acadêmica
<b>Pp.D.7.</b>	- <b>Dedicação</b> - <b>Seleção de prioridades</b> -Concessões	-Não expõe	-O tempo ocupado, o dinheiro e as exigências dos chefes

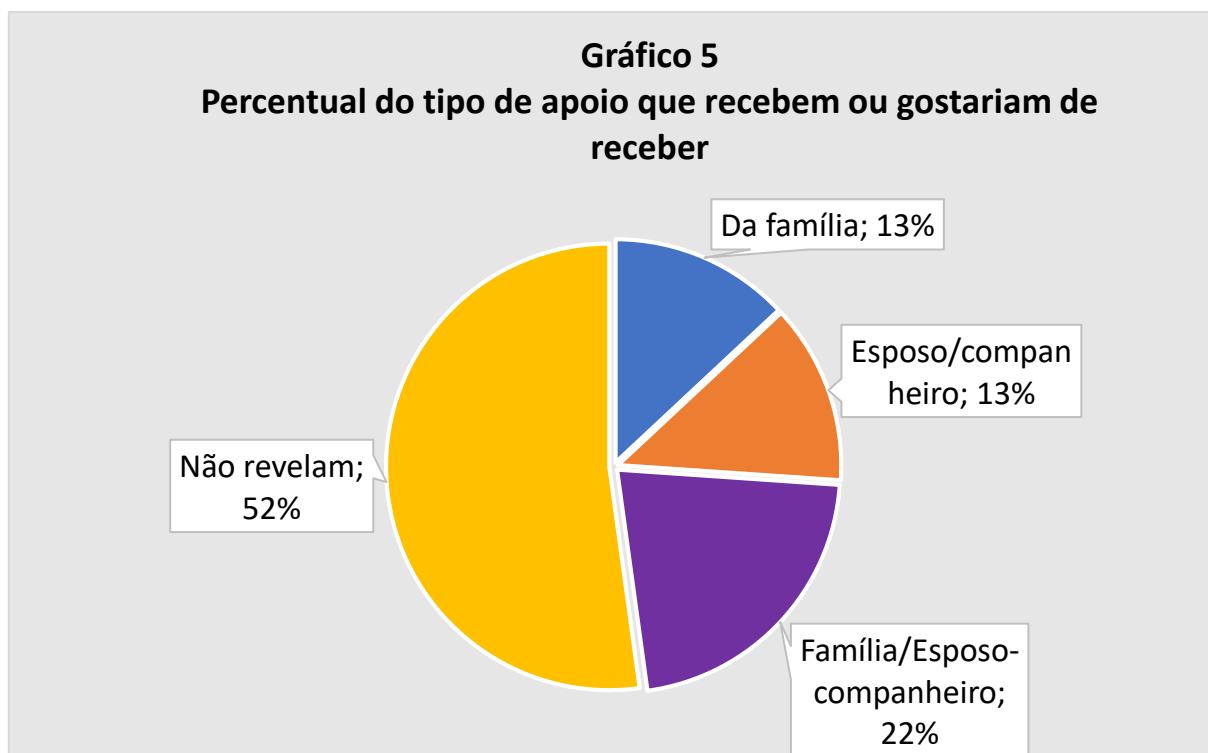
<b>Pp.D.8.</b>	-As exigências familiares ficam em segundo plano	-Não expõe	Priorizar o tempo para o sucesso da vida acadêmica
<b>Pp.D.9.</b>	-Compreenderem essa necessidade	-O(a) parceiro(a)/família/filhos	-Escolha entre a carreira e a composição familiar
<b>Pp.D.10.</b>	-Só consigo estudar quando meu namorado se ausenta <b>-Me organizo</b>	-Compete a mim manter a casa mais ou menos organizada	Acabam impondo prioridades no seu dia-a-dia para dar conta de tudo
<b>Pp.D.11.</b>	<b>-Vontade</b> <b>-Energia extra</b> <b>-Metas bem definidas</b> <b>-Organizar-se</b> <b>-Aproveitar o tempo</b>	-Não expõe	Dificuldades, cansaço ou até mesmo sanidade
<b>Pp.D.12.</b>	-Se <b>não for uma mulher estressada</b> no final você consegue superar tudo	-Não expõe	-Tenho familiares que dependem de mim como minha avó -Muita cobrança por atenção ou por tempo de outras pessoas conciliar o trabalho e estudos
<b>Pp.D.13.</b>	-O meu desejo é esperar o meu bebê ficar um pouco mais independente	-Não expõe	Por enquanto meu bebê ainda precisa muito de mim e o trabalho de casa (limpeza, contas, mercado), no qual sou responsável
<b>Pp.D.14.</b>	<b>-Organização</b> <b>-Responsabilidade</b>	-Não expõe	tudo o que tenho que fazer, tanto na vida familiar quanto na vida estudantil
<b>Pp.D.15.</b>	-Compreensão -Disciplina e autocontrole	-Colaboração dos demais membros familiares	-Não expõe
<b>Pp.D.16.</b>	<b>-Disciplina</b>	-Uma rede de apoio	-Não expõe
<b>Pp.D.17.</b>	<b>-Bastante disciplina</b>	-Humildade e pedir ajuda -Se pudermos contar com nossos pares melhor ainda	-A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso
<b>Pp.D.18.</b>	<b>-Objetivo, uma meta</b>	-Não expõe	-Sem deixarmos de sermos mãe, dona de casa, mulher
<b>Pp.D.19.</b>	<b>-De forma ordenada e regrada</b>	-Não expõe	-É maçante
<b>Pp.D.20.</b>	<b>-Esforço</b> <b>-Vontade</b> <b>-Lutar e correr atrás</b> <b>-Vínculos com nossa autoestima</b>	-Não expõe	-Exigência pessoal e social
<b>Pp.D.21.</b>	<b>Foco</b> <b>Força de vontade para não desistir</b>	-Aceitação e apoio da família	-Não expõe
<b>Pp.D.22.</b>	<b>Sou solteira e sem filhos</b>	-Não expõe	-Não expõe
<b>Pp.D.23.</b>	-Quando <b>realmente se quer algo, dá-se um jeito</b> <b>-Objetivo como prioridade</b> <b>-Dedicação Organização</b>	-Não expõe	-Não expõe

A Tabela 6 apresenta, na primeira coluna, os principais requisitos que as mulheres participantes indicaram como relevantes para conciliar família, estudos e trabalho, conforme a situação de cada uma delas – formação que já finalizaram ou estão cursando. Para fins de organização e registro, selecionamos palavras ou expressões-chave de cada depoimento, constatando que: em 16 dos 23 depoimentos as participantes expressam, como principal requisito, os pessoais e de exclusiva responsabilidade como a mais importante condição – palavras e expressões que destacamos em negrito e outros externos. Essas características podem ser classificadas da seguinte forma: disciplina e organização, controle emocional e esforço, metas e objetivos.

Também na segunda coluna, e entre as expressões que não estão relacionados com aspectos pessoais da mulher, destacamos que: em 7 dos 23 depoimentos as participantes expressaram que os requisitos são exclusivamente externos a elas – principalmente da família, cônjuge, filhos ou pais –, os quais serão classificados da seguinte maneira: compreensão e colaboração, organização e divisão de tarefas, filhos. Observemos o Gráfico 4:



Na terceira coluna, na qual se registra de onde recebe ou receberia apoio, as mulheres afirmaram o seguinte: 3 declaram que o apoio é/deveria ser exclusivamente da família; 3 explicitam exclusivamente que esse apoio é/deveria ser do esposo/companheiro; 5 combinam a resposta entre família e esposo/companheiro; e 12 não revelam. Vejamos o Gráfico 5:



Na última coluna (17 depoimentos), as exigências que as mulheres declararam como parte da responsabilidade como estudantes estão vinculadas a vários aspectos de sua vida, a saber: A pressão da vida acadêmica (horários e dedicação), o trabalho (exigência dos chefes, dinheiro) e família (filhos, marido, limpeza da casa, cuidado de familiares idosos). Em 6 depoimentos não houve declaração de exigências.

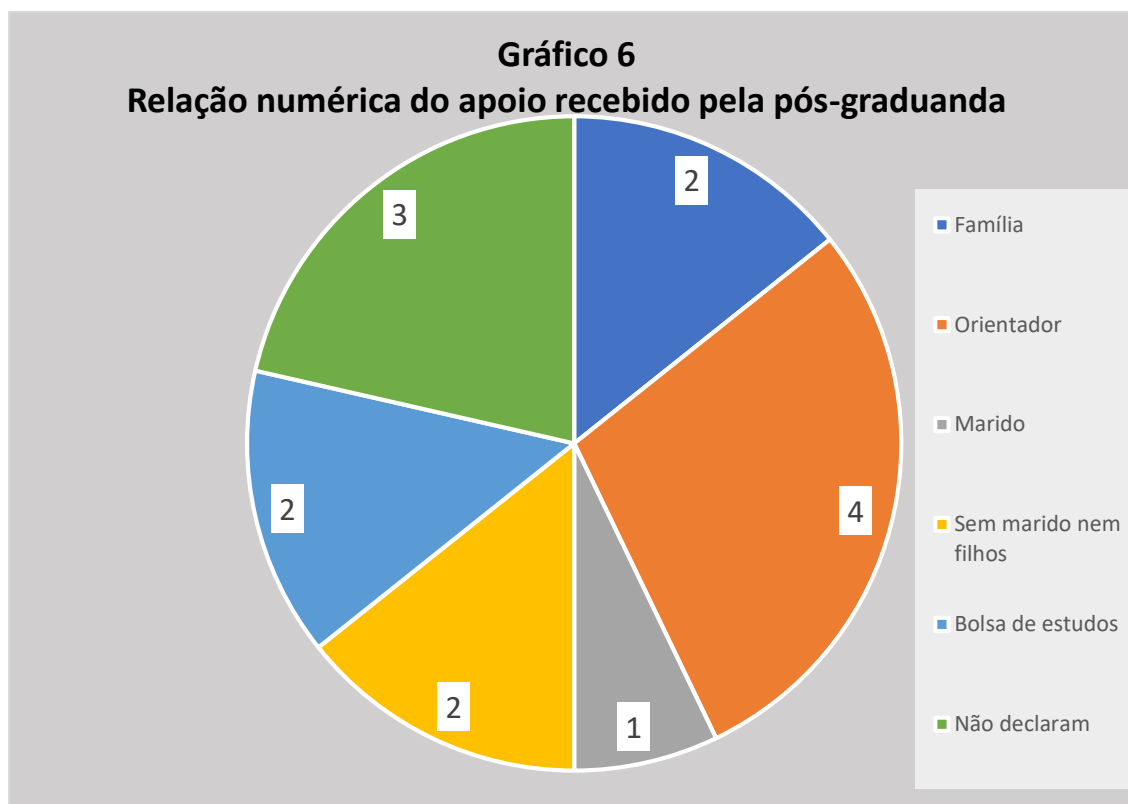
Sobre a pergunta 2: “Desde o momento em que você decidiu se dedicar aos estudos, houve contratempos que dificultaram seus objetivos? Se houve, fale sobre eles, dê alguns exemplos”, observamos na Tabela 7 os depoimentos conforme aspectos relacionados com a culminação da pós-graduação e os apoios recebidos:

<b>Tabela 7</b>		
<b>Apoio recebido na sua formação</b>		
<b>Segunda pergunta</b>		
<b>Depoimento</b>	<b>Conseguiu finalizar/está finalizando</b>	<b>Apoio recebido</b>
<b>Sp.D.1.</b>	-No meio do meu doutorado em 2006 tive a minha segunda gravidez. -No último mês de gravidez tive que me afastar -Retornei as minhas atividades de pesquisa após o bebê completar 3 meses.	-A sorte é que tive uma orientadora muito compreensiva que me apoiou desde o início.
<b>Sp.D.2.</b>	-Na faculdade onde faço o doutorado.	-Meu orientador sempre foi meu grande apoiador e incentivador. -Tive imenso apoio de uma professora jovem, sem filhos.
<b>Sp.D.3.</b>	-Tenho 29 anos e título de mestre. -Tenho a intenção de iniciar um curso de doutorado nos próximos anos.	-Além de receber muito apoio de minha família (pai, mãe e irmã), não sou casada e tampouco tenho filhos. -Consegui realizar este mestrado nos Estados Unidos porque consegui uma bolsa de estudos da CAPES.
<b>Sp.D.4.</b>	-Terminei o mestrado em 2010. Estou adiando iniciar o doutorado [...] difícil, conciliar estudos e família.	-Os professores incentivam a conclusão, mas desacreditam que vamos conseguir...rs.
<b>Sp.D.5.</b>	-Faço pós-graduação em estudos culturais.	-Não expõe.
<b>Sp.D.6.</b>	-Hoje, com minha segunda graduação e pós em andamento, ambas EAD.	-Não expõe.
<b>Sp.D.7.</b>	-Minha segunda filha nasceu um mês depois de eu entregar a tese. -A defesa ocorreu quando ela ainda não tinha três meses.	-Na casa dos meus pais, que sempre me ajudaram muito -Sabendo do meu interesse em fazer doutorado, ele me apoiou bastante, foi um grande incentivador (marido). -Minha filha, meus pais, todos me ajudaram muito. Minha orientadora incentivou-me o tempo todo.
<b>Sp.D.8.</b>	-No segundo ano do doutorado pensei em desistir, pois já não tinha mais forças para enfrentar viagens e trabalhar.	A chegada de uma bolsa de estudos da Capes me fez desistir dos meus empregos (concurados).
<b>Sp.D.9.</b>	-Mas mesmo assim as vezes penso que não conseguirei dar conta de tudo... Mas está dando certo.	Como não tenho filhos ou marido, facilita a minha vida, devido não ter que tentar encaixar os dois na minha rotina.
<b>Sp.D.10.</b>	-Nessa época morava sozinha; a outra especialização foi EaD, eu já estava casada.	Não expõe.

Na Tabela 7, apresentam-se 10 casos em que as mulheres culminaram uma pós-graduação – a maioria –, ou estão cursando. Em 2 depoimentos se afirma que a família apoiou no processo de formação; em 4 casos o orientador do curso se destaca como relevante; apenas em um caso o marido apoiou – nesse mesmo texto a participante declara que é seu segundo marido e que o primeiro: “Ele não me apoiava em meus estudos e era excessivamente



ciumento”. Em 2 casos se afirma que foi possível estudar porque elas não têm nem marido nem filhos; 2 declaram ter conseguido com ajuda de uma bolsa CAPES e 3 não declaram. Vejamos o Gráfico 6:



O que se desprende da leitura das tabelas e gráficos que temos apresentado até o momento e que inclui a análise da primeira pergunta a modo de comparação? Para obter essa informação necessitaremos, antes de analisar os enunciados dos depoimentos, cruzar os dados que apresentam informações isoladas, com o intuito de encontrar pontos convergentes e divergentes. Para tal objetivo, tomaremos os depoimentos da primeira pergunta e da segunda como um único *corpus*, e apresentaremos a seguintes informações para um total de 33 depoimentos, onde a soma total das categorias de análise (aspectos determinantes mencionados pelas mulheres, como são família, filhos, disciplina etc.) é 72, número que supera os depoimentos porque nos referimos ao número de vezes em que uma categoria aparece no total dos casos.

Para conciliar estudos e exigências familiares, são necessário requisitos próprios como a disciplina e a organização, o controle emocional e esforço, metas e objetivos (16 vezes mencionado); e requisitos externos, ajuda da família, cônjuge, filhos e pais (7 vezes mencionado); se obteve apoio de... ou se deseja apoio de...: família (5 vezes mencionado); companheiro/esposo (4 vezes mencionado); família e companheiro/esposo (5 vezes

mencionado); bolsa de estudos (2 vezes mencionado); orientador/a (4 vezes mencionado); não tem filhos nem esposo (2 vezes mencionado); total 22 depoimentos; há uma exigência que implica uma pressão da vida acadêmica (horários e dedicação); o trabalho (exigência dos chefes, tempo, dinheiro); e família (gravidez, filhos, marido, limpeza da casa, cuidado de familiares idosos) (27 depoimentos).

<b>Tabela 8</b>			
<b>Situação da mulher acadêmica para que a conciliação aconteça</b>			
<b>Necessita de si mesma:</b>	<b>Total de 72 categorias de análise 100%</b>		<b>Exigem dela:</b>
Disciplina Organização Controle emocional Esforço Metas/objetivos	<b>16 vezes mencionado</b>  <div style="border: 1px solid black; background-color: yellow; padding: 2px; width: fit-content; margin: auto;"><b>21,9%</b></div>	<b>27 vezes mencionado</b>  <div style="border: 1px solid black; background-color: yellow; padding: 2px; width: fit-content; margin: auto;"><b>36,9%</b></div>	Horários Dedicção Tempo No trabalho Aspectos econômicos na gravidez Os filhos Esposo Limpeza da casa Cuidar familiares
<b>Condições dadas por:</b>	<b>7 vezes mencionado</b>  <div style="border: 1px solid black; background-color: yellow; padding: 2px; width: fit-content; margin: auto;"><b>9,5%</b></div>		
Família Cônjuges Filhos Pais			
<b>Receber apoio de:</b>	<b>22 vezes mencionado</b>  <div style="border: 1px solid black; background-color: yellow; padding: 2px; width: fit-content; margin: auto;"><b>30,1%</b></div>		
Família Companheiro/esposo Bolsa de estudos Orientador Não ter filhos ou esposo			

A partir deste momento, a análise global das categorias expostas na Tabela 8 nos permite visualizar em quais aspectos as mulheres participantes são mais sensíveis no processo de formação acadêmica. O destaque aparece na insistência que elas mencionam sobre as exigências da família, do lugar de estudo e do trabalho, acompanhado pela necessidade de receber apoio quase das mesmas categorias que lhes exigem (família e companheiro) e, em últimos lugares, os requisitos fortemente cobrados a si mesmas, conjuntamente com as condições necessárias para que a conciliação aconteça.

A realidade que apresentamos, também nos permite constatar alguns pressupostos que foram adiantados no Capítulo III com a análise da primeira pergunta. Neste momento, podemos afirmar que a mulher acadêmica que participou da nossa pesquisa apresenta uma série de dificuldades que surgem do poder exercido por todas as instituições que circundam a sua vida e que atuam de forma consistente para que a desistência aos seus desejos aconteça. A família se apresenta como o principal ambiente que determina seus avanços ou retrocessos, exibindo condições de sujeição que oscilam entre fatores explícitos e fatores implícitos, observados nas exigências que ela cobra de si mesma. Para esses primeiros resultados, destaca-se a análise que elaboramos a partir de enunciados que, como afirma Foucault (2017 [1969]), não apresentavam estruturas proposicionais definidas, porém, com iguais valores e possibilidades de utilização.

#### **4.2. Matar o desejo: a aceitação final dos empecilhos**

A nossa análise, neste ponto, estará centrada em dois depoimentos que consideramos significativos porque apresentam muitas das categorias de análise estudadas e são exemplos para observar a importância da categoria “filhos”. Na **Sp.D.7.**, a participante realiza um extenso relato descritivo da sua situação, enquanto se formava como estudante de graduação, até a sua formação como doutora, destacando a sua situação como mãe. Na **Sp.D.8.**, a participante relata a sua situação desde o ensino médio até o doutorado, destacando a sua situação socioeconômica.

A análise de ambos depoimentos se realizará de forma comparativa, sendo o objetivo a identificação de expressões subjetivas que avaliam, julgam, qualificam, intensificam ou relativizam experiências e fatos narrados, principalmente aqueles que foram produto de um contexto ou situação externa à vontade da participante. Da mesma forma, nos interessaremos pela seleção de determinadas palavras como escolha que silencia outras e pela ausência de expressões ou sentidos omitidos ou subentendidos.

### Sequência discursiva 6: da Sp.D.7.

Tenho 38 anos e tive dificuldades sim. Tive uma filha quando estava no quarto ano da faculdade. No decorrer do quinto ano, quando me formei, separei-me do meu marido. Ele não me apoiava em meus estudos e era excessivamente ciumento. Voltei a morar com meus pais. Logo após terminar a faculdade, ingressei no mestrado. Na casa dos meus pais, que sempre me ajudaram muito, comecei a ter problemas com meu irmão, então fui morar sozinha com minha filha. Como eu estudava e trabalhava, minha mãe me ajudava com a bebê e eu pagava uma babá para ajudar. Sim, eu também trabalhava. Era tudo muito corrido, lembro de sentir muita culpa por não conseguir dar tanta atenção à minha filha. Mas, por outro lado, sentia-me satisfeita com o trabalho e com os estudos. Terminei o mestrado em 2004 e continuei trabalhando, mas, nesse ano, tive um problema de saúde muito sério, uma trombose. Bem nessa época da internação (véspera do aniversário de 5 anos da minha filha), eu estava em vias de reatar o relacionamento com o pai dela. Mas, novamente, não deu certo. Em 2005 conheci meu atual marido. Nessa época eu estava só trabalhando. Sabendo do meu interesse em fazer doutorado, ele me apoiou bastante, foi um grande incentivador. Ingressei no doutorado em 2006, com forte incentivo da orientadora do mestrado. Casei-me em 2007. Meu marido me ajudava muito, mas eu tinha dificuldade para me concentrar nos estudos, considerando-se que eu estava construindo um novo relacionamento. Em 2009 engravidei novamente e tive grande dificuldade para levar o doutorado adiante, pois eu passava mal constantemente. Pela segunda vez (a primeira foi no decorrer do mestrado e logo após a sua conclusão), tive um quadro de depressão leve. Recorri a psiquiatra e tomei remédios, apoiei-me em meu marido, minha filha, meus pais, todos me ajudaram muito. Estive a ponto de desistir várias vezes, mas minha orientadora incentivou-me o tempo todo, foi paciente, presente... muitas vezes não agiu como orientadora, mas como amiga mesmo. Chegou a deixar o trabalho em segundo plano e esforçou-se em me animar. Tive de pedir uma prorrogação de seis meses. Minha segunda filha nasceu um mês depois de eu entregar a tese. A defesa ocorreu quando ela ainda não tinha três meses. Pensando em tudo isso, entendo por que, até hoje, não consigo me sentir como uma acadêmica de fato. Gosto muito de ler, de estudar, mas nunca consegui me dedicar realmente a pesquisar de modo profissional, a escrever para publicar, a participar de eventos científicos com regularidade... Admiro quem consegue fazer tudo isso. Hoje me aceito como alguém que gosta de estudar, mas ama, sobretudo, estar com minha família. Não quero nada diferente disso.

Na sequência, a participante de 38 anos afirma que teve dificuldades a partir do momento em que decidiu se dedicar aos estudos, apresentando o primeiro motivo sem introdução, a sua filha. Uma filha na faculdade e uma separação conjugal no momento da sua formação, são, conforme seu depoimento, as primeiras dificuldades na sua trajetória acadêmica, o que sugere que essa dificuldade surgiu de um contexto familiar próprio e dentro de um relacionamento aparentemente estável. Os motivos da separação são claros, não recebia apoio e seu marido era ciumento. Cabe destacar que o exemplo acompanha os resultados obtidos até o momento na nossa pesquisa: uma mãe que tem um filho e que se separa do seu marido, sendo ambas grandes dificuldades para a sua vida acadêmica. Até aqui, destaquemos o intensificador prototípico “excessivamente” que ela utiliza precedendo o adjetivo “ciumento”.

As consequências do tipo de relacionamento e o nascimento da filha levaram a que a participante morasse com seus pais, o que representa uma realidade recorrente<sup>40</sup> para as mulheres solteiras ou separadas com filhos que não têm recursos próprios para manter o lar, principalmente se estão estudando ou pensando em estudar. Com algumas explicações, a participante nos relata que logo após terminar a faculdade ingressou no mestrado, afirmação que nos certifica que o apoio da família permitiu que ela pudesse continuar com o seu desejo, contudo, os conflitos com seu irmão dificultaram o processo. Sem detalhes dos problemas, ela indica como principal motivo para sair da casa dos pais os problemas com seu irmão, o segundo homem do seu relato com o qual ela tem conflitos.

A ajuda da família consistiu no apoio com a moradia e – podemos também entender que isso se traduz em ajuda econômica quando se pensa em não pagar um aluguel (informação que não possuímos) –, a partir do advérbio de intensidade “muito”, isso parece ser um agradecimento. A sua mãe também a ajudou com a sua filha enquanto ela pagava uma babá, informação que ela utiliza para, em um único enunciado, realizar uma primeira crítica sobre a sua condição de mulher “multitarefa” que além de estudar, trabalhava e tinha uma filha: “Sim, eu também trabalhava”. Esse enunciado apresenta efeitos de sentido que, por um lado, procura a atenção do leitor a partir da acumulação de elementos anafóricos presentes no texto, que podemos resumir da seguinte forma: além de tudo o que eu fazia e acontecia comigo, eu também trabalhava, dignificando a sua condição. Em outro sentido, esse enunciado pode carregar um peso que não dignifica e que pretende informar sobre um dado que carregava ainda mais suas atividades, sentido que a fala poderia representar por meio da entonação da enunciação.

Esse aspecto mencionado anteriormente sobre os possíveis sentidos, intensifica-se quando a participante menciona que “tudo era muito corrido”, um “tudo” que não especifica, mas se resignifica no relatado até o momento, assim como a explícita exposição da sua culpa pela impossibilidade de dar atenção à filha, tema que forma parte da análise da nossa pesquisa e que, neste momento, implica a falta de tempo e cuidados, subentendidos por meio da palavra “atenção”, escolha que engloba uma série de aspectos práticos e emocionais. Após esse instante, o depoimento conclui com a conjunção adversativa “mas” que antecede aquilo que justifica o esforço porque, “por outro lado”, ela conclui o mestrado.

Observe-se como até o momento o relato apresenta poucas expressões subjetivas e se limita ao avanço dos episódios e fatos solicitados na pergunta, suavizados apenas por breves

---

<sup>40</sup> Alguns casos e dados sobre a situação das mulheres separadas/divorciadas podem ser lidos na página disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2018/05/noticias/regiao/2264404-apos-tres-anos-de-queda-numero-de-divorcios-volta-a-crescer-no-estado-e-no-pais.html> Com acesso em: 10/11/2018.

intervenções avaliativas sobre as situações, alguns intensificadores: “excessivamente”; advérbios: “muito”, começando gradualmente, mas de forma muito contida ainda, com as apreciações sobre os fatos.

A dualidade instaura uma primeira brecha no depoimento, os conflitos que superam as satisfações ou, dito de outra forma, as circunstâncias superadas pelos desejos. Interpretar os enunciados que apresentam, até o presente momento do texto, uma “descrição” ínfima de uma “realidade” duas vezes interpretada (primeiro pela própria mulher e depois pelo pesquisador), propaga a possibilidade de confundir as proposições com seus referentes, ao invés dos enunciados, no sentido foucaultiano, com o que eles enunciam. Essa distinção é claramente observada por Foucault (2017 [1969]), quem alerta sobre a possibilidade de que numa leitura das proposições procuremos os referentes que adjudicariam nelas um valor de verdade ou de erro.

Para exemplificar o descrito no parágrafo anterior, utilizemos o seguinte enunciado: “Tive uma filha quando estava no quarto ano da faculdade”. O enunciado, se fosse percebido como proposição que se significa a partir do referente, poderia nos induzir a uma informação com valor de erro, porque se apresenta imediatamente depois da informação “tive dificuldades sim”, resposta direta à segunda pergunta do fórum. Nesse sentido, poderíamos entender que a proposição é a primeira dificuldade que ela nomeia: ter uma filha foi uma das dificuldades. Contudo, no texto não se observa esse efeito de sentido, porque ela não afirma que a filha tenha sido a dificuldade e sim uma das situações, entre muitas, que a levaram a passar por momentos difíceis. Esse valor de verdade atribuído na análise, só pode ser conferido a partir da compreensão do enunciado que se significa pelos elementos que, por causa dele e a partir dele, se enunciam.

Continuando com o exemplo anterior, é possível observar que a filha, uma das circunstâncias que ela apresenta para introduzir as dificuldades que teve, nunca é utilizada como o fator que frustrou a sua carreira acadêmica e que, pelo contrário, existiu uma culpa pela impossibilidade de dedicar mais tempo a ela: “tive uma filha”; “lembro de sentir muita culpa por não conseguir dar tanta atenção à minha filha”; “Hoje me aceito como alguém que gosta de estudar, mas ama, sobretudo, estar com minha família”; “me apoiei-me em (...) minha filha”.

Quase no final do depoimento, aparecem os primeiros enunciados com julgamentos sobre a série de dificuldades acontecidas no processo de formação acadêmica. Sem dúvidas, deixa claro que a segunda filha foi outra circunstância que dificultou o processo, enquanto expõe que teve quadros de depressão durante as duas pós-graduações e resume um sentimento gerado por todas as circunstâncias: “Pensando em tudo isso, entendo por que, até hoje, não

consigo me sentir como uma acadêmica de fato”. Nesse enunciado, percebemos a complexidade da sua constituição, desde o ponto de vista do enunciado em si e como elemento que revela o grau dos efeitos produzidos na mulher a partir, não das circunstâncias específicas vividas, senão da falta de suporte ou condições necessárias para que uma mulher possa se dedicar aos estudos, se sentir satisfeita durante o processo e com os resultados, sem que fique a sensação de que aquilo feito só gerou transtornos sem ter provocado o prazer daquele desejo originário.

Vejamos o exemplo anterior desde o ponto de vista do enunciado que, segundo Foucault (2017 [1969]), implica uma função de existência que pertence aos signos, a partir da qual se pode decidir pela análise ou pela intuição para saber se eles fazem sentido ou não, posto que, como não se trata de uma unidade e sim de uma função que cruza o domínio de estruturas e de unidades possíveis, ele é a razão pela qual elas existam como tais, permitindo que regras e formas se atualizem. Utilizemos as próprias estruturas do exemplo para compreender a importância da função enunciativa e perceber como a análise isolada das formas e signos não implicam a compreensão do enunciado como um todo.

Em “Pensando em tudo isso”, uma simples revisão anafórica dos elementos que significam a estrutura “tudo isso”, e que adjudicam o valor semântico dessa expressão indefinida, nos faz evocar apenas formas e estruturas gramaticais e não valores enunciativos determinados pela função enunciativa, por exemplo: “tudo isso” significa (“tive uma filha”; “separei-me do meu marido”; “era excessivamente ciumento”; “voltei a morar com meus pais”; “comecei a ter problemas com meu irmão”) entre outras situações que ela nomeia. Porém, os signos, estruturas e formas mencionadas nessas proposições estão condicionadas a uma complexa rede enunciativa não mencionada que configura uma atualização constante dessas situações que os leitores desconhecemos do verdadeiro valor dos signos e das enunciações, porque “filha”; “marido”; “ciumento”; “irmão” são categorias que implicam uma distinção para essa mulher, e só para ela, impossível de ser transmitida como uma mera estrutura.

O enunciado “Pensando em tudo isso” apresenta o peso do tempo e das experiências que são impossíveis de serem verbalizadas, silêncios e formas singulares da existência, que no momento exato em que acontece a análise desse registro já deixou de existir como foi exposto no dia da sua escrita, sendo isso possível porque a enunciação implica uma atualização constante em um contexto histórico que determina seus efeitos. Apesar de percebermos estruturas semelhantes em todos os depoimentos analisados, reconhecemos enunciações únicas que implicam a substituição dos sintagmas pela pluralidade enunciativa que geraram essas estruturas. Observemos essa afirmação no seguinte fragmento:

Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização. Trata-se de uma relação singular: se, nessas condições, uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 108)

A partir do exposto por Foucault (2017 [1969]), o enunciado da participante se torna uma atualização sempre inacabada da própria experiência vivenciada e até expressa a limitação de uma verdade nunca possível de ser exposta pela língua. A frustração não se resume ao fato de ter satisfeito seu desejo da formação profissional, significando uma frustração do desejo de se tornar uma pesquisadora, “admiro quem consegue fazer tudo isso”, enunciado que carrega várias impressões contraditórias quando afirma que admira aquilo que ela não conseguiu.

O texto, depoimento carregado de um histórico complexo sobre aquilo que se enuncia de fato, abandona a simples enumeração de fatos para um resumo revelador, mas previsível para a nossa pesquisa. Ele culmina com dois enunciados que não podem ser verificados no nível das suas proposições, mas que carregam uma aparente resignação como valor de verdade “Hoje me aceito como alguém que gosta de estudar, mas ama, sobretudo, estar com minha família”. O previsível que anunciávamos, remete aos efeitos de sentido da expressão “me aceito” (gosta de estudar e ama sobretudo a sua família), valores de aceitação que reduzem o desejo de ser uma pesquisadora e aumentam a instituição família como valor superior a tudo, negando a possibilidade de outra opção neste momento da enunciação, lapidado com o enunciado final que começa com uma negação de frase “Não quero nada diferente a isso”.

É possível concluir a análise desse depoimento com algumas observações produtivas sobre o desfecho narrativo. Em todo momento o relato apresenta um peso significativo de enunciados sobre os sacrifícios e dificuldades como foi solicitado na pergunta, porém, se solicita falar sobre elas e não realizar julgamentos ou observações sobre o sentimento como foi exposto. Nos últimos enunciados, depois dos sucessivos conflitos, existe uma necessidade de dar um “final feliz” à história, uma justificativa de que essa série de insucessos tiveram um resultado, mesmo que não tenha sido, conforme o relato, a favor da formação acadêmica. Tanto no começo quanto no final, a família aparece como causa e consequência envolvida nos conflitos, já que não se aprofunda em outros aspectos como o trabalho, o dinheiro, o tempo nem as exigências das pós-graduações. Finalmente, podemos notar que o desejo de se tornar uma pesquisadora, a sua maior vontade, aparece subsumida pela família, apresentado na distinção entre os verbos gostar e amar: “gosta de estudar” e “ama, sobretudo, estar com a minha família”.



O depoimento da **Sp.D.8.**, apresenta um relato que não inclui a categoria filhos, centrando-se nas dificuldades de classes como é exposto pela participante:

**Sequência discursiva 7: da Sp.D.8.**

Eu enfrentei muitos problemas para estudar, sempre. A minha lista de problemas é longa. Cada vez que reflito fico muito assustada e nem sei explicar como consegui seguir adiante em meio a tantos constrangimentos na vida acadêmica e profissional, e na vida profissional também. Ao pensar no que está no centro desses problemas, creio que é a questão de classes. A minha origem social pesa demais. Para esse relato, escolho uma das dimensões dos problemas que enfrento para estudar. Moradora de um bairro periférico de uma cidade periférica, a cada avanço na escolaridade aumentava o tamanho do deslocamento que eu tinha que fazer para estudar. No início do doutorado, eu trabalhei com 24 turmas de ensino médio, em duas redes de ensino. Nessa agenda lotada, eu encontrava espaço para cursar as disciplinas na universidade. Gastava cerca de 4 horas para ir e mais 4 horas para retornar para casa. No segundo ano do doutorado pensei em desistir, pois já não tinha mais forças para enfrentar viagens e trabalhar. A chegada de uma bolsa de estudos da Capes me fez desistir dos meus empregos (concurados). Continuei somente com a pesquisa. Vale dizer que no ensino fundamental ia de ônibus para a escola que ficava no centro da cidade onde moro. No ensino médio viajava uma hora e meia. Na graduação fui para outro estado brasileiro. Na pós-graduação para o interior de São Paulo (moro na RME). O único deslocamento voluntário que fiz se deu num estágio de doutorado no exterior. Os deslocamentos criaram dificuldade imensas na vida privada: ciúmes de um companheiro que sempre achou que eu o traía por mais que eu dissesse que eu gastava horas no transporte, simplesmente; incompreensão dos familiares sobre o tempo gasto com os estudos - sempre pareceu (e parece) que estava/estou fazendo algo inútil. Além disso estar longe das instituições sempre fez com que eu não pudesse aproveitar muitos de seus benefícios. Estudei em instituições renomadas, mas não pude participar de tudo o que queria.

Ela utiliza a palavra “problemas” o que acrescenta maior peso simbólico às dificuldades nomeadas e atualiza o enunciado inicial com adverbio “sempre”, dando maior presença aos contratempos que são enumerados, tantos, que insiste no segundo enunciado que se trata de uma “lista” e “longa”. As apreciações subjetivas sobre esses problemas continuam no terceiro e se reforçam com a reflexão que faz sobre eles “fico muito assustada”; “nem sei como consegui seguir adiante em meio a tantos constrangimentos na vida acadêmica e profissional”, cometendo involuntariamente uma reiteração que reforça uma mensagem: “constrangimentos na vida acadêmica e profissional, e na vida profissional também”. Depois dessa instância propedêutica, ela começa a falar sobre as questões de classe, a origem social como moradora de um bairro periférico de uma cidade periférica na RME<sup>41</sup>, situando em um contexto geográfico o primeiro problema.

<sup>41</sup> A sigla pode estar se referindo à Região Metropolitana de São Paulo.

No enunciado “a minha origem social pesa demais”, o espaço de correlações sobre o valor de verdade introduz novos valores prévios naqueles enunciados posteriores, acrescentando a complexidade do assunto para cada leitor, na sua experiência pessoal sobre aquilo enunciado. O aumento gradual do deslocamento que tinha que fazer para estudar, só pode ser compreendido como enunciado que remete a uma série de correlações de suposta verdade, compreendida não pelo sentido da estrutura, senão pela referência feita posteriormente, “4 horas para ir e mais 4 horas para voltar”. Dessa forma, obtemos uma ideia aproximada do esforço e do valor da correlação quando ela afirma “o tamanho do deslocamento”.

O principal motivo da escolha desses dois depoimentos se encontra no enunciado seguinte da **S.p.D.8.** “No segundo ano do doutorado pensei em desistir” que, na comparação com a **P.p.D.7.** “Estive a ponto de desistir várias vezes”, apresentam estruturas iguais com valores enunciativos muito diferentes, sendo denominados por Foucault (2017 [1969]), como correlatos do enunciado, um conjunto de domínios em que esses objetos podem aparecer e no qual podem ser assinaladas tais relações, conforme sejam domínios materiais, físicos, perceptíveis ou não, fictícios, de localização, de relação ou de circunstâncias, como no caso das participantes que incluem domínios diversos de correlação. Nos dois casos, a possível desistência é expressada como o pior dos acontecimentos para quem persegue um desejo, mas no relato onde já se conhece o desfecho, a desistência se menciona como o ponto de inflexão que acumulou as tensões do relato, da revivência dos fatos. Complementando o expressado:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível *enunciativo* da formulação, por oposição a seu nível gramatical e o seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não o valor de verdade (FOUCAULT, 2017 [1969], p. 111)

O valor de verdade atribuído aos dois enunciados está determinado pelas relações em jogo. Por um lado, o valor de verdade que aglutina uma série de impedimentos familiares e, por outro lado, inúmeros problemas com origem nas diferenças de classes, ambos produto da falta de contenção familiar, políticas sociais, condições econômicas – o termo adequado dependerá do caso específico –, que não permitem que a mulher participante da nossa pesquisa possa satisfazer seus desejos de formação acadêmica e, posteriormente, usufruir da sua nova condição como pós-graduada, sem que esse esforço se transforme numa luta contra as adversidades que

tiram dela quase toda satisfação da meta alcançada: “Além disso estar longe das instituições sempre fez com que eu não pudesse aproveitar muitos de seus benefícios. Estudei em instituições renomadas, mas não pude participar de tudo o que queria”.

Os enunciados finais da **S.p.D.8.** também apresentam estruturas semelhantes às apresentadas na **P.p.D.7.**, em ambos, o ciúme por parte dos companheiros criou conflitos importantes, da mesma forma como aconteceu com a família, sendo relativizada a importância de seus desejos. Por esses motivos, consideramos muito relevante concluir este capítulo com a necessidade de observar que a análise dos depoimentos, em todas as instâncias, teve presente o valor de verdade não manifesto, aquele impossível de identificar e dos quais só conhecemos por meio da analogia com a possível experiência do leitor. Quando pensamos na arquitetura do discurso “conciliador”, percebemos que a nossa análise se aproximaria a uma forma do dizer por meio da enunciação, que teria sentido apenas no nível enunciativo, desde as relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação como Foucault (2017 [1969]) explica, nos quais surgiriam as diferenças e os valores pretendidos de verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa dissertação apresentou, desde o começo, alguns pressupostos que foram constatados e analisados conforme avançava a pesquisa. Essa verificação trouxe resultados que possibilitaram uma base mais sólida para continuar avançando no tema escolhido, ampliando ou definindo ainda mais as categorias do nosso *corpus*, com o intuito de conhecer realidades particulares de grupos de mulheres, segundo a idade, classe social, características étnico-raciais, entre outras. Assumimos a importância desse primeiro critério de seleção, porque entendemos que a abrangência em “mulheres acadêmicas” aglutina características determinantes para a análise dos discursos conciliatórios, contudo, transforma os objetivos que procurávamos alcançar em consequências diretas das circunstâncias que outras variáveis poderiam determinar.

Enquanto se trabalhava com os depoimentos, observamos a importância que teriam algumas informações prévias e que poderiam acrescentar muita informação à nossa pesquisa, principalmente para poder traçar alguns perfis da constituição familiar em relação aos papéis sociais atribuídos à mulher no lar e com relação à família, assim como dados que nos permitissem conhecer algumas falas dos homens e filhos dessas mulheres. Apesar da ausência dessas categorias na proposta da coleta de dados, o levantamento realizado no fórum indicou a ausência da necessidade de explicação sobre essas características por parte das participantes, assim como as escassas referências à condição étnico-racial.

Quando utilizamos o termo “conciliatório”, a nossa intenção foi demarcar quais discursos produzidos e identificados pelo próprio poder patriarcal poderiam estar sendo utilizados pelas mulheres para justificar os conflitos entre a família e seus desejos pessoais, desejos que implicam a formação numa pós-graduação. Conciliar, na nossa visão, implicava evitar os conflitos, justificando com esses discursos que o seu desejo podia ser “compartilhado” com as “exigências” familiares que ela também considera próprio das mulheres, conforme é atribuído pelo disciplinamento do poder patriarcal.

Na análise, percebemos que esse discurso conciliatório se tornou um discurso concedente, encoberto por dizeres que apresentavam alguns clichês sobre a capacidade natural das mulheres de conseguir o que elas se propõem, munidas apenas pelas características exclusivas do seu sexo. Conceder, tornou-se a partir desse momento, o principal alvo do nosso estudo no nível enunciativo, porque necessitávamos entender a necessidade de cobertura do discurso patriarcal involuntário por parte das participantes.

Essa primeira aproximação aos discursos concedentes, outrora conciliatórios, revelou, já na primeira tabela, que a mulher participante necessita apresentar o difícil que esse posicionamento como “mulher pode tudo” significa para a sua vida, porque como apresentamos nesse esquema, aquilo enunciado após as conjunções adversativas, locuções conjuntivas e expressões, tem um peso demasiado grande na sua fala e responde à insatisfação de incluí-lo como uma realidade intrínseca e filiada ao seu sexo.

Notamos também que, entre a resposta concreta da primeira pergunta e as expressões que “amenizam” as partes mais incisivas do declarado – afirmando que elas finalmente conseguem –, os enunciados que afirmam o difícil que é essa conciliação são os que em maior quantidade aparecem em quase todos os depoimentos, ou seja, elas dedicaram mais tempo em expor as dificuldades conciliatórias que não são solicitadas na pergunta que a própria afirmação ou negação que implicava uma resposta fechada.

Há, notoriamente, uma necessidade de expressar esse desconforto que existe nas suas vidas quando se toma a decisão de ter uma outra atividade, mais próxima aos seus desejos, que não implica necessariamente o trabalho que trará benefícios econômicos ao lar. Também é notória a existência de uma forma de se responsabilizar por esse “castigo” que implica assumir uma nova responsabilidade sem conseguir obter, nem o tempo, nem as condições necessárias para poder acompanhar o processo de forma satisfatória porque, como aparece explícito em muitos depoimentos, o caminho é sinuoso e repleto de impedimentos que sempre acabam na possibilidade de desistir.

Na nossa abordagem analítica, procuramos identificar os efeitos de sentido que muitas palavras e expressões tinham, considerando o contexto de enunciação e o objetivo da nossa pesquisa, sabendo que os discursos conciliatórios estariam vedados por essas formas do dizer no plano mais superficial, limitando de alguma forma o explícito dos valores de verdade atribuídos e das possíveis denúncias que essas falas comportavam. Em consequência, foi possível compreender a partir da presença de verbos e expressões inconsistentes, que a mulher sente um alto grau de demandas que ela considera “obrigatórias” e que são a principal causa das suas frustrações, enquanto fala muito pouco sobre seus desejos ou os coloca em último lugar.

Quando percebemos na análise feita determinados efeitos de sentido, por repetição ou por aparecer em lugares relevantes na estrutura enunciativa, foi importante entender que era impossível procurar uma abordagem mais neutra ou condicionada à única categoria que tínhamos, porque esses mesmos efeitos de sentido se reiteravam na maioria dos depoimentos e, em muitos casos, da mesma forma e com as mesmas estruturas, ainda que compreendamos a

sua diferença naquilo que seria enunciado em cada realidade. De igual forma, continuamos acreditando nessa abordagem, fundamentada no Capítulo III, por um número considerável de categorias de análise que possibilitaram a primeira aproximação de como estaria acontecendo essa “arquitetura” do discurso conciliador e qual o posicionamento da mulher sobre o seu próprio dizer.

Conforme o exposto no parágrafo anterior, discutimos de que forma essa contextura discursiva se cimenta e quais elementos revestem os dizeres das participantes. Foi possível observar e concluir que nos depoimentos a culpa se transforma no principal elemento organizador do discurso, colocando a força do disciplinamento que o poder patriarcal produz como motor que estimula a produção de enunciados com sentido recriminatório e constitutivos de uma subjetivação que os enuncia com sentido pleno de verdade.

Para evitar a culpa ou assumi-la sem exposição, organizam-se sequências de enunciados com uma lógica adequada às finalidades discursivas, preparando o terreno que primeiro anuncia a possibilidade de conciliação entre os estudos e as responsabilidades familiares e, posteriormente, se exterioriza a culpa, colocando-a em outros fatores externos nos possíveis fracassos do processo de formação, para finalizar com a aceitação de um esforço individual capaz de desestabilizar todas as instituições envolvidas.

Em definitiva, a mulher conhece muito bem os riscos que seus desejos podem acarretar num contexto em que a vontade da mulher é nitidamente censurada, sabe de onde procede essa repressão, porém desconhece que os processos de disciplinamento geram nela um sentimento de culpa que a afasta em todo momento dos seus projetos, criando estratégias dolorosas para poder conseguir o que procura, sempre pensando em não prejudicar a sua família, a sua “responsabilidade” em primeiro lugar.

Se a culpa arquiteta seu discurso, expor as obrigações e pressões externas se transforma em uma forma de denunciar a forma como o poder patriarcal disciplina a sua condição de mulher, tornando-se um corpo desobediente, porém dissimulado a partir dos dizeres “performativos” que justificam a sua capacidade de “mulher pode tudo”. Nesse discorrer da nossa reflexão sobre como acontece a urdidura discursiva, a mulher se posiciona como acusadora da sua sujeição e expõe as suas fortalezas a partir da condição de mulher universal e não desde a sua subjetividade. Esse aspecto é sumamente importante porque posiciona a maioria das nossas participantes como sujeitos da desobediência que admitem nas suas falas uma identidade social que atribui força e resistência ao mesmo tempo, enquanto não se reconhece uma percepção cabal da submissão e controle, restringindo a emancipação e postergando seus desejos como prioridades principais.

No desenvolvimento da nossa dissertação, foram muitas as referências ao poder patriarcal e também mencionamos, reiteradas vezes, que o controle exercido pelas instituições reforçava, por meio do disciplinamento, as condutas das mulheres. Na família, esse disciplinamento foi relatado nas sequências discursivas que pretendiam justificar as exigências que as mulheres acadêmicas tinham quando decidiam iniciar uma pós-graduação e foi constatado que em muitos casos a gravidez aconteceu durante esse processo.

A medida que avançávamos, perguntamo-nos qual seria a causa de que a gravidez acontecesse nesse período e nos aventuramos em algumas respostas. Primeiro, pensamos que a idade das mulheres era um fator determinante, contudo não verificamos casos em que as mulheres relatassem que controlaram a gravidez ou planejaram uma gravidez para outro momento posterior à sua formação. Em outro momento, pensamos que a gravidez poderia ser uma consequência que estivesse relacionada com o afastamento acadêmico da mulher da relação conjugal, orientados por alguns depoimentos que mencionavam ciúmes por parte dos companheiros e conflitos por causa desse motivo. Essa questão que ficou sem resposta acrescenta um novo olhar com relação aos micropoderes, atuando na instituição família e que condicionam a relação do homem e da mulher na decisão de ter ou não filhos e quando o(s) teria(am).

Outras conclusões nos levaram a pensar na forma como a mulher expõe seu relato e apresenta a situação dos filhos sem comentar um planejamento familiar, descrevendo as suas dificuldades, porém silenciando se aquelas circunstâncias já tinham sido discutidas ou se surgiram ao mesmo tempo quando ela estudava. Nos relatos, essa informação sobre os acordos prévios com companheiros não é exposta, nem surgem muitos dados sobre o tipo de trabalho dos companheiros, informação que seria interessante comparar em uma outra abordagem complementar desta pesquisa.

A forma velada como o poder patriarcal se apresenta nos depoimentos levaram-nos à conclusão de que a grande maioria das mulheres participantes entende como necessário esclarecer que a sua função incontestável é a maternidade e o cuidado do lar, afirmações que não são discutidas porque ressignificam o lugar consolidado e também lugar de fala. A escrita de si observa-se como uma necessidade de se posicionar perante o poder patriarcal, ora na desobediência, ora no disciplinamento das suas funções, espaço simbólico onde o registro permite comprovar seu papel estabelecido socialmente.

A abordagem teórica que utilizamos trouxe novos aspectos para entender quais seriam as dimensões na interpretação dos depoimentos. As referências históricas sobre as mulheres no Brasil permitiram um olhar atento às causas e às consequências da forma como as mulheres se

expõem, e perante ao que se expõem, quando falam de si e dos outros, conforme as características culturais e as formas de se posicionar com relação aos homens. Foi possível observar que as participantes se sentiam livres nas suas exposições, marcaram essa necessidade de posicionamento e participação nas suas decisões, porém de uma forma frágil e ameaçada pelas suas próprias palavras, num estado de sujeição que só aproximava ainda mais à superfície as formas do disciplinamento.

Os relatos que discutiam aspectos do poder patriarcal e os desejos estavam marcados pelo jogo de forças que determinam as relações sociais nos seus próprios dizeres, manipulados pelas condições de produção e pelo contexto das situações expostas em cada caso. Enquanto as mulheres pressupunham certa liberdade, as suas falas se materializavam em negações, impedimentos, contrastes e clichês, assumindo a clausura nas instituições simbólicas e reais que as limitava. Foi possível comprovar que seus desejos de continuar suas formações cumpriram uma dupla função de caráter reivindicativo, como desobedientes e como constitutivos de uma subjetividade que se autoproclama existente.

A reflexão realizada nesta dissertação sobre essa realidade exposta das participantes, expõe uma restrição geral para toda forma de pensar e agir das mulheres, que conformam o nosso *corpus* sobre o vinculado com o tema da nossa pesquisa, considerando que: elas não conseguem de forma explícita denunciar as ataduras que significa sustentar um desejo; na sua decisão em estudar, que, em geral, acabam cedendo quando as dificuldades aparecem; na culpa que as levam a materializar discursos, procurando justificar sua desobediência enquanto denunciam de forma velada esse disciplinamento; no desejo que perseguem que acaba mitigado ainda quando conseguem a formação acadêmica; na insistência da capacidade de “poder tudo” para evitar culpas maiores. Contudo, e partindo dessa situação, qual é o papel da mulher e a verdadeira força na decisão em prosseguir os estudos? Qual é a sua liberdade de escolha entre se dedicar mais à profissão ou à família? Sem dúvida, uma luta que implica muito conhecimento da sua situação como sujeito disciplinado, assim como a força e a vontade que permitam vencer esses obstáculos, reais e simbólicos impostos pelo poder patriarcal, apesar de todas as barreiras, inclusive a sua própria.

Em todos os depoimentos da primeira pergunta, as mulheres que participaram afirmam que é possível uma dedicação acadêmica enquanto se ocupa das exigências familiares, porque nessa proposição afirmativa se encontra um valor de verdade assumido pelo seu desejo, único sobrevivente que justifica todo esforço e toda superação das barreiras que o poder patriarcal lhes impõe. Sabendo que os mecanismos de dominação permanecem e se configuram sistematicamente por meio dos dispositivos em uma determinada relação de poder, as



afirmações das mulheres sobre essa possibilidade conciliatória incluem já as impossibilidades que conhecem muito bem, as justificativas que serão dadas e até os discursos que antecedem a sua decisão.

Cabe destacar que, no plano da análise discursiva, foi necessário identificar as noções de discurso que seriam incorporadas, com o intuito de traçar um caminho menos sinuoso que facilitasse o acesso à informação relevante que necessitávamos para os nossos objetivos e possíveis constatações. Na esteira do pensamento foucaultiano, identificamos que os discursos das mulheres acadêmicas que participaram do fórum estavam sendo, necessariamente, continuidades irrefletidas de outros discursos e se organizavam conforme a ideia de um acontecimento verdadeiro, o qual deveria ser estudado como uma representação construída culturalmente pela realidade. A partir dessa constatação, o discurso tornou-se frágil e sensivelmente mais interessante para os nossos propósitos, uma vez que retomavam outros discursos e se manifestavam de maneira oculta.

Como mencionávamos, foi possível identificar um “silêncio” na omissão de certos assuntos não manifestos, entre enunciados que fugiam da pergunta principal ou descontinuavam a sequência de explicações para fazer referência ao sujeito da enunciação unicamente. Sobre essa questão, o discurso manifesto repousa sobre um já-dito e um jamais-dito que se manifesta por meio de um discurso sem corpo e que foi necessário mencionar em reiteradas vezes, como uma voz silenciosa e um vazio do próprio rasto.

Esse silêncio apresentou novos horizontes na abordagem que realizamos, porque começamos a perceber que os papéis sociais atribuídos podem ser percebidos sem que isso signifique mudar as estruturas do seu funcionamento, enquanto outras mulheres não se manifestam e reproduzem os discursos que as oprimem quando: a mulher se identifica com as multitarefas como algo comum e próprio da sua condição; os filhos e o marido são um impedimento para a conciliação e cuidar de familiares tem o mesmo peso e importância; a responsabilidade sobre os cuidados é assumida como o principal impedimento; a responsabilidade “por” supera qualquer desejo; não há planejamento para que ela possa estudar e toda possibilidade de fazê-lo fica condicionada ao seu papel de cuidadora do lar; o papel social da mulher torna-se a própria justificativa para a força de vontade; o fato de ser mulher significa poder superar todos os desafios sem questionamentos; as características do papel social, que é a submissão pela humildade, são assumidos pela mulher; a aparente superação de todos os obstáculos é resolvida apenas com ter objetivos que são relativizados; só as metas e os objetivos permitem a superação das barreiras; deve existir uma forte motivação para não desistir perante as dificuldades; assumir a multifuncionalidade é considerado algo “normal” da mulher, que

pode fazer ainda mais com apenas organização; a mulher não pode “falhar” porque pode (“deve”) fazer tudo e deve ser “perfeita” no seu processo; é uma exigência pessoal (assumida como tal) e social (desde o papel que possui); há uma necessidade de “concentração e força” para não falhar; a mulher não pode desistir porque não é aceito socialmente; a culpa e admitir que não pode com tudo, seria admitir que não assume seu papel de mulher; nos depoimentos se insiste na necessidade de objetivos e organização; a mulher, que conhece as barreiras impostas pelo poder patriarcal, entende como normal necessitar de força e foco para superar tudo.

A síntese que acabamos de apresentar sobre os efeitos de sentido mais importantes da pesquisa colabora para entender melhor que aquilo enunciado nos depoimentos se filia aos discursos do patriarcalismo e, ao mesmo tempo, são por ele gerados e mantidos e tem como principal alvo a fortaleza da mulher, a mesma que ela constrói para esses casos que envolvem seu desejo e que é anulada para outros papéis na própria sociedade. Em definitiva, se a mulher deseja estudar deverá ter forças para superar todos os obstáculos, porque “ela consegue”, porém, não estará preparada para se aventurar sozinha sem levar consigo a culpa e as responsabilidades que ela vê como próprias da sua condição de mulher.

Voltamos aqui ao tema do planejamento familiar, aspecto que não surgiu nos depoimentos e que silencia novamente a vontade da mulher como parte das necessidades familiares que devem ser discutidas, como o nascimento de um filho ou a mudança de trabalho. O fato de não ser mencionado nos depoimentos justifica a extensão na descrição dos conflitos, inclusive na primeira pergunta que não solicitava esses esclarecimentos. Novamente constatamos que o desejo da mulher não está contemplado na agenda do poder patriarcal que determina o que é importante para a vida das mulheres.

Sobre a segunda pergunta, a nossa reflexão manteve algumas presunções que se confirmaram posteriormente sobre a resolução dos conflitos por parte das mulheres. Cabe destacar que os contratempos apresentados não impediram à maioria das mulheres concretar seu desejo de concluir a formação, ainda que algumas afirmassem que isso não trouxe satisfação plena, porém, significou a luta contra esses desafios e uma motivação importante que se tornou a principal razão da força obtida para alcançar o êxito.

Essa ajuda, que implicou apoio moral, econômico e compreensão, nos permite concluir que existe uma necessidade urgente de promover políticas públicas que facilitem de forma eficiente o acesso de mulheres à formação superior em pós-graduações, aprimorando os benefícios existentes e, sobretudo, permitindo que o contexto de realização seja favorável em todas as circunstâncias, principalmente nos casos de gravidez e no afastamento remunerado do seu trabalho, total ou parcialmente, segundo os casos.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO, A. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. Cadernos do GEA. – n.6 (jul./dez. 2014). – Rio de Janeiro: FLACSO, Cadernos do GEA, n. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf) Com acesso em: 08/11/2018.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1949].

BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo. In: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36031/22220> Com acesso em 10/11/2018.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 [1999].

BRUSCHINI, Maria Cristina A. e RICOLDI, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. Cad. Pesqui. [online]. 2009, vol.39, n.136, pp.93-123. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000100006> Com acesso em: 12/10/2018.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan*. Tradução de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2008 [1993].

\_\_\_\_\_. *Deshacer el género*. Tradução de Patrícia Soley-Beltran. Madrid, España: Paidós, 2010a [2004].

\_\_\_\_\_. *El género en disputa*. Tradução de M<sup>a</sup> Antonia Muñoz. Madrid, España: Paidós, 2010b [1990].

\_\_\_\_\_. *Sujetos del deseo*. Tradução de Elena Luján Odriozola. *Reflexiones hegelianas en la Francia del siglo XX*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012 [1987].

COSTANTINO, M. N. A. & ALEJANDRO M. Feminismo psicanalítico norteamericano: apuntes teóricos de Nancy Chodorow y Jessica Benjamin. In: **VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII, Jornadas de Investigación. Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR**. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2015. Disponível em: <https://www.academica.org/000-015/21> Com acesso em: 10/11/2018.

DARWIN, CH. El origen del hombre: la selección natural y la sexual. Valencia: F. Sempere y C<sup>a</sup>, editores, 2009 [1909]. Disponível em:

[https://medicina.ufm.edu/images/7/7c/Elorigendelhombre\\_POR\\_CHARLES\\_DARWIN.pdf](https://medicina.ufm.edu/images/7/7c/Elorigendelhombre_POR_CHARLES_DARWIN.pdf)

Com acesso em 10/11/2018.

DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria Fátima Gonçalves Moreira e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.

FAEDRICH, A. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. In: **Soletras, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN**. Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Nº 34, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/helub/Downloads/30950-104272-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/helub/Downloads/30950-104272-1-PB%20(1).pdf) Com acesso em: 22/01/2019.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017 [1969].

\_\_\_\_\_. *Historia de la sexualidad. 1. La voluntad del saber*. Tradução de Ulises Guñazú. Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno, 2011a [1976].

\_\_\_\_\_. *Historia de la sexualidad. 2. El uso de los placeres*. Tradução de Soler Martí. Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno, 2010 [1984].

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Tradução de Abner Chiquieri. Org. Motta, M. Coleção Ditos & Escritos, V.9. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1994].

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 2004 [1979].

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b [1975].

GIULANI, P. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2017 [1997], pp. 640-668.

HOLANDA, S. B. II. *História Geral da Civilização Brasileira, t. II: O Brasil Monárquico, 5º vol. Do Império à República*. Rio de Janeiro, São Paulo: DIFEL, 1977.

JOST, M. A questão da culpa em sociedades pós-tradicionais: limites ou possibilidades para o sujeito sofrente? In: ROSÁRIO A. & MOREIRA, J. **Culpa e laço social: possibilidades e limites**. Barbacena: EdUEMG, 2013.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008 [1969].

KOCH, I. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2010 [1989].

LOURO, G. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2017 [1997], pp. 443-481.

MAGALHÃES, B. & SILVA, G. Mulher no trabalho, na família e na universidade. Revista eletrônica Arma da Crítica, Ano 2, Número 2, 2010. Disponível em:

[http://www.armadacritica.ufc.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&id=9:artigos&Itemid=64](http://www.armadacritica.ufc.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=9:artigos&Itemid=64) Com acesso em: 10/11/2018.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 [1992].

PASSOS, I. C. F. *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi, Lourenço Filho, Manoel Corrêa e Silvana Serrani. Campinas SP: Editora Unicamp, 2014 [1975].

PIETRANI, A. O Enigma “maternidade” em Machado de Assis. In: REIS, L. et. al. org. **Mulher e Literatura, VII Seminário Nacional**. Niterói-RJ: EdUFF, 1999.

POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: **Análise do Discurso**. V.6, nº 2, Marília: Cadernos da F.F.C.,1997.

PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2017 [1997].

SANTOS, A. Trabalho, família e vida pessoal: a presença e a contribuição das mulheres na academia, vis-a-vis a de seus colegas homens, uma abordagem crítico-dialética. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277935051\\_ARQUIVO\\_TRABALHO\\_COMPLETO.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277935051_ARQUIVO_TRABALHO_COMPLETO.pdf) Com acesso em: 12/10/2018.

STECANELA, N. & FERREIRA, P.M. *Mulheres e narrativas identitárias: mapas de trânsito da violência conjugal*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2011.

## APÊNDICE A

### Termo de consentimento livre e esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa de mestrado provisoriamente intitulada "MULHERES ACADÊMICAS E A ARQUITETURA DO DISCURSO CONCILIADOR: ENTRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A FAMÍLIA", orientada pela Professora Doutora Claudete Moreno Ghiraldelo do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.
2. o principal objetivo da pesquisa é identificar, em textos realizados por mulheres que cursem ou tenham culminado uma pós-graduação, os discursos que procuram conciliar e justificar a relação entre a vida acadêmica e os requerimentos familiares, conforme a perspectiva do poder patriarcal. Destacamos também como objetivos específicos, identificar os discursos análogos que permitem reconhecer a forma velada em que o poder patriarcal se manifesta; a forma em que os sentimentos de culpa e frustração se relacionam com a sobrecarga de tarefas que a mulher considera de sua responsabilidade, conjuntamente com aqueles discursos que posicionam a mulher como responsável direta do bem-estar familiar e como a causante de conflitos nos relacionamentos.
  - a. Você participará com seus depoimentos por ter sido convidada pelo pesquisador ou terceiros, e pelo fato de pertencer ao público alvo referido nos nossos objetivos.
  - b. Os objetivos deste estudo são, em linhas gerais, a análise dos discursos a partir dos depoimentos das mulheres participantes, procurando identificar as formas como se constrói a conciliação entre as "responsabilidades" familiares e os estudos.
  - c. Sua participação nesta pesquisa consistirá na resposta e exposição, de forma anônima, de experiências e casos em um fórum aberto, relacionados com as perguntas abertas formuladas como guia dos depoimentos.
3. Considerando que a nossa pesquisa envolve a descrição e a explicitação de opiniões pessoais, o participante pode se sentir constrangido ao registrar algumas respostas. Sendo assim, para amenizar riscos e/ou constrangimentos, garantimos que o sujeito-colaborador da pesquisa estará livre para responder as questões da maneira como quiser ou até deixar de responder algumas delas, se considerar necessário. Nosso intuito é o de deixá-lo completamente à vontade, a fim de que possamos prestar a devida assistência ao participante. O pesquisador não terá, em momento algum, conhecimento da autoria do depoimento. Nesta pesquisa, esperamos como benefício, que a mulher possa, por meio da análise textual, compreender os diversos discursos que a sua fala apresenta. Garantimos que o pesquisador prestará os devidos esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, a respeito dos procedimentos envolvidos.
4. Como participante da pesquisa, você não terá gasto ou despesa, no entanto, caso isso ocorra, você deve desistir da participação no fórum. Como forma de acompanhamento e assistência aos participantes da pesquisa, informamos que ficaremos à disposição dos mesmos durante e após o término, no próprio fórum, para atender quaisquer solicitações.
5. Os dados obtidos serão divulgados de forma anônima, já que se desconhece a autoria dos textos analisados, e estarão à disposição das que declarem ter participado, caso queiram ter acesso às suas informações. Como não

conhecemos a autoria dos depoimentos, desconsideraremos qualquer autoria declarada após ser publicada no fórum. Os dados coletados ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de 3 anos, após essa data, eles serão devidamente descartados.

6. Como participante, você terá a liberdade em recusar a participar após o convite ou retirar seu consentimento, previamente ao registro do seu depoimento no fórum.
  - a. Desistir de participar implica o não registro do seu depoimento no fórum. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
7. Garantimos que manteremos o sigilo que assegure sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, sugerindo imediatamente que retire seu nome ou dados pessoais de identificação, caso apareçam no depoimento e o próprio depoimento do fórum.
  - a. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois não conhecemos a identidade das participantes.
8. A participação no fórum com um depoimento implica a aceitação total do termo.

  
Héctor Luis Roefero Baz Reyes

E-mail: [hector.baz@uol.com.br](mailto:hector.baz@uol.com.br)

Endereço institucional: DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS  
Secretaria do Departamento de Letras  
Rua Visconde do Rio Branco, 22, Taubaté - SP - CEP: 12020-040  
E-mail: [linguisticaaplic.unitau@gmail.com](mailto:linguisticaaplic.unitau@gmail.com)  
Contato: (12) 3621-2666

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

## APÊNDICE B

### Respostas da primeira e segunda pergunta do fórum, Pp.D e Sp.D.

**Pp.** “Considera possível se dedicar à vida acadêmica e conciliar as exigências familiares ao mesmo tempo?”

**Pp.D.1.**

Qua 22 Mar 2017 - 2:24

Sim, acho que seja possível. No entanto, é exigido do estudante (mestrando ou graduando) muita disciplina e controle emocional. E, obviamente, compreensão e colaboração dos demais membros familiares.

**Pp.D.2.**

Qua 22 Mar 2017 - 3:40

Acredito que conciliar estudos e família depende da configuração familiar em que vive cada pessoa. No meu caso, o avanço nos estudos, na Pós-Graduação, implicou na ruptura de uma relação estável. O desgaste sofrido nesse processo de ruptura, possivelmente, fez com que aos poucos eu optasse pelos estudos e pelo trabalho, deixando o projeto de "construção de uma família" em último plano.

**Pp.D.3.**

Qua 29 Mar 2017 - 17:54

Acredito que seja possível sim conciliar as atividades, no entanto, isso exige a cooperação de todos os membros da família e um grande esforço por parte da pessoa que tem a tripla jornada de trabalhar, estudar e "viver". No meu caso, moro com meu companheiro (que trabalha na indústria), mas não temos filhos (imagino que com filhos a coisa se complique infinitamente). Mesmo assim, já houve conflitos por causa de minha dedicação ao meu trabalho. Tivemos que conversar muito e eu esclareci que a docência e o estudo são partes importantes da minha vida (e que estão sempre lado a lado) e que eu escolhi uma área de trabalho que exige dedicação fora do local de trabalho também. Não é porque estou em casa que não estou trabalhando. Na experiência dele, o trabalho acaba ao bater o ponto no final do dia. É difícil para os homens, eu imagino, aprender a conviver com mulheres independentes e centradas em suas carreiras já que esse não é o padrão na nossa sociedade. "Dividir" a atenção e a dedicação à vida familiar com outras exigências é um trabalho em construção para mim. Meu companheiro e eu dividimos todas as tarefas domésticas e entendemos que às vezes elas ficarão de lado. Meu relacionamento anterior durou dez anos e eu não enfrentei nenhum problema naquela época, primeiramente porque meu companheiro era um "acadêmico" como eu e também porque nós não trabalhávamos formalmente, eramos bolsistas durante a graduação e o mestrado. A dinâmica era completamente diferente dadas as circunstâncias.

**Pp.D.4.**

Qua 5 Abr 2017 - 16:40

Sim, tal conjugação de tarefas familiares e exigências acadêmicas é possível, desde que nos organizemos em tempo e em finanças. Tenho dois filhos - e tanto no mestrado quanto no doutorado, apesar de já separada dos pais dos meninos, felizmente pude contar com a cooperação na divisão dos encargos com as crianças. A flexibilidade de horário, possível na vida acadêmica, configurou um facilitador significativo, pois me valia de noites, madrugadas, fins de semana para conseguir cumprir as demandas diversas. Meus filhos foram especialmente compreensivos, 'absolvendo-me' de pontuais desatenções ou novos acordos nas dinâmicas pessoais e de escola.

**Pp.D.5.**

Qua 5 Abr 2017 - 20:08

Sou o exemplo que posso usar. Trabalho, tenho uma filha adolescente e um filho adulto. Fiz dois anos de graduação e agora terei um ano e meio dedicado para pós graduação. Conto com meu parceiro para tudo, desde o horário que acordamos até o horário que vamos nos deitar. Isso inclui levar filho para escola, trabalho, supermercado, pagamento de contas, solução de problemas corriqueiros, faxina (sim ele faxina comigo aos sábados) entre outras coisas. As exigências familiares, na minha casa, não são somente femininas, são do todo, são



da família. Não é fácil, mas saber que posso contar com ele, me motiva a pensar em um futuro mestrado. Somos parceiros! Eu dele e ele meu!

**Pp.D.6.**

Qui 6 Abr 2017 - 1:21

Sou casada há 08 anos. Me casei no mesmo ano que iniciei o mestrado. Sempre estudei e trabalhei, inclusive durante o período do mestrado. Ser casada nunca foi algo que interferiu na minha vida acadêmica, tenho um companheiro que me apoia nos estudos, nas idas em congressos, reuniões acadêmicas e nas escolhas profissionais que se conciliem com a vida acadêmica. Conto também com o incentivo e apoio emocional do meu companheiro nos momentos difíceis que a pressão da vida acadêmica impõe. Portanto, a vida acadêmica nunca foi incompatível com o modelo familiar que tenho, no qual não há uma visão de que a mulher deve cuidar do lar, das tarefas domésticas, não pode evoluir academicamente e profissionalmente. No entanto, não consigo pensar em ter filhos, tenho adiado essa decisão por alguns motivos e um deles é o fato de querer continuar a me dedicar aos estudos, finalizar um doutorado. Não consigo imaginar na minha vida atual espaço para filho, pois acredito que as demandas da maternidade, como licença maternidade, amamentação, cuidados com uma criança não são compatíveis com a dedicação que preciso ter para a realização de um doutorado e ainda me dedicar ao meu trabalho. Mesmo tendo um companheiro que divide as tarefas domésticas, a gestação é no corpo da mulher, a amamentação é algo da mulher enfim, o primeiro ano de vida de um bebê requer muito da mulher e eu priorizo outras coisas no momento.

**Pp.D.7.**

Sex 7 Abr 2017 - 14:27

Conciliar os estudos de pós-graduação com a vida familiar é possível, mas exige dedicação e seleção de prioridades. À medida que se avança no processo de qualificação profissional, seguindo a ideia de especialização, mestrado e doutorado, se tem menos tempo livre para cuidar da vida pessoal, e às vezes o estudo é deixado de lado por surpresas como gravidez não-planejada ou adoecimento de um ente querido. É preciso que qualquer pessoa que busque estar na academia faça concessões, e por isso, às vezes, planos de formar uma família, casar, ter filhos são adiados, caso existam. Sou solteira, não tenho filhos (nem pretendo, no momento), não sou casada (nem pretendo, no momento) e relações familiares/sociais não me atrapalham na minha vida acadêmica. Para mim, o maior percalço é conciliar o trabalho com os estudos - o tempo ocupado, o dinheiro e as exigências dos chefes são os fatores que mais influenciam de forma negativa na minha dedicação acadêmica.

**Pp.D.8.**

Seg 17 Abr 2017 - 4:15

Eu acredito que a partir do momento em que a dedicação está voltada à vida acadêmica, as exigências familiares ficam em segundo plano. Ainda mais se existir uma terceira atividade, se trabalhar. Vejo a palavra "dedicação" como uma palavra bastante forte. Para atender a essa dedicação, significa que a preocupação está em priorizar o tempo para o sucesso da vida acadêmica.

**Pp.D.9.**

Qua 17 Maio 2017 - 9:33

Creio que essa "conciliação" está subordinada a alguns fatores que, nem sempre estão ao alcance da mulher quando ela é mãe e esposa, uma vez que dependem de outras pessoas. Sobretudo se essa mulher foi criada de modo tradicional, para cumprir um papel de mãe e esposa dedicadas. Eu sei que isso está ultrapassado, mas percebo que esse é um "fardo" que praticamente nasce com a filha, que desde a infância brinca de casinha, que embala a boneca e, quando chega à idade adulta, percebe-se incapaz de administrar, sem sentir culpa, o seu desejo pessoal por uma carreira bem-sucedida, com uma projeção e um discurso familiar internalizados de uma vida inteira. É um comportamento inconsciente, mas que está lá, na sua memória física e afetiva, na imagem de uma mãe/avó/tia/vizinha "do lar" que cuidava bem da casa e dos seus.

E se isso (a culpa) ocorre com as profissionais das grandes capitais, que tiveram uma formação mais progressista, imagine a proporção do dilema enfrentado pelas mulheres interioranas, cuja educação tinha como coroamento a composição de uma família bem estruturada. Aqui, também deve-se levar em consideração fatores como o econômico e o cultural: já que uma família mais abastada poderia proporcionar uma educação voltada a uma formação acadêmica contínua, ao passo que uma família mais simples proporcionaria aos filhos uma educação básica e que os inserisse no mercado de trabalho, em colocações inferiores e mais precocemente, o que dificultaria sua dedicação a uma posterior vida acadêmica mais sólida.

Portanto, ainda que a mulher tenha sido criada nesses padrões e sinta um pouco de culpa, por abandonar a casa e a família, seu respaldo será muito maior e melhor se o(a) parceiro(a)/família/filhos compreenderem essa

necessidade de aperfeiçoamento pessoal dela. No entanto, a não compreensão de tais exigências da mulher, pelo(a) parceiro(a)/família/filhos, fatalmente acarretará uma escolha entre a carreira e a composição familiar. Não há culpados sobre tal problemática, haja vista ser uma questão do papel social atribuído à mulher, desde sempre, em uma sociedade machista, misógina e que desconsidera a potência do feminino – o que deve ser desconstruído diariamente. Conheço excelentes profissionais que sofrem com esse estado de coisas opressor: se não é a família, no papel do parceiro(a), pais e filhos, são os chefes e os colegas de trabalho e academia. De modo que se transformar em uma profissional de relevância, depende da desconstrução de discursos e comportamentos internalizados, o que tira da zona de conforto e que demanda uma opção. Cada escolha, uma renúncia! E se agora a mulher é capaz de eleger prioridades, talvez isso se faça com algum sacrifício moral, mas que deve ser levado adiante, para que se conquiste espaços e não se viva na sombra de outrém.

**Pp.D.10.**

Qua 17 Maio 2017 - 15:04

Conciliar a vida acadêmica com a familiar (e muitas vezes a profissional, ainda) não é tarefa fácil para as mulheres. Entendo que carregamos um peso a mais em nossas costas por sermos do sexo feminino. Ainda não tenho filhos, mas já considero a minha rotina um pouco tumultuada, uma vez que compete a mim manter a casa mais ou menos organizada (porque totalmente é impossível), além de ter que me dedicar à minha profissão e aos meus estudos (segunda graduação e pós EAD). Acredito que as mulheres acadêmicas, de um modo geral, acabam impondo prioridades no seu dia-a-dia para dar conta de tudo. Eu mesma só consigo estudar quando meu namorado se ausenta, pois me sinto mais livre para ler e escrever meus trabalhos, por isso, me organizo para dar conta dos estudos no turno da tarde, no período de segunda a sexta. Enfim, percebo que (ainda) não é fácil ser mulher, mãe, esposa e acadêmica na sociedade em que vivemos.

**Pp.D.11.**

Qua 17 Maio 2017 - 17:28

É bastante difícil conciliar as duas coisas. É necessário muita vontade e energia extra para dar conta da vida acadêmica, tarefas domésticas, as exigências familiares e também no meu caso o trabalho. É possível conciliar, mas creio que algumas das tarefas ou exigências de ambos não serão realizados com a atenção necessária, algo não vai ficar exatamente como gostaríamos. Creio que só realmente quem está muito focado na atuação acadêmica e possui metas bem definidas, segue os dois caminhos. Também é necessário organizar-se, aproveitar o tempo da melhor forma possível, de acordo com as necessidades de cada parte. Mas, não é todo mundo que conclui até o fim aquilo que se propõe, porque devido as exigências, dificuldades, cansaço ou até mesmo sanidade, muitos abandonam a caminhada antes da sua conclusão.

**Pp.D.12.**

Qua 17 Maio 2017 - 17:35

É muito difícil conciliar tudo que temos que fazer com a vida acadêmica....algumas coisas do dia a dia ficam de lado para conseguir entregar a demanda do estudo...no meu caso não tenho filhos ou marido, porém, tenho familiares que dependem de mim como minha avó. Apesar disso consigo equilibrar os afazeres deixando de lado coisas que incomodam quando deixadas por muito tempo de lado como a limpeza da sua casa ou seus cuidados pessoais. Uma vez queria cortar o cabelo e tive que adiar por mais de dois meses por não conseguir achar tempo para fazer. Mas é possível sim, apesar de ter muita cobrança por atenção ou por tempo de outras pessoas, a maioria das vezes a ausência dessa atenção acaba sendo perdoada. O mais difícil é você conciliar o trabalho e estudos, já que o trabalho demanda tanto tempo de atenção quanto o estudo e por este motivo vc deve se desdobrar para atender as demandas que a vida lhe envia. Se vou não for uma mulher estressada no final você consegue superar tudo.

**Pp.D.13.**

Qua 17 Maio 2017 - 18:13

Creio ser bem difícil conciliar estudos, casa, filhos, trabalho... Fiz meu ensino médio e graduação à noite e trabalhando o dia inteiro. Quando me formei saí do emprego para me dedicar aos estudos e nisso eu já estava casada, mas não tinha filho. Produzi artigos, apresentei trabalhos, fiz cursos e duas especializações e já trabalhava como professora. Tive muitos problemas pessoais e em 2014 engravidei, pois queria muito um filho. Consegui passar em concurso público quando meu bebê estava bem pequeno. Consegui estudar, pois estava em licença. Hoje tenho 48 horas de trabalho semanais, casa e meu filhote. Gostaria muito de voltar a me dedicar aos estudos, pois quero fazer mestrado, mas por enquanto meu bebê ainda precisa muito de mim e o trabalho de casa (limpeza,

contas, mercado), no qual sou responsável, me toma muito tempo, além do trabalho docente. O meu desejo é esperar o meu bebê ficar um pouco mais independente para eu fazer o mestrado, pois meu salário aumenta consideravelmente com esta titulação.

**Pp.D.14.**

Qui 18 Maio 2017 - 0:34

Não é fácil estudar, trabalhar e cuidar da família ao mesmo tempo, mas no momento em que decidi voltar a estudar pensei em muitos fatores que teria que enfrentar durante este percurso. Creio que com organização e responsabilidade consigo encaixar durante meu dia tudo o que tenho que fazer , tanto na vida familiar quanto na vida estudantil.

**Pp.D.15.**

Qui 18 Maio 2017 - 2:52

Admin escreveu:

Sim, acho que seja possível. No entanto, é exigido do estudante (mestrando ou graduando) muita disciplina e controle emocional. E, obviamente, compreensão e colaboração dos demais membros familiares.

COM CERTEZA ESTE É O OBJETIVO DISCIPLINA E AUTO CONTROLE PARA PODER VENCER OS DESAFIOS

**Pp.D.16.**

Qui 18 Maio 2017 - 14:34

Sim, claro! Nós mulheres fazemos isso há muito tempo. É preciso ter disciplina e uma rede de apoio, pois sozinho não se vai longe.

**Pp.D.17.**

Qui 18 Maio 2017 - 17:12

É possível sim! Contudo, é preciso bastante disciplina para atender às demandas. Além de ter muita humildade e pedir ajuda. Não adianta ser orgulhosa e querer fazer tudo sozinha! Se pudermos contar com nossos pares melhor ainda. A mulher é multifacetada e multifuncional, mas precisa ter um controle sobre isso.

**Pp.D.18.**

Qui 18 Maio 2017 - 21:54

É possível conciliar trabalho, estudo, casa, filhos.... , mas tudo isso só é possível quando temos um objetivo, uma meta.

Aprender coisas novas nos dão ânimo, vida nova, principalmente quando estamos na "meia idade" e as facilidades do estudo a distância (EAD), nos proporciona a programarmos nossa agenda, conforme tempo disponível, sem deixarmos de sermos mãe, dona de casa, mulher, ...

**Pp.D.19.**

Sex 19 Maio 2017 - 0:27

Sim ,é possível ,fazemos muitas coisas por vezes ,é massante mas creio que de forma ordenada e regrada conseguimos nos dedicar aos estudos com muito interesse.

**Pp.D.20.**

Sex 19 Maio 2017 - 2:33

Sim, apesar de algumas exigências considero possível.

Confesso que cursar duas graduações, trabalhar, estagiar e ainda dedicar-se à família e namorado possam não ser tarefas tão fáceis assim! Mas, a o esforço e a vontade são mais influentes do que os níveis de preocupações constantes. Conciliar tudo sem misturar conteúdos e compreender os mesmos, estimular o interesse e a linguagem para expressá-los, não se preocupar com os trabalhos para fazer e entregar enquanto está trabalhando, obter concentração e criatividade para planejamento de aulas e ainda ter o tempo para a família, consiste em uma exigência pessoal e social em realizar todas as tarefas com dedicação e perfeição e assim exigindo e procurando

manter uma organização e conscientização do que estamos realizando. Acredito que para alcançarmos nossos sonhos, metas ou objetivos, devemos lutar e correr atrás. Aparentemente pode parecer difícil, e sim, pode ser um pouco... Mas acredito que buscando manter vínculos com nossa auto-estima, tudo se encaixa no momento certo e é possível realizar tudo com gratificação.

**Pp.D.21.**

Dom 21 Maio 2017 - 15:51

Considero ser possível, mas não é fácil. Muitas vezes é preciso foco e força de vontade para não desistir, além de aceitação e apoio da família.

**Pp.D.22.**

Ter 23 Maio 2017 - 21:09

Na minha experiência isso foi possível. Sou solteira e sem filhos.

**Pp.D.23.**

Seg 5 Jun 2017 - 2:16

Acredito que é possível sim, pois quando realmente se quer algo, dá-se um jeito. É difícil, mas quando se coloca um objetivo como prioridade, se consegue. Claro que precisa de muita dedicação e organização.

**Sp:** “Desde o momento em que você decidiu se dedicar aos estudos, houve contratempos que dificultaram seus objetivos? Se houve, fale sobre eles, dê alguns exemplos”.

**Sp.D.1.**

Ter 23 Maio 2017 - 15:50

No meio do meu doutorado em 2006 tive a minha segunda gravidez. A sorte é que tive uma orientadora muito compreensiva que me apoiou desde o início (ela mesma enfrentou muitos problemas com filhos pequenos na pos graduação no passado) .

No último mês de gravidez tive que me afastar por causa do perigo de um parto prematuro fiquei em repouso absoluto, e retornei as minhas atividades de pesquisa após o bebê completar 3 meses... mas foi fundamental o apoio que tive da minha orientadora desde o início, me lembro até hoje que ia a campo pesquisar com o barrigão em clínicas e hospitais e sempre me confundiam com pacientes e não me viam como pesquisadora.

**Sp.D.2.**

Ter 23 Maio 2017 - 17:18

(30-40). Houve diversos contratempos. Eu entrei no doutorado e engravidei. Meu orientador sempre foi meu grande apoiador e incentivador. Ele é um exemplo de acadêmico. As principais dificuldades vieram de colegas da instituição de ensino (particular) em que eu dava aula. O meu ingresso no doutorado combinado com a dedicação exclusiva à docência pareceram se tornar a grande ameaça da vida dos meus colegas. Sofri toda a sorte de retaliações a partir do momento que informei minha gravidez com quatro meses de gestação. Inclusive, perdi uma oportunidade de bolsa em função das ações de minha chefia nessa instituição, que viria a me demitir em meu retorno da licença maternidade. Na faculdade onde faço o doutorado, tive imenso apoio de uma professora jovem, sem filhos, que estava sempre atenta às necessidades do momento. Eu pensei em desistir de uma disciplina em virtude dos enjoo constantes, e ela interveio perante os demais professores para pensarem uma atividade que estivesse ao meu alcance. Depois que meu bebê nasceu, ela perguntou se eu queria levá-lo às aulas.

**Sp.D.3**

Ter 23 Maio 2017 - 20:37

Tenho 29 anos e título de mestre. Tive a sorte de não ter enfrentado problemas no âmbito familiar, pois além de receber muito apoio de minha família (pai, mãe e irmã), não sou casada e tampouco tenho filhos. Sendo assim, minhas dificuldades foram mais no sentido de me sustentar. Consegui realizar este mestrado nos Estados Unidos porque consegui uma bolsa de estudos da CAPES, sem a qual isto teria sido impossível. Tenho a intenção de iniciar um curso de doutorado nos próximos anos e acredito que este será meu maior desafio: conciliar a vida profissional,

conseguir me manter com um fluxo razoável de trabalhos e rendimentos, e ao mesmo tempo me dedicar à carreira acadêmica.

#### **Sp.D.4.**

Ter 23 Maio 2017 - 20:52

Sim tive contratempos para conciliar estudos e família.

Fiquei grávida durante o mestrado e tive que me desdobrar para concluir...os professores incentivam a conclusão, mas desacreditam que vamos conseguir...rs

Terminei o mestrado em 2010, e estou adiando iniciar o doutorado porque penso que não vou conseguir, ou que sera muito difícil, conciliar estudos e família.

#### **Sp.D.5.**

Ter 23 Maio 2017 - 21:30

No meu caso, os contratempos para seguir os estudos foram profissionais. Tenho 24 anos e faço pós-graduação em estudos culturais. Dentro da minha área de formação, que é a comunicação, sinto um certo preconceito pela linha de pesquisa que sigo. Estudar cultura vai além de uma capacitação profissional. Quem carrega essa dedicação enxerga a cultura como ferramenta de transformação social e isso, muitas vezes, incomoda um mercado que acredita em uma inovação puramente tecnológica, distante da história, memória e identidades. Por esse motivo também, encontro dificuldade de me colocar no mercado na área cultural, alinhando o acadêmico e a prática. Trabalho em um outro segmento da comunicação, para não deixar de atuar profissionalmente. Consequentemente, as escolhas de pesquisas também demandaram dificuldades financeiras. Boa parte do meu salário é reservado para os estudos, congressos e demais eventos acadêmicos. Acho que nessa questão se encaixa também, a nítida diferenciação de gênero no mercado. Eu, mulher, trabalho mais que meus colegas comunicadores homens e eles ganham muito mais do que eu e minhas outras colegas mulheres. Porém, em meio às dificuldades e lutas, não gostaria de seguir outro caminho. Me sinto realizada pelas minhas escolhas acadêmicas que, como disse acima, vão muito além do que uma "capacitação profissional" ou "ambições financeiras". Elas caminham juntas com as minhas ideologias e propósitos de vida.

#### **Sp.D.6.**

Qui 25 Maio 2017 - 23:14

Minhas maiores dificuldades estão relacionados ao tempo dedicado aos estudos. Hoje, com minha segunda graduação e pós em andamento, ambas EAD, sofro por não conseguir um tempo hábil para ler com cuidado e fazer as atividades solicitadas. Como trabalho em escola e em cursos, meu tempo acaba sendo um pouco restrito e, por ser professora, sempre levo trabalho para casa. Percebo que meus contratempos são quase diários, salvo quando consigo fechar minha agenda para não trabalhar no reforço escolar. Até o momento, dei conta de tudo, mas, não nego, a semana para mim é árdua e, por vezes, desmotivadora!

#### **Sp.D.7.**

Sex 26 Maio 2017 - 22:59

Tenho 38 anos e tive dificuldades sim. Tive uma filha quando estava no quarto ano da faculdade. No decorrer do quinto ano, quando me formei, separei-me do meu marido. Ele não me apoiava em meus estudos e era excessivamente ciumento. Voltei a morar com meus pais. Logo após terminar a faculdade, ingressei no mestrado. Na casa dos meus pais, que sempre me ajudaram muito, comecei a ter problemas com meu irmão, então fui morar sozinha com minha filha. Como eu estudava e trabalhava, minha mãe me ajudava com a bebê e eu pagava uma babá para ajudar. Sim, eu também trabalhava. Era tudo muito corrido, lembro de sentir muita culpa por não conseguir dar tanta atenção à minha filha. Mas, por outro lado, sentia-me satisfeita com o trabalho e com os estudos. Terminei o mestrado em 2004 e continuei trabalhando, mas, nesse ano, tive um problema de saúde muito sério, uma trombose. Bem nessa época da internação (véspera do aniversário de 5 anos da minha filha), eu estava em vias de reatar o relacionamento com o pai dela. Mas, novamente, não deu certo. Em 2005 conheci meu atual marido. Nessa época eu estava só trabalhando. Sabendo do meu interesse em fazer doutorado, ele me apoiou bastante, foi um grande incentivador. Ingressei no doutorado em 2006, com forte incentivo da orientadora do mestrado. Casei-me em 2007. Meu marido me ajudava muito, mas eu tinha dificuldade para me concentrar nos estudos, considerando-se que eu estava construindo um novo relacionamento. Em 2009 engravidei novamente e tive grande dificuldade para levar o doutorado adiante, pois eu passava mal constantemente. Pela segunda vez (a primeira foi no decorrer do mestrado e logo após a sua conclusão), tive um quadro de depressão leve. Recorri a psiquiatra e tomei remédios, apoiei-me em meu marido, minha filha, meus pais, todos me ajudaram muito. Estive

a ponto de desistir várias vezes, mas minha orientadora incentivou-me o tempo todo, foi paciente, presente... muitas vezes não agiu como orientadora, mas como amiga mesmo. Chegou a deixar o trabalho em segundo plano e esforçou-se em me animar. Tive de pedir uma prorrogação de seis meses. Minha segunda filha nasceu um mês depois de eu entregar a tese. A defesa ocorreu quando ela ainda não tinha três meses. Pensando em tudo isso, entendo por que, até hoje, não consigo me sentir como uma acadêmica de fato. Gosto muito de ler, de estudar, mas nunca consegui me dedicar realmente a pesquisar de modo profissional, a escrever para publicar, a participar de eventos científicos com regularidade... Admiro quem consegue fazer tudo isso. Hoje me aceito como alguém que gosta de estudar, mas ama, sobretudo, estar com minha família. Não quero nada diferente disso.

#### **Sp.D.8.**

Dom 4 Jun 2017 - 21:05

Eu enfrentei muitos problemas para estudar, sempre. A minha lista de problemas é longa. Cada vez que reflito fico muito assustada e nem sei explicar como consegui seguir adiante em meio a tantos constrangimentos na vida acadêmica e profissional, e na vida profissional também. Ao pensar no que está no centro desses problemas, creio que é a questão de classes. A minha origem social pesa demais. Para esse relato, escolho uma das dimensões dos problemas que enfrento para estudar. Moradora de um bairro periférico de uma cidade periférica, a cada avanço na escolaridade aumentava o tamanho do deslocamento que eu tinha que fazer para estudar. No início do doutorado, eu trabalhei com 24 turmas de ensino médio, em duas redes de ensino. Nessa agenda lotada, eu encontrava espaço para cursar as disciplinas na universidade. Gastava cerca de 4 horas para ir e mais 4 horas para retornar para casa. No segundo ano do doutorado pensei em desistir, pois já não tinha mais forças para enfrentar viagens e trabalhar. A chegada de uma bolsa de estudos da Capes me fez desistir dos meus empregos (concurados). Continuei somente com a pesquisa. Vale dizer que no ensino fundamental ia de ônibus para a escola que ficava no centro da cidade onde moro. No ensino médio viajava uma hora e meia. Na graduação fui para outro estado brasileiro. Na pós-graduação para o interior de São Paulo (moro na RME). O único deslocamento voluntário que fiz se deu num estágio de doutorado no exterior. Os deslocamentos criaram dificuldade imensas na vida privada: ciúmes de um companheiro que sempre achou que eu o traía por mais que eu dissesse que eu gastava horas no transporte, simplesmente; incompreensão dos familiares sobre o tempo gasto com os estudos - sempre pareceu (e parece) que estava/estou fazendo algo inútil. Além disso estar longe das instituições sempre fez com que eu não pudesse aproveitar muitos de seus benefícios. Estudei em instituições renomadas, mas não pude participar de tudo o que queria.

#### **Sp.D.9.**

Sex 16 Jun 2017 - 2:30

(30-40) as maiores dificuldades são se adaptar e conciliar todas as atividades diárias e estudantis. Como não tenho filhos ou marido, facilita a minha vida devido não ter que tentar encaixar os dois na minha rotina. Mas mesmo assim as vezes penso que não conseguirei dar conta de tudo...Mas está dando certo

#### **Sp.D.10.**

Qua 21 Jun 2017 - 22:20

(30-40) Durante a graduação não tive obstáculos que atrapalhassem minha formação, pois era adolescente e morava com meus pais e meu tempo era exclusivamente dedicado aos estudos. Após a graduação fiz duas especializações: uma com carga horária de 60 horas semanais - nessa época morava sozinha; a outra especialização foi EaD, eu já estava casada. Em nenhum desses momentos percebi dificuldades. Contudo, atualmente, penso muitas vezes em tentar um mestrado, porém, também penso em ter filhos e essas duas opções me parecem conflitantes, pois minhas características pessoais não comportariam essas duas "funções" ao mesmo tempo. Mas além disso, percebo que esse tipo de dilema se apresenta bastante atrelado aos papéis femininos, pois os homens, em sua maioria, não consideram que as áreas pessoal e profissional sejam conflitantes. De acordo com a minha experiência e percepção, esse discurso vem das mulheres por conta dos diferentes papéis que são exigidos de nós e do tipo de "dedicação" exigida (diferente da masculina). Essas diferenças, além de sociais e culturais, dizem respeito também a questões biológicas - eu, por exemplo, tenho o desejo de fazer mestrado/doutorado e depois pensar em filhos, entretanto, por conta da idade, a ordem desses projetos acaba tendo que ser reconsiderada.